

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

SARA GONÇALVES RABELO

A CONSTRUÇÃO DOS DEUSES NO *DE NATURA DEORUM* DE MARCO TULIO
CÍCERO

UBERLÂNDIA
2017

SARA GONÇAVES RABELO

A CONSTRUÇÃO DOS DEUSES NO *DE NATURA DEORUM* DE MARCO TULIO
CÍCERO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Lógica, Conhecimento e Ontologia.

Orientador: Prof. Dr. Dennys Garcia Xavier

UBERLÂNDIA

201

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R114c Rabelo, Sara Gonçalves, 1990-
2017 A construção dos deuses no De Natura Deorum de Marco Tulio
Cícero / Sara Gonçalves Rabelo. - 2017.
85 f.

Orientador: Dennys Garcia Xavier.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.30>
Inclui bibliografia.

1. Filosofia - Teses. 2. Cícero. - De Natura Deorum - Crítica e
interpretação - Teses. 3. Epicurismo - Teses. 4. Estoicismo - Teses. I.
Xavier, Dennys Garcia. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDU: 1

A CONSTRUÇÃO DOS DEUSES NO *DE NATURA DEORUM* DE MARCO TULIO
CICERO

Dissertação aprovada para obtenção do título
de Mestre no Programa de Pós-Graduação em
Filosofia da Universidade Federal de
Uberlândia pela seguinte banca examinadora:

Uberlândia, 20 de dezembro de 2017.

Prof. Dr. Dennys Garcia Xavier

Prof. Dr. Anselmo Tadeu Ferreira

Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista

Dedico este trabalho aos meus pais, Mario e
Maria Telma, e à minha madrinha Marisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter sido este o primeiro a me instigar a estudar as letras latinas.

Ao Prof. Dr. Dennys Garcia Xavier por confiar e acreditar no meu trabalho e por me aceitar como orientanda nesses dois anos de mestrado.

Ao Prof. Dr. João Bortolanza por ter aceitado orientar uma aluna que não sabia Latim e por ter apresentado Marco Tulio Cícero. Além da admirável paciência e dedicação durante os dois anos de iniciação científica.

Ao Prof. Dr. Frederico de Souza Silva pela paciência e por ter sido um grande exemplo.

Ao Prof. Dr. Anselmo Tadeu Ferreira pelas sábias palavras durante a qualificação.

Aos meus pais, Mario e Maria Telma, os quais sempre foram meus maiores incentivadores. Obrigada mãe, minha companheira de congressos! Obrigada pai, que inúmeras vezes fez o impossível para que pudéssemos alcançar nossos sonhos.

Ao meu irmão, Eder e sua esposa Fernanda, que me deram dois tesouros que alegram constantemente meus dias: Clara e Miguel.

Agradeço a minha família e, em especial, a minha tia e madrinha Marisa, por ser um grande exemplo de pessoa e por ter me incentivado a continuar na vida acadêmica.

Aos meus avós, José Gonçalves e Maria Diniz, que desde a infância me incentivaram nos estudos e me mostraram o que é correto.

À minha amiga e prima Juliene por compartilhar comigo as experiências do mestrado.

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e a Andréa, pela paciência e por sempre tirar minhas dúvidas.

“Quando os Valar nos concederam a Terra da Dádiva, não nos fizeram seus representantes: recebemos o Reino de Númenor, não o mundo. Eles são os Senhores. Aqui devíamos afastar o ódio e a guerra; pois a guerra terminara, e Morgoth havia sido expulso de Arda. Assim julguei, e assim me ensinaram”

(J.R.R. Tolkien – Contos Inacabados)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo apresentar e discutir as doutrinas epicurista, estoica e a nova academia com o intuito de compreender a construção dos deuses na obra intitulada *De Natura Deorum* de Marco Tulio Cícero. Para a análise da obra não foi feita uma história da filosofia geral, portanto não foram aprofundados os elementos externos, mas uma história da filosofia de Cícero com o intuito de compreender as concepções do autor. A obra ciceroniana em questão é um diálogo filosófico escrito em 45 a.C por Marco Túlio Cícero o qual foi organizado em três livros e em cada um deles são discutidas as doutrinas epicurista, estoica e da nova academia. As variadas correntes de pensamento que são utilizadas pelo autor apresentam uma tentativa de demonstrar que há variadas ligações e divergências entre elas. Na obra em questão, Cícero usa um hábil estilo dialético de confronto de ideias com o intuito de assegurar que cada doutrina faça a exposição da sua filosofia ao mesmo tempo em que são confrontadas por aqueles que estão ouvindo o debate. Cada doutrina exposta é representada por um personagem: Caio Veleio é o epicurista, Lucílio Balbo é o estoico e Cota é o acadêmico. Foram feitas considerações sobre o período no qual fora escrito, o período helenístico, além de uma análise da vida de Cícero, o que é primordial para compreender por que, quase no final da sua vida, ele resolveu escrever sobre a existência dos deuses. Ademais, foi realizada uma breve análise das doutrinas com base em estudos feitos por outros autores, o que contribui para entender o que permanece de Cícero após as doutrinas helenísticas. Como será possível ver na conclusão, Cícero não é um participante efetivo do diálogo, mas suas concepções aparecem na voz do acadêmico Balbo, o qual é o responsável por refutar todas as concepções expostas sobre os deuses.

Palavras-chave: *De Natura Deorum*, Cícero, Epicurismo, Estoicismo, Nova academia.

ABSTRACT

This dissertation aims to present and discuss the epicurean, stoic and new academy doctrines with the aim of understanding the construction of the gods in the *De Natura Deorum* by Marco Tulio Cicero. For this work it was not made a history of general, therefore the external elements were not deepened, but it was made a history of the philosophy of Cicero in order to understand the conceptions of the author. The Ciceronian work is a philosophical dialogue written in 45 BC by Marcus Tullius Cicero which was organized in three books and in each of them is discussed the Epicurean, Stoic and New Academy doctrines. Many currents of thought that are used by the author present an attempt to demonstrate that there are many connections and divergences between them. In this work, Cicero uses a clever dialectical style of confrontation of ideas to ensure that each doctrine exposes its philosophy while being confronted by those who are listening to the discussion. Each doctrine exposed is represented by a character: Caio Veleio is the epicurean, Lucílio Balbo is the stoic and Cota is the academic. Considerations were made about the period that the book was written, the Hellenistic, as well as an analysis of Cicero's life, which is essential to understand why, almost at the end of his life, he decided to write about the existence of the gods. In addition, a brief analysis of the doctrines was made based on studies done by other authors, which contributes to understand what remains of Cicero after the Hellenistic doctrines. As it will be possible to see in the conclusion, Cicero is not an effective participant of the dialogue, but his conceptions appear in the voice of the academic Balbo, who is responsible for refuting all the exposed conceptions on the gods.

Key-words: De Natura Deorum, Cicero, Epicureanism, Stoicism, New academy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO.....	14
1.1 Considerações sobre o período helenístico.....	14
1.2 Considerações sobre Cícero	16
1.3 Epicurismo	17
1.4 Estoicismo	20
1.5 Nova Academia	22
CAPÍTULO 2: ANÁLISE DA OBRA.....	24
2.1 LIVRO I: Exposição e crítica ao epicurismo	25
2.1.1 A crítica epicurista à Platão e os estoicos e a refutação das escolas existentes.....	33
2.1.2 A existência dos deuses felizes.....	39
2.1.3 A crítica ao deus de Epicuro.....	43
2.2 LIVRO II: Exposição da doutrina estoica em quatro partes	49
2.2.1 A prova da existência divina	50
2.2.2 A exposição da natureza divina	55
2.2.3 O governo providencial do mundo	58
2.2.4 O cuidado da providência em benefício da humanidade.....	61
2.3 LIVRO III: A crítica de Cota à doutrina estoica.....	64
2.3.1 Ataque à prova da existência divina	65
2.3.2 Ataque à exposição da natureza divina	69
2.3.3 Ataque à noção de governo providencial do mundo	74
2.3.4 Ataque ao cuidado da providência em benefício da humanidade.....	75
CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
BIBLIOGRAFIA	84

INTRODUÇÃO:

Muito pode ser dito sobre Marco Túlio Cícero e suas inigualáveis obras que ainda hoje perpetuam quando falamos de letras clássicas, sendo este aclamado por diversos outros autores clássicos e medievais como Quintiliano, Santo Agostinho, Lutero, Locke, Erasmo de Roterdã, entre outros. Tendo isto como pressuposto, mostra-se difícil a escolha de um texto clássico de Cícero que pudesse ser estudado profundamente, pois ainda não são feitos, em língua portuguesa, tantas pesquisas quando se trata das obras filosóficas de Cícero, o que evidencia a necessidade desta pesquisa.

Ademais, após estudos posteriores sobre obras ciceronianas como as *Tusculanae Disputationes* e o *Somnium Scipionis*, esteve clara a necessidade de compreender que Cícero não entendia somente de retórica e oratória, mas que sua capacidade de eloquência era resultado de anos de convivência com diversos rétores, oradores e filósofos que contribuíram para a sua formação. Tal capacidade de redigir discursos épicos como as *Filipicas* e as *Catilinárias*, responsáveis por acusar, respectivamente, Marco Antonio e Catilina, além das obras em defesa de diversas pessoas e o fato de terem resistido até hoje nos mostram quão importante fora Cícero e suas obras, já que sobreviveram por períodos históricos turbulentos.

No *De Natura Deorum*, não fora diferente, pois, usando um hábil estilo dialético, Cícero propõe a exposição das teorias elaboradas pelos filósofos gregos mais conhecidos, até aquele momento, com o intuito de confrontar suas proposições, a fim de levar ao leitor o maior número de informações possíveis no que se refere ao pensamento humano a respeito dos deuses. Cícero retoma conceitos filosóficos gregos sobre os deuses, pois naquele período Roma sofria grande influência cultural da Grécia, além da formação do autor ter sido basicamente realizada de acordo com os ideais gregos, por isso a necessidade do estudo das teorias gregas acerca do assunto.

O *De Natura Deorum* foi escrito, provavelmente, em 45 a.C e é uma revisão de sistemas expostos no decorrer dos três livros. Segundo Soares (2008), as variadas correntes de pensamento que são utilizadas pelo autor, apresentam uma tentativa de demonstrar que estas se encontram intimamente ligadas, mas que, por outro lado, em muitos pontos divergem completamente entre si.

Desse modo, a análise e estudo dos três livros que compõem a obra de Marco Tulio Cícero se baseará na construção dos deuses de acordo com cada doutrina e crença, com o

intuito de explicar a partir de qual perceptiva Cícero as aborda. Não será feita uma história da filosofia geral, mas sim uma história da filosofia de Cícero, ou seja, uma análise das obras com a intenção de explicar por que o autor utiliza as três doutrinas para reforçar a sua própria filosofia.

Primeiramente serão feitas considerações sobre o período no qual fora escrito, o período helenístico e, além disso, será feita a análise da vida de Cícero, o que é primordial para compreender por que, quase no final da sua vida, ele resolveu escrever sobre a existência dos deuses. Ademais, será realizada uma breve análise das doutrinas com base em estudos feitos por outros autores, o que será de grande valia para entender essas doutrinas dentro da obra ciceroniana e entender o que permanece de Cícero após as doutrinas helenísticas.

Como fora dito, essa dissertação prezarão por um estudo da história da filosofia de Cícero, portanto não serão abordadas amplamente as citações exteriores ao texto, exceto quando estas forem essenciais para a compreensão da temática dos deuses. Desse modo, os debates serão explicados, na maioria das vezes, com elementos do próprio texto de Cícero. Isso fora feito em virtude das inúmeras referências do autor, o que seria um trabalho mais extenso do que o previsto para esse estudo.

A tradução principal utilizada será a da Edufu, feita pelo Professor Doutor Bruno Fregni Bassetto, entretanto serão usadas como suporte as traduções e comentários em inglês da editora Harvard, feita por Rackham, e a da editora Oxford, feita por Walsh. Vale ressaltar que este estudo se baseia na obra latina, mas, em virtude do alcance pretendido, será usada a tradução em português e o texto original em nota de rodapé. O texto latino utilizado será o disponibilizado online pela Perseu Digital Library Project, onde podem ser encontradas várias obras que abrangem a história, cultura e literatura greco-romana.

Quanto a análise dos livros, esta segue a própria estrutura do texto latino, portanto cada livro possui subdivisões de acordo com a temática abordada por Cícero. Foi utilizada essa mesma ordem, uma vez que ela facilita o entendimento do diálogo. Essa subdivisão foi proposta pelas traduções em inglês, mas também foi constatado que já fora utilizada em traduções mais antigas que não foram utilizadas nessa pesquisa.

Portanto, no *liber primus* será feita a exposição e crítica à doutrina epicurista, além da refutação das teorias acerca dos deuses postuladas desde os primeiros filósofos. No *liber secundus* e *tertius*, a divisão seguida será a mesma usada pelas traduções em Inglês:

- a) Prova da existência humana;

- b) Exposição da natureza divina;
- c) Governo provincial do mundo;
- d) Cuidado da providência.

Vale ressaltar que no segundo livro é feita a exposição com base na doutrina estoica e no terceiro livro é feita a refutação e ataque a essas concepções tendo como base doutrina da nova academia.

CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 Considerações sobre o período helenístico.

O termo helenístico surgiu somente no século dezenove, para designar o período após a morte de Alexandre Magno, em 323 a.C., até a morte de Cleopatra VII, que fora a última rainha da Macedônia. Segundo Burns (1968), esse período foi um marco para a história, já que concretizou o fim da civilização helênica e o início de uma evolução inimaginável até aquele momento. Após a sua morte, Alexandre não deixou um herdeiro legítimo e o parente mais próximo era um meio irmão que sofria de problemas mentais, o que fez surgir um impasse, já que no seu leito de morte, ao ser indagado sobre o seu sucessor, só foi capaz de pedir que fosse escolhido “o melhor homem”. A morte prematura de Alexandre fez com que o reino fosse dividido entre seus generais, os quais se tornaram monarcas sem possuírem uma linha de sucessão real ou a posse de um dos territórios, tendo sido o poderio militar, prestígio e a ambição os principais responsáveis por torná-los reis.

Entretanto, a divisão feita naquele momento não foi aceita por todos os comandantes, o que culminou em várias guerras, como a de Ipsos, em 301 a.C., na qual saíram vitoriosos Seleuco, que tomou posse da Pérsia, da Mesopotâmia e da Síria, Lisímaco que passou a controlar a Trácia e a Ásia Menor, Cassandro, que ficou responsável pela Macedônia e Ptolomeu que uniu ao seu reino do Egito, a Fenícia e a Palestina. Ainda segundo Burns (1968), os quatro novos reinos duraram somente vinte anos, sendo reduzidos a três após a batalha entre Seleuco e Lisímaco, tendo sido vitorioso o primeiro. Todavia, foram necessárias várias décadas após a morte de Alexandre, para que as divisões entre os reinos fossem delimitadas.

Apesar da divisão feita, muitos estados gregos não concordaram com a submissão imposta, sendo assim instituídas as chamadas ligas, e as mais famosas foram as ligas aqueia e etólia. Desse modo, ficou claro que os recém-formados reinos enfrentavam o desafio de estabelecer a legitimidade de seu governo o que seria primordial para consolidar a linhagem de sucessão após a morte dos primeiros monarcas. Uma das formas encontradas foi o despotismo, com a afirmação de que o poder era exercido por uma autoridade divina.

No que concerne à filosofia, literatura e arte, Burns (1968) afirma que por volta de 300 a.C. surgiram as primeiras filosofias helenísticas: epicurismo e estoicismo. Fundadas, respectivamente, por Epicuro e Zenão, residiram em Atenas, mas é provável que as suas

origens remetam aos povos Fenícios. As duas doutrinas possuíam muitos caracteres comuns, sendo ambas individualistas e não se mostravam zelar pelo bem-estar da sociedade, mas do indivíduo.

Tanto no estoicismo como no epicurismo havia traços nítidos de indiferença, uma vez que ambos achavam fúteis os esforços do homem e sugeriam um refúgio no quietismo oriental como um fim a ser alcançado pelo sábio. Por último, as duas filosofias eram semelhantes no seu nominalismo e no seu sensualismo, pois ensinavam que os conceitos são apenas nomes e que todo conhecimento se funda na percepção dos sentidos. (BURNS, 1968, p.249-250)

Essas doutrinas se diferenciavam em muitos aspectos, já que Zenão e seus discípulos ensinavam “que o cosmo é um todo ordenado no qual todas as contradições são resolvidas no interesse do bem” (BURNS, 1968, p. 250). Segundo o autor, o mal seria relativo, o que significa que todos os problemas enfrentados pelos seres humanos são, na verdade, incidentes necessários para que o universo alcance a perfeição e o verdadeiro equilíbrio. Portanto, o ser humano não seria o senhor de seu próprio destino, mas o membro de uma cadeia de ligações que não pode ser interrompida, o que significa que estão sujeitos à providência divina, as quais culminariam com um bem maior.

O dever supremo do homem é submeter-se à ordem do universo, sabendo que essa ordem é boa; em outras palavras, resignar-se tão voluntariamente quanto possível ao seu destino. Por meio de tal ato de resignação alcançará a mais alta felicidade, que consiste na tranquilidade do espírito. O indivíduo mais verdadeiramente feliz é, portanto, aquele que pela afirmação da sua natureza racional consegue um perfeito ajustamento de sua vida à finalidade cósmica e expurga sua alma de todo o amargor e de todos os protestos lamurientos contra as adversidades da sorte, os estoicos desenvolveram uma teoria ética e social que concordava plenamente com sua filosofia geral acima descrita. (BURNS, 1968, p.250)

Desse modo, enquanto, os estoicos buscavam em Heráclito as suas concepções sobre o universo, os epicuristas derivavam da metafísica de Demócrito a solução para os seus problemas. Epicuro utilizou a teoria dos átomos para explicar a mudança e o desenvolvimento das coisas. O filósofo epicurista acreditava no materialismo dos atomistas, entretanto negava a questão do materialismo absoluto, ou seja, “embora admitisse que os átomos se movem para baixo em linhas perpendiculares, devido ao seu peso, insistia em dotá-los de uma capacidade espontânea para se desviarem da perpendicular e, assim, combinarem-se uns aos outros. ” (BURNS, 1969, p.251)

1.2 Considerações sobre Cícero

Marcus Tullius Cícero nasceu em *Arpinum*, cidade localizada a 100 quilômetros de Roma, em 3 de janeiro de 106 a.C. Os cidadãos de Arpino não eram considerados romanos, no sentido tradicional, mas receberam a cidadania romana no ano de 188 a.C., o que possibilitou que Cícero continuasse seus estudos, pois a proximidade com as comunidades do Lácio permitiu a aproximação com Roma. Segundo May (2002), a família de Cícero pertencia à nobreza local, mas não possuía uma relação com a classe senatorial, todavia Marco Túlio Cícero, o pai, possuía uma boa relação com as classes mais altas em Roma, o que permitiu que Cícero tivesse bons mestres.

De acordo com Plutarco, na sua bibliografia sobre os homens mais ilustres tanto da Grécia quanto de Roma, Cícero fora um dedicado e talentoso estudante, o que chamou a atenção de várias pessoas importantes em Roma, tendo sido pupilo de Cévoia, Escauro e Crasso, grandes oradores. Fora nessa época que conheceu Ático, o qual se tornaria um grande conselheiro a quem Cícero dirigiria várias cartas durante sua vida. Ao contrário de Cícero, Ático permaneceu epicurista até o final de sua vida.

Durante a juventude Cícero desenvolveu um grande interesse pela poesia, tendo feito várias traduções de Homero e Arato. Mas foi na filosofia que encontrou a sua grande paixão. O primeiro filósofo que teve a oportunidade conhecer fora o epicurista Fedro quando, acompanhado por Ático, fez uma visita à Roma. Também teve a oportunidade de estudar a filosofia platônica, a qual o encantou já que possuía uma grande seriedade moral e política, contudo Cícero discordava da teoria das ideias de Platão. Cícero ainda conheceu o estoicismo, ao ser apresentado à Diodoto, o qual possuía uma certa popularidade na sociedade romana.

Quanto à vida pessoal, por volta do século 79 a.C., Cícero casou-se com Terência e eles tiveram dois filhos, Túlia e Marco Túlio Cícero Menor, todavia o casamento enfrentou anos de problemas inconciliáveis o que culminou com o seu término trinta anos após o seu início. O retor ainda se casou novamente logo após o final do primeiro casamento, mas a morte precoce da filha, em virtude de uma gravidez, e o desdém da nova esposa fizeram com que optasse pelo segundo divórcio. Segundo May (2002), com uma vida pessoal conturbada e triste, assim como havia feito décadas antes, Cícero decidiu se refugiar na filosofia e na literatura.

Já na carreira política, Cícero fora eleito pela primeira vez em 76 a.C., sendo primordial durante a transição da República Romana para o Império Romano. Posteriormente, Cícero defendeu fielmente o retorno ao governo republicano, o que marcou a sua carreira com

inconsistências, já que mudava de posição com frequência em virtude do conturbado clima político da época. Desse modo, assim como a decadência de sua vida pessoal, a carreira política do orador também sofreu um declínio.

Com o advento do segundo triunvirato, composto por Otávio, Antônio e Lépido, houve a decisão de eliminar aqueles que eram considerados inimigos que conspiraram contra Júlio César. Dentre estes estavam Cícero, o qual escrevera os discursos intitulados *Filípicas* como uma forma de ataque à conduta de Marco Antônio. Além deste, houve a perseguição a Marco Júnio Bruto e Caio Cássio Longino, os principais agentes na conspiração contra Julio César, entretanto estes já haviam se refugiado na Grécia.

Sendo o único ameaçado, por ainda estar em Roma, Cícero pensou em fugir, mas após uma tentativa ordenou que seus servos parassem. Segundo May (2002), Cícero falou que iria morrer naquele país que ele havia salvado e ofereceu, então, o seu pescoço aos sacerdotes de Antônio. Segundo Plutarco, Herênio, o executor, primeiro o matou e depois cortou a sua cabeça, posteriormente, por ordem de Antonio, cortou suas mãos que havia escrito as *Filípicas*. Tanto as mãos quanto a cabeça de Cícero foram pregadas na *Rostra*, seguindo a tradição de Mario e Sula, os quais exibiam as cabeças de seus inimigos no Fórum Romano.

Após quatro décadas de serviço público, Cícero resiste como um símbolo para a República. Segundo May (2002), o orador resiste como um porta-voz, um político cuja carreira, apesar das falhas, representava aquilo que o estado tinha como certo. Tudo que Cícero fez foi através do poder da fala, tornando um símbolo de eloquência para as nações que viriam posteriormente. Isso se mostra claro em virtude das inúmeras obras, tanto políticas quanto filosóficas, completas que existem até hoje.

1.3 Epicurismo

Epicuro nasceu provavelmente em 341 a.C em Atenas ou na ilha de Samos seis anos após a morte de Platão na mesma época em que Aristóteles era preceptor daquele que um dia seria conhecido como Alexandre Magno. Epicuro acompanhava desde criança os ritos de purificação, o que pode ter contribuído para a reflexão sobre os antigos rituais realizados. Seguiu a tradição platônica no que tange a matemática e astronomia e quando jovem entrou no Liceu onde, provavelmente, chegou a ouvir Xenócrates e Teofrasto. Epicuro também teve a oportunidade de conhecer o cepticismo de Pirro, além dos princípios da física a partir da teoria atomista.

Segundo Brun (1986, p.28), após este ter contato com “o ensino de um Platônico, de um Aristotélico e de um Atomista, parece que Epicuro se retirou por algum tempo para Cólófon, cidade localizada na Ásia Menor, a fim de meditar sobre o ensino recebido e para amadurecer uma filosofia pessoal”. Por volta de 311 a.C, na ilha de Lesbos, Epicuro fundou a escola que mais tarde daria origem àquela que perdura até a contemporaneidade, através de suas ideias. Por volta de 306 a.C., já em Atenas, Epicuro “compra um jardim onde instala a escola, o que vale aos Epicuristas o cognome de ‘filósofos do Jardim’” (ibid, p.29).

Neste aspecto, a escola do Jardim é muito diferente da escola do Pórtico, fundada na mesma época por Zenão de Cítio que ensinava o estoicismo diante de um auditório numeroso e apaixonado pelas grandes discussões dialéticas. Todos estes amigos vivem numa mesma comunidade de admiradores por aquele que lhes dá o exemplo do domínio de si e do equilíbrio. (ibid, p.29)

Segundo Capelle (1981), Epicuro não poderia ser considerado um professor, mas um amigo o qual alguns denominavam um diretor de almas. Este conseguiu muitos adeptos mostrando o seu próprio exemplo de amizade e humanidade, mas não foi um exemplo de filósofo e muito menos de talento científico. Desse modo, Epicuro procurava mostrar a arte de viver com o intuito de alcançar a verdadeira liberdade e paz da alma. Ademais, o fundador do epicurismo não só expressou a teoria, como também a seguiu fielmente até a sua morte. Epicuro alcançou outro diferencial frente a outras escolas posteriores, já que não havia distinção, pois tanto mulheres quanto escravos poderiam seguir a filosofia do jardim.

Após a morte de Epicuro, provavelmente em 270 a.C., a escola teve uma grande difusão, principalmente em virtude dos constantes ataques feitos pelos estoicos, já que isto despertou o interesse de muitos que desconheciam a doutrina epicurista. Por anos o epicurismo sofreu com as críticas externas, mas esta se tornou a primeira tentativa do ocidente de fundar um humanismo integral, o que causou, segundo Brun (1986), um desconforto em alguns estoicos como Diógenes Laércio, o qual deixou várias difamações à figura de Epicuro. Ao contrário do que muitos acreditavam, Epicuro não era ateu, este só acreditava que os deuses possuíam preocupações maiores do que a vida humana, o que, de fato, mostrou ser um incômodo para os estoicos.

Segundo Savian Filho (2009, p.4) Epicuro afirma que os Deuses não se ocupam com problemas pertinentes ao mundo físico. Com isso, "os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em *prolepses*, isto é, em imagens formadas pelas repetições" (ibid, p.14),

portanto os deuses não poderiam saber da existência do mundo sublunar, como no caso do primeiro moto de Aristóteles, e nem da realidade mutável, já que o "perfeito não poderia conter o imperfeito, nem sob a forma de coisa conhecida" (ibid, p.14).

Epicuro não é ateu; para ele, os Deuses existem, mas são bem-aventurados que vivem no Olimpo e não se interessam absolutamente nada pelos humanos, sendo nossa tarefa atingir uma serenidade vizinha da que eles conhecem; os homens são, pois, os senhores do seu destino e do seu saber (BRUN, 1986, p. 35)

Quanto à filosofia epicurista, esta não se preocupava que os seus discípulos se ocupassem com exercícios intelectuais matemáticos ou discussões detalhadas sobre determinado assunto. Para Epicuro, a finalidade estava em um fim único aos problemas naturais através de uma rejeição da dialética, portanto "a natureza constitui a única presença, e só a sua realidade manifesta é capaz de oferecer ao homem as consistências válidas (ibid, p.41). Portanto, somente o que provém da natureza pode, de fato, oferecer aquilo que o homem necessita para viver bem, não é necessário se preocupar com questões que estão além daquilo que a natureza pode oferecer.

Segundo Capelle (1981), ao contrário dos estoicos para os epicuristas a natureza não tem outro sentido a não ser o de promover uma vida feliz. Através dessa concepção, é suprimido o medo da morte e dos deuses, o que é fonte de angústia e mal-estar, uma vez que o indivíduo está em constante apreensão frente às intempéries que podem surgir em virtude da ira divina. Para Epicuro, não é possível dar uma única explicação aos fenômenos naturais, como restringe o estoicismo, pois há muitas possibilidades de interpretação frente a um evento natural.

Para Epicuro, vida e morte não dependem de uma vontade divina, mas podem ser explicadas através da teoria dos átomos de Demócrito. Assim como para os atomistas, Epicuro acreditava que o nascer e o perecer dependiam da união e separação dos átomos. Segundo Capelle (1981), os epicuristas postulavam que o todo deveria ser infinito, mostrando que os átomos são capazes de formar inumeráveis mundos que podem nascer e morrer independente da vontade divina. Tudo isso ocorre em virtude da gravidade e do choque dos átomos uns com os outros, o que se opõem à teoria da natureza divina e dos astros celestes. Portanto, toda a física epicurista é, na verdade, a doutrina dos deuses, na qual, com base no que é postulado pelo estoicismo, os epicuristas organizam argumentos que poderiam ser considerados anti-teológicos.

Portanto, epicurismo e estoicismo possuem suas semelhanças, a doutrina de Epicuro não deixa a questão dos deuses para outros, mas é feita uma reflexão sobre os deuses considerando que estes não estão em constante preocupação. A junção ou a separação dos átomos, em outras palavras, vida e morte não dependem da vontade divina, mas são consequências de atos humanos que adiantam ou retrocedem até o inevitável da morte.

1.4 Estoicismo

Enquanto o epicurismo atenta-se em explicar fisicamente o que acontece em sua volta, sem a ajuda de elementos divinos, tendo como pressuposto a natureza, o estoicismo possui uma forma de explicar os fenômenos ocorridos através de concepções divinas. O principal expoente e pai do estoicismo fora Zenão, jovem semita que nasceu no Chipre e se mudou para Atenas provavelmente aos 22 anos. Seu primeiro contato com a filosofia, segundo Reale (2012), aconteceu em virtude das viagens do pai comerciante que, entre as idas e vindas à Atenas, trouxe para o filho alguns escritos socráticos. Provavelmente o movimento cultural ateniense, despertado através dos escritos, motivou o jovem Zenão a se mudar para Atenas.

Acredita-se que o principal responsável pela influência de Zenão fora Crátes, discípulo de Diógenes, o cínico, com o qual o futuro estoico aprenderia o que seria a vida filosófica. Com Sócrates, Zenão pôde aprender as teorias que o ajudariam a formar a sua própria filosofia. Segundo Reale (2012), com este, Zenão aprendeu que:

a) o verdadeiro é o homem interior (psyché); b) que, portanto, os bens não são os exteriores mas unicamente os interiores; c) que a felicidade consiste exclusivamente na atuação desses bens; d) que os fatos, as circunstâncias e, em geral, tudo o que é externo, não podem impedir a atuação desses valores e, portanto, de alcanças a felicidade, [...]; e) que, para alcançar tal meta, são necessários a ciência, o verdadeiro saber. (REALE, 2012, p.6)

Além de Zenão, Platão também acolheu essas premissas, mas este último as desenvolveu de maneira particular, além dessa, o estoico também teve contato com outras doutrinas socráticas menores que podem ter refletido na sua própria doutrina. Apesar de postular uma doutrina diferente, fora a fundação da escola de Epicuro que provavelmente instigou Zenão a fundar a sua própria escola. Mas, ao contrário de Epicuro, Zenão não era um filósofo ateniense, o que o impedia de adquirir um imóvel próprio. Entretanto, isso foi somente um pormenor para o estoico, uma vez que decidiu dar as suas lições no Pórtico. Em

contraste a escola com a Epicuro, Zenão permitia a discussão dos seus dogmas, o que permitiu à escola sofrer inúmeras modificações e uma considerável evolução, ao contrário da filosofia epicurista.

A doutrina estoica, fundada por Zenão e seguida por Cleantes e Crisipo, respectivamente, consistia em uma ciência das coisas divinas e humanas. Segundo Chauí (2010) para os estoicos o mundo ou a natureza não são imóveis, mas um ser vivo, sendo também caracterizado como deus. Dessa forma, natureza, deus, mundo e fogo são elementos divinos que coexistem em um único ser com o intuito de ordenar o todo. Isso propicia ao homem o contato constante com deus através das mínimas coisas, com a intenção de dar sentido à vida.

O próprio mundo é um vivente, racional, animado, inteligível que o homem alcança por meio do conhecimento, descobrindo a harmonia racional entre ambos e a sabedoria será dar adesão ao mundo, conformar-se à natureza, assentir ao deus, entrar em comunhão racional com o todo e aceitar a ordem natural ou o destino. (CHAUÍ, 2010, p.140)

Quanto ao destino, a visão estoica é diferente das concepções anteriores à filosofia de Zenão, pois estes acreditavam ser a providência a responsável pela conexão de tudo, o que significava que o ser deveria se conformar com o sofrimento através da aceitação dos desígnios divinos. Desse modo, não há espontaneidade e nem acaso segundo a filosofia do Pórtico. Essa providência divina era notada nos mínimos detalhes naturais, sendo tudo regido de acordo com a vontade dos deuses imortais.

Com o estoicismo, o destino cessa de ser uma expressão exclusivamente trágica, ou uma força essencialmente extramundana, para se tornar uma realidade natural, petica e teológica que se inscreve na estrutura do mundo, na vida que anima o universo e os seres. (BRUN, 1959, p.56)

Quanto aos deuses, os estoicos postulavam que somente estes podem ocupar um lugar acima, uma vez que o homem não possui os requisitos necessários para tal. Para Brun (1959 p.59), “Deus é tudo porque é o todo, por isso a filosofia estoica pode ser considerada ao mesmo tempo como um monismo e um pluralismo”. Dessa forma, o deus estoico é um ser vivo e imortal, capaz de fazer com que a providência coordene toda a vida terrestre. É ele o responsável por cuidar de todos os seres e será o único capaz de mudar o destino, cabe ao

homem obedecer aos desígnios divinos e não causar a ira daqueles que habitam os planos superiores.

1.5 Nova Academia

A academia surgiu antes mesmo de Epicuro e Zenão constituírem as suas escolas, pois por volta de 323 a. C. Pirro já difundia o seu discurso cético o qual, junto as outras duas escolas citadas, viria a ser uma das grandes correntes de pensamento do período helenístico. Enquanto o epicurismo e o estoicismo davam os primeiros passos, Pirro já havia entrado em contato com os filósofos do oriente através da grande expedição de Alexandre, ademais esse contato promoveu uma sabedoria diferente da conhecida até então, além da influência da escola atomista, que seguia a doutrina de Demócrito e a megárica, que defendia a unidade do ser e do bem

Ao contrário das duas primeiras doutrinas, a Academia teve três fatores que acentuaram a sua visão de mundo e a classificaram como única frente as demais, pois, segundo Luce (1994), Pirro defendia que para viver em harmonia seria necessário refletir acerca das perguntas a seguir:

- a) Qual é a natureza das coisas?
- b) Como devemos reagir diante das coisas?
- c) Qual o proveito para quem reage assim?

Para os cétricos, as respostas para essas perguntas eram evidentes, já que não era possível responder de forma efetiva uma pergunta, pois há sempre dúvidas sobre determinado assunto. Segundo Luce (1994) os cétricos atentavam em responder as questões tendo como pressuposto aquilo que fazia parte do seu cotidiano, todavia algumas tentativas eram feitas como pode ser visto abaixo.

Não podemos ter conhecimento certo acerca das coisas (a). Devemos reagir diante delas suspendendo o juízo e não nos comprometendo com qualquer afirmação definitiva sobre elas (b). A consequência prática dessa reação será a inexistência de qualquer envolvimento apaixonado com as coisas ou o desejo forte por elas, já que não sabemos o que podemos realmente estar desejando. O cético torna-se um observador desinteressado, vendo as aparências mutantes das coisas com tranquilidade inabalável. (c) (LUCE, 2010, p.153)

Segundo Chauí (2010), a academia não se restringiu aos seguidores de Pirro, mas até o século II a.C. ainda ocorria a sua renovação, tendo sido relatado por vários filósofos que “o ceticismo radical dos acadêmicos era instrumental, uma arma de combate aos estoicos” (CHAUI, 2010, p.169). Com o tempo a academia teve vários filósofos a frente, o que culminou com a sua separação em várias fases, tendo alguns dividido a academia em cinco, outros em três e outros apenas em duas. Segundo Reale (2012), Sexto Empírico, na obra intitulada *Esboços Pirronianos*, acreditava na existência de três academias, todavia outros acrescentam outras duas, de Filo e de Antíoco, como sendo a quarta e a quinta academia.

Por outro lado, Marco Tulio Cícero postulou a existência de somente duas academias, segundo Reale (2012, p. 187), Cícero “se reconhecia seguidor da “nova”. Ele não podia, pois, ter aquela distância “histórica” que lhe permitiria reconhecer que, na realidade, [...] a história da Academia era assaz complexa.”. Essa “nova academia” passou a ser designada a partir de uma dialética usada contra os dogmatismos, a qual só poderia ser efetivamente comprovada se existisse uma série de refutações que comprovassem o mais óbvio.

O que caracteriza a Nova Academia é a reação veemente aos dogmatismos das escolas, sobretudo a estoica, e o uso da dialética contra eles. Herdeiros de Sócrates, os novos acadêmicos reafirmam o princípio do “sei que nada sei”, contra as pretensões dogmáticas de certeza e, diferentemente dos estoicos e epicuristas, ainda têm na *polis* a referência política. (CHAUI, 2010, 170)

Apesar das diversas correntes acadêmicas, vale a esse trabalho a explanação daquilo que influenciou Cícero, o qual se considerava um acadêmico. Cota, uma das personagens da obra poderia ser chamado de membro da Nova Academia, sendo esta provavelmente a defendida por Filo e Antíoco, além de serem as que mais se diferem dos postulados de Pirro.

Cícero busca, então, tendo como pressuposto o desconhecimento de várias temáticas, usar um ecletismo, ou seja, uma justaposição de argumentos de doutrinas filosóficas diversas, com o intuito de chegar a um consenso sobre determinado assunto. Com base nisso, Cícero aborda um determinado conhecimento, com o objetivo de confrontá-lo até chegar a descobrir os prós e os contras de determinada temática. Para os membros da Nova Academia, não há nada certo ou incerto, mas tudo é fruto de um confronto de afirmações prováveis e improváveis as quais podem atingir uma verdade absoluta ou não que só pode ser determinada pelo confronto de ideias.

CAPÍTULO 2: ANÁLISE DA OBRA

A obra *De Natura Deorum* é organizada em três livros nos quais Marco Tulio Cícero faz uma introdução sobre a importância da especulação filosófica sobre as coisas divinas e, posteriormente, em uma conversa na casa de Cota, Veleio e Balbo discutem sobre os ensinamentos de suas próprias doutrinas no que concerne à natureza divina.

A obra é narrada pelo próprio Cícero, contudo ele não desempenha um papel relevante, já que ele é somente um ouvinte. Cada personagem expõe uma doutrina determinada: Caio Veleio é o epicurista, Lucílio Balbo é o estoico e Cota é o acadêmico. No entanto, a obra não trata somente sobre a questão dos deuses sob o olhar de cada doutrina, mas também sobre o cosmo, a vida e o homem.

Nos três livros é encontrado aquilo que é visto em Aristóteles como "diálogo do discurso científico" que, segundo Vendemiatti (2003), a obra não é exposta com constantes perguntas e respostas, mas com monólogos confrontados entre si. Esta é classificada também como um diálogo, uma vez que Cícero retira da opinião de filósofos tudo aquilo que é afirmado sobre a natureza dos deuses. Vendemiatti (2003) afirma que Cícero mostra seu método de pesquisa o qual consiste em argumentar contra todos ao mesmo tempo em que é a favor de todos os filósofos. Ele faz isso com o intuito de descobrir a verdade. A construção do diálogo se faz sem usar um argumento de autoridade, pois é evidente uma constante tensão formada pelo conflito de ideias entre as doutrinas.

O livro, *De Natura Deorum*, assim como *Brutus*, *Orator*, *Paradoxa Stoicorum*, *De finibus bonorum et malorum* e *Tusculanae Disputationes* foram destinados a *Marcus Iunius Brutus*, como, segundo Pease (1913) era costume helenístico. Ademais, os dois faziam parte da mesma escola filosófica, a Academia. Durante o chamado período helenístico, acreditava-se na busca pela felicidade e que, segundo os gregos, os deuses estariam constantemente preocupados com o ser humano. Savian Filho (2009) afirma a este propósito que tanto benefícios quanto malefícios podem ser causados pelos deuses, mas duas observações devem ser retomadas quanto a essa afirmação:

"(a) a ideia de que os deuses se ocupam com os seres humanos;

(b) a ideia de que, quando alguém sofre uma desgraça ou um sucesso, isso se deve à uma retribuição divina, e não ao próprio indivíduo." (SAVIAN FILHO, 2009, p.14)

Isso retoma aquilo que era postulado pelos estoicos e que era confrontado pelos cétricos da época. A crítica a essa concepção acerca dos deuses fica clara ao analisar que dentre os três livros redigidos por Cícero, dois foram destinados à doutrina estoica. Portanto, cabe aqui a investigação sobre a importância da doutrina para o autor, considerando os diversos infortúnios que tivera em sua vida.

2.1 Livro I – Exposição e crítica ao epicurismo

Marco Túlio Cícero escreveu sua obra em um momento conturbado da história da República. Segundo Bassetto (2016), no prefácio da edição em português, a *pietas*, *sanctitas* e a *religio* passavam por um difícil momento, uma vez que o sagrado era entendido como algo que pouco refletia na cultura e civilização romana da época, mostrando um período de transição.

Além disso, com seu habilidoso estilo dialético, Cícero procurou mostrar que a língua latina e os romanos não ficavam aquém dos gregos quando se tratava de debates filosóficos. Segundo Bassetto (2016, p.8), “a sacralidade com seus ritos, não passavam de aparências de culto aos deuses, em quase nada refletindo na cultura e civilização romanas levadas a todo canto do mundo conhecido de então” e que Cícero buscava mostrar que, apesar das adversidades enfrentadas pelo povo romano, muitos debates filosóficos intrigantes poderiam ser encontrados em Língua Latina.

Além disso, a obra mostra um Cícero ainda jovem participando com vivaz atenção das exposições dos doutores representantes das escolas filosóficas, pois o momento em que fora escrito o diálogo não condiz com o momento real, já que há uma diferenciação entre a data da redação e a data do diálogo. Segundo Bassetto (2016), somente os dezesseis primeiros parágrafos podem ser de fato atribuídos à Cícero no que se refere a apropriação autoral, como pode ser visto nos excertos a seguir. Após esses parágrafos, a figura de Cícero não pode ser identificada, o que dificulta a compreensão da real opinião do autor pautado somente nestes três livros.

Tendo em vista que muitas coisas não foram ainda, de modo algum, explicadas na filosofia, por muito difíceis, Bruto, o que tu absolutamente não desconheces, existe a questão muito obscura a respeito da natureza dos deuses, mas que é extremamente fascinante tanto para o conhecimento do espírito como necessária para orientar a religião. Uma vez que existem a respeito dela tantas opiniões várias e tão

discrepantes de homens muito doutos, esse motivo deve servir de grande argumento e de um princípio da filosofia para essa ciência, e prudentemente os acadêmicos tem impedido o assentimento a questões incertas.¹ (CICERO, 2016, p. 15)

Ainda segundo Bassetto (2016), Cícero buscava trazer a filosofia para o lado prático quando afirma que conhecer a natureza dos deuses é intimamente necessário para se orientar dentro da religião. Desse modo, logo no início da obra, Cícero afirma que Bruto ignorava algumas afirmações filosóficas, em virtude de conceitos que, segundo ele, não eram abordados de forma adequada. Segundo Soares (2008, p.74), "as cerimônias eram conduzidas de acordo com regras tradicionais e ritos religiosos, sem que os antigos se interrogassem sobre a natureza dos deuses". O que, para Bruto, não era o mais aceitável, seria essencial para compreender a *religio* romana, além de toda história da civilização até então.

Ademais, neste prólogo, segundo Fott (2012), a variedade de pontos de vista teológicos mostra que a filosofia começa sempre na ignorância e que a Academia é prudente ao não assentir sobre assuntos que ainda não foram devidamente explicados, como é o caso da natureza dos deuses.

Assim, a maior parte, nesta questão, afirmou que os deuses existem, porque é sumamente plausível e aonde todos nós chegamos sob a conclusão da natureza, Protágoras considerou estar em dúvida, Diágoras Melhor e Teodoro Cirenaico julgaram não haver absolutamente nenhum. Mas aqueles que afirmaram existirem os deuses, apresentam tamanha diversidade e discordância, que seria infinito enumerar-lhes as opiniões. Pois muitas coisas se dizem sobre as formas dos deuses, de seus lugares e moradas e de sua atividade de vida, e debate-se a respeito disso numa imensa divergência entre filósofos.² (CICERO, 2016, p. 15/17)

Dessa forma, ao questionar a existência dos deuses, havia mais dúvidas e divergências do que constatações verídicas sobre o assunto. De acordo com Soares (2008, p.75) "os filósofos que tentaram explicar algo sobre os deuses tinham deixado mais dúvidas sobre os seres divinos já que em muitos aspectos discordavam uns dos outros.". Por isso, muitos debates sobre o ateísmo poderiam ser levantados uma vez que nada podia ser feito para provar

¹Cum multae res in philosophia nequaquam satis adhuc explicatae sint, tum perdifficilis, Brute, quod tu minime ignoras, et perobscura quaestio est de natura deorum, quae et ad cognitionem animi pulcherrima est et ad moderandam religionem necessaria. De qua [cum] tam variae sint doctissimorum hominum tamque discrepantes sententiae, magno argumento esse debeat [ea] causa, principium philosophiae ad h* scientiam, prudenterque Academici a rebus incertis adsensionem cohibuisse. (De Natura Deorum, I, §I)

² Velut in hac quaestione plerique, quod maxime veri simile est et quo omnes sese duce natura venimus, deos esse dixerunt, dubitare se Protágoras, nullos esse omnino Diágoras Melius et Theodorus Cyrenaicus putaverunt. Qui vero deos esse dixerunt, tanta sunt in varietate et dissensione, ut eorum infinitum sit enumerare sententias. Nam et de figuris deorum et de locis atque sedibus et de actione vitae multa dicuntur, deque is summa philosophorum dissensione certatur. (De Natura Deorum, I, §II)

a existência dos deuses. Ademais, se havia a real existência dos seres divinos, como alguns postulavam, como estes levavam a vida e qual era a sua origem e forma de governo eram questões constantemente levantadas.

De acordo com Fott (2012) o ponto central no livro de Cícero fora a teologia. Segundo o autor, Epicuro, baseado na doutrina de Demócrito, acredita que o universo é composto por átomos que se movem sem um propósito. Além disto, ele afirma que os deuses existem, pois as pessoas acreditam neles e estes são feitos de átomos. Entretanto, os deuses são átomos que não interferem no funcionamento mecânico do universo. Já no estoicismo, a teologia também poderia ser considerada materialista, todavia era focada na mente divina, que consistia nos elementos básicos como fogo, água e ar, como realidade última. Além do mais, a crença estava ligada à existência de vários deuses que providenciavam o cuidado não só dos humanos, mas também do universo. Em contradição, a Academia, que fora a doutrina mais citada por Cícero em suas obras, postulava que somente métodos filosóficos poderiam ser ensinados, mas não conclusões substantivas. Esta, então, se preocupava em não fazer apontamentos conclusivos.

De acordo com Bassetto (2016), o autor se posiciona de acordo com o que é comum às *disputationes*, já que Cícero faz uso de diálogos metodológicos que ajudam o leitor a compreender o texto de forma didática. Entretanto, como Acadêmico, Cícero prefere não concordar visto que ainda não há uma constatação efetiva sobre o assunto. De acordo com a tradição, "cada deus era responsável por uma ação natural benfeitora."(SOARES, 2008, p.76). Mas, havia dois tipos de pensamentos:

- a) O de que os deuses realmente existiam e regulavam todas as ações humanas;
- b) Se eles realmente existissem, não era dada a devida importância aos seres humanos;

Mas, como era costume dos acadêmicos, Cícero preferia não opinar até ter uma constatação formal da existência desses seres.

Pois houve e há filósofos que pensam que os deuses não têm absolutamente qualquer governo das coisas humanas. E se é verdadeira a opinião deles, que piedade pode existir, que santidade que religião? Com efeito, todas essas, pura e castamente, devem ser tributadas ao poder dos deuses somente se são notadas por eles e se existe algo tributado pelos deuses imortais ao gênero humano. Mas se, ao contrário, os deuses não podem e não querem nos ajudar; se absolutamente não governam e não notam o que fazemos e se não há nada que vindo deles possa

penetrar na vida dos homens, por que é que dirigimos aos deuses imortais esses cultos, honras e preces?³ (CICERO, 2016, p. 17)

Desse modo, Cícero insere argumentos que preparam para posteriormente opor as crenças epicuristas às estoicas, além da crítica proveniente da academia. Há o elemento divino, segundo o qual o mundo é regido pelos deuses, e há aqueles que discordam, afirmando que pouco pode ser verdadeiro, como é o caso dos epicuristas. Tudo isso é feito a partir de uma dicotomia com o intuito de construir premissas que não serão verdades finais, mas que, de forma dialética, poderão construir afirmações que em um determinado momento serão verdadeiras, e que em outro passam a ser falsas. Há uma negação da divina providência ao afirmar que os deuses não influenciam em nada as coisas humanas ao mesmo tempo em que esta afirmação é confrontada.

Há, porém, outros filósofos, e esses realmente grandes e nobres, que consideram ser o mundo todo administrado e regido pela mente e pelo pensamento dos deuses, e não de fato apenas isso, mas também que a vida dos deuses é cuidada e provida por eles. Pois, tanto as estações como as variações do tempo e as alterações do clima, para esses filósofos, tudo o que a terra produza e se desenvolva oportunamente, julgam que seja atribuído ao gênero humano pelos deuses imortais. E muitas coisas, que serão ditas, reúnem eles nestes livros; essas são tais que quase pareçam terem sido fabricadas pelos deuses imortais para o uso dos homens.⁴ (CICERO, 2016, p. 19)

Cícero constrói, através da retórica, as ideias iniciais que serão necessárias para a construção do texto. Pode haver a existência dos deuses, para aqueles considerados incultos que sempre lhes dedicam rituais, todavia, para os chamados doutos, os deuses podem não existir. Resta ao filósofo discutir se tudo o que há na natureza é de fato fruto de decisões divinas ou não.

³ Sunt enim philosophi et fuerunt, qui omnino nullam habere censerent rerum humanarum procurationem deos. Quorum si vera sententia est, quae potest esse pietas, quae sanctitas, quae religio? Haec enim omnia pure atque caste tribuenda deorum numini ita sunt, si animadvertuntur ab is et si est aliquid a deis immortalibus hominum generi tributum; sin autem dei neque possunt nos iuvare nec volunt nec omnino curant nec, quid agamus, animadvertunt nec est, quod ab is ad hominum vitam permanere possit, quid est, quod ullos deis immortalibus cultus, honores, preces adhibeamus? (De Natura Deorum, I,§3)

⁴ Sunt autem alii philosophi, et hi quidem magni atque nobiles, qui deorum mente atque ratione omnem mundum administrari et regi censeant, neque vero id solum, sed etiam ab isdem hominum vitae consuli et provideri; nam et fruges et reliqua quae terra pariat et tempestates ac temporum varietates caelique mutationes, quibus omnia quae terra gignat maturata pubescant, a dis immortalibus tribui generi humano putant, multaque, quae dicuntur in his libris colligunt, quae talia sunt ut ea ipsa dei immortales ad usum hominum fabricati paene videantur. (De natura Deorum, I, §4)

Nada existe, porém, sobre o que não discordem tanto não apenas os incultos como também os sábios; e porque as opiniões deles são tão divergentes e tão conflitantes entre si, sem dúvida pode suceder que ou nenhuma delas possa ser verdadeira ou que certamente mais de uma não pode sê-lo. (CICERO, 2016, p. 19)⁵

O autor apresenta as críticas feitas afirmando que estas vêm tanto dos incultos quanto dos sábios, pois uns afirmam veemente que os deuses existem, enquanto outros acreditam que não. Isso mostra que o debate que será feito no decorrer das três obras estava realmente presente na sociedade romana da época.

Contudo, não começamos nós a filosofar de repente nem despendemos pequeno esforço e dedicação a essa atividade desde a verde idade; e justamente quando não nos parecia absolutamente, filosofávamos então ao máximo. Comprovam isso tanto os discursos, cheios de citações de filósofos, como a convivência com homens doutíssimos, com os quais nossa casa sempre brilhou, e ainda aqueles expoentes Diódoto, Filão, Antíoco e Posidônio, pelos quais fomos instruídos. ⁶ (CICERO, 2016, p. 21)

Segundo Vernant (2000, p.48), “a filosofia vai encontrar-se, pois, ao nascer, numa posição ambígua: em seus métodos, em sua inspiração aparentar-se-á ao mesmo tempo às iniciações dos mistérios e às controvérsias da ágora”. Desse modo, Cícero buscava mostrar que o esforço para chegar ao pleno entendimento dos assuntos discutidos não era algo que viria de forma tão simples. Filosofar não é simples, mas há todo um esforço e dedicação que foram instituídos desde o início, pois haverá sempre uma busca constante.

E se todas as lições da filosofia se referem à vida, julgamos que ela ultrapassa, tanto nos assuntos públicos como nos privados, aquilo que a razão e o ensinamento prescreverem. Em caso contrário, quem questiona que motivo nos teria levado a escrever essas coisas tão tardiamente, nada é que possamos desenredar tão facilmente. Pois, como nos aborrecêssemos com o ócio e a situação do Estado fosse tal, que se fazia necessário governá-lo pela determinação e cuidado de um só, julguei que a filosofia devia ser explicada a nossos homens, tendo em vista, primeiramente, a própria coisa pública. Levamos em conta particularmente ser do interesse para a

⁵Res enim nulla est, de qua tantopere non solum indocti sed etiam docti dissentiant; quorum opiniones cum tam variae sint tamque inter se dissidentes, alterum fieri profecto potest ut earum nulla, alterum certe non potest ut plus una vera sit. (De natura Deorum, I, §5)

⁶Nos autem nec subito coepimus philosophari nec mediocrem a primo tempore aetatis in eo studio operam curamque consumpsimus, et cum minime videbamur tum maxime philosophabamur; quod et orationes declarant refertae philosophorum sententiis et doctissimorum hominum familiaritates, quibus semper domus nostra floruit, et principes illi Diodotus Philo Antiochus Posidonius, a quibus instituti sumus. (De natura Deorum, I, §6)

glória e o louvor da comunidade, que assuntos tão graves e tão importantes fossem conservados também em língua latina. (CICERO, 2016, p. 21)⁷

Nos parágrafos seguintes Cícero continua falando da importância da filosofia. Todavia, aqui ele mostra que o seu esforço para ensinar acabou fazendo com que muitos confiassem na língua latina para repassar os seus conhecimentos, uma vez que Cícero percebeu que a filosofia deveria ser passada aos homens, pois estes precisavam compreender o funcionamento da *res publica*. Ademais, assuntos tão sublimes também deveriam ser conservados na Língua Latina, e não somente na Grega.

E por esse motivo, arrependo-me menos de minha determinação, uma vez que facilmente percebo ter incentivado os esforços de muitos não apenas para aprender, mas também para escrever. Pois muitos, instituídos em instituições gregas, não podiam transmitir a seus concidadãos aquilo que haviam aprendido, porque não confiavam em poder ser dito em latim o que haviam recebido dos gregos. Nesse aspecto, parecemos ter progredido tanto que nem sequer na quantidade de palavras seríamos superados pelos gregos.⁸ (CICERO, 2016, p. 23)

Portanto, Cícero buscava uma forma de mudar a concepção de que os romanos não eram capazes de debater assuntos doutos, aproximando, assim, os termos para a língua do povo, o que culminaria com uma maior participação nos debates que só poderiam ser discutidos pelos homens considerados doutos.

Ainda é levantada a relação entre autoridade e ensino, como pode ser visto no parágrafo dez “Ainda mais, a autoridade daqueles que prometem ensinar prejudica àqueles que querem aprender; pois deixam de usar seu julgamento e consideram aprovado o que veem julgado por aquele a quem acham bom.”⁹ (CICERO, 2016, p. 23) no qual Cícero aborda que não só o uso das letras clássicas pode reprimir o desenvolvimento do aprendiz, mas também a

⁷ Et si omnia philosophiae praecepta referuntur ad vitam, arbitramur nos et publicis et privatis in rebus ea praestitisse quae ratio et doctrina praescripserit. Sin autem quis requirit quae causa nos inpulerit ut haec tam sero litteris mandaremus, nihil est quod expedire tam facile possimus. Nam cum otio langueremus et is esset rei publicae status ut eam unius consilio atque cura gubernari necesse esset, primum ipsius rei publicae causa philosophiam nostris hominibus explicandam putavi, magni existimans interesse ad decus et ad laudem civitatis res tam gravis tamque praeclaras Latinis etiam litteris contineri. (De Natura Deorum, I, §7)

⁸ Eoque me minus instituti mei paenitet, quod facile sentio, quam multorum non modo discendi sed etiam scribendi studia commoverim. Complures enim Graecis institutionibus eruditi ea quae didicerant cum civibus suis communicare non poterant, quod illa quae a Graecis acceperunt Latine dici posse diffident; quo in genere tantum profecisse videmur, ut a Graecis ne verborum quidem copia vinceremur. (De Natura Deorum, I, §8)

⁹ Quin etiam obest plerumque iis qui discere volunt auctoritas eorum qui se docere profitentur; desinunt enim suum iudicium adhibere, id habent ratum quod ab eo quem probant iudicatum vident. (De Natura Deorum, I, §10)

falta de comprometimento do *magister*, já que a forma como o professor incentiva e avalia o aluno são primordiais para o pleno desenvolvimento do pupilo.

Aos que se admiram de nós termos abordado especialmente essa disciplina, parece haver uma resposta suficiente naqueles quatro livros acadêmicos. De fato, não assumimos o patrocínio de coisas esquecidas e abandonadas; pois as doutrinas não desaparecem com a morte dos homens, mas talvez desejem a luz do autor.¹⁰ (CICERO, 2016, p. 23)

Cícero afirma constantemente em suas obras que é um “acadêmico”, contudo o pensamento defendido por ele nas quatro obras chamadas de *Academica* classificam-no como um representante voltado para um ecletismo com prudentes tendências céticas. Segundo Reale (2012), ao se estudar o ecletismo acadêmico em Roma, as obras de Cícero poderiam ser estudadas por motivos culturais e não necessariamente especulativo, como acontecera com Filo e Antíoco. O autor não adota um estilo semelhante ao destes, mas um mais próximo dos chamados neoacadêmicos, os quais, ao discutirem determinado assunto, postulavam sempre os prós e os contras com o intuito não só conhecer diferentes posições filosóficas, mas também de avaliar as teses que eram expostas, assim como é feito no *De Natura Deorum*.

O método de Cícero consistia, então, como uma forma de buscar a máxima probabilidade sem estar necessariamente ligado a uma escola. Glucker (1996) retoma que o ecletismo ciceroniano não dever ser visto como uma doutrina fixa, uma vez que Cícero julgava que isso implicaria uma imposição de limites, o que iria regular a sua capacidade de investigação. Desse modo, o ecletismo se torna o modo mais adequado para buscar o que seria o mais provável na argumentação já que a probabilidade de investigar as duas opções faz com que a argumentação seja melhor redigida.

Contudo, introduzirei já, para me libertar de toda antipatia, as doutrinas dos filósofos sobre a natureza dos deuses. Entretanto, neste assunto parece que todos devem ser convocados para julgarem qual delas seria a verdadeira; depois, afinal, a Academia me parecerá insolente, caso ou todos concordarem ou for encontrado alguém que tenha descoberto o que seria verdadeiro.¹¹(CICERO, 2016, p. 25)

¹⁰Qui autem admirantur nos hanc potissimum disciplinam secutos, his quattuor Academicis libris satis responsum videtur. Nec vero desertarum relictarumque rerum patrociniū suscepimus; non enim hominum interitu sententiae quoque occidunt, sed lucem auctoris fortasse desiderant. (De natura Deorum, I, §11)

¹¹ Sed iam, ut omni me invidia liberem, ponam in medio sententias philosophorum de natura deorum. Quo quidem loco convocandi omnes videntur, qui quae sit earum vera iudicent; tum demum mihi procax Academia videbitur, si aut consenserint omnes aut erit inventus aliquis qui quid verum sit invenerit. (De Natura Deorum, I, §13)

[...] conheçam e percebam o que se deve pensar a respeito da religião, da piedade, da sacralidade, das cerimônias, da fé e do juramento, o que sobre os templos, os santuários e os sacrifícios solenes e o que sobre os presságios, aos quais nós presidimos (pois tudo isso deve ser relacionado a esta questão sobre os deuses imortais): certamente, tão grande dissentimento, entre homens muito doutos a respeito de um assunto importantíssimo, coage a duvidar aqueles mesmos que consideram possuir algo de certo.¹² (CICERO, 2016, p. 27)

Ao final do parágrafo quatorze, Cícero afirma que irá introduzir as doutrinas existentes sobre a natureza com o intuito de instituir qual seria a mais plausível. Há ainda a afirmação de que assuntos como a religião, a piedade, a fé e o julgamento devem ser discutidos em virtude da sua importância para chegar ao um consenso sobre a imortalidade dos deuses, uma vez que aquilo que é chamado de certo para uns ainda pode ser motivo de dúvida para outros.

A partir do parágrafo quinze, Cícero introduz quem serão os debatedores desse diálogo, sendo cada um deles responsável pelas correntes filosóficas apresentadas na obra: Caio Veleio é o epicurista, Lucílio Balbo o estoico e Cota o acadêmico. No decorrer dos três livros serão apresentadas opiniões sobre os deuses e, enquanto os dois primeiros expõem opiniões relativamente positivas sobre os seres celestes, Cota assume o papel de crítico das duas escolas.

Como chamei frequentemente a atenção sobre o assunto em outras circunstâncias, agora especialmente quando se discutiu, em verdade de modo acurado e cuidadoso, sobre os deuses imortais na casa de C. Cota, meu amigo. Pois, quando fui até ele, nos dias latinos de descanso, a pedido e a convite dele mesmo, encontrei-o sentado na sala de reunião e trocando ideias com o senador C. Veleio, a quem os epicureus conferiam então o primeiro lugar entre nossos homens. Estava presente também Q. Lucílio Balbo, que detinha tamanhos avanços entre os estoicos, que era comparado aos mais destacados gregos nesse ramo. Nessa ocasião, assim que Cota me viu, disse: ‘Chegas em um momento muito oportuno, pois surgiu entre mim e Veleio uma discussão sobre um grande assunto, de que se participares, não será estranho ao teu interesse.’¹³ (CICERO, 2016, p. 27)

¹² [...] cognoscant animadvertant, quid de religione pietate sanctitate caerimoniis fide iure iurando, quid de templis delubris sacrificiisque sollempnibus, quid de ipsis auspiciis, quibus nos praesumus, existimandum sit (haec enim omnia ad hanc de dis immortalibus quaestionem referenda sunt): profecto eos ipsos, qui se aliquid certi habere arbitrantur, addubitare coget doctissimorum hominum de maxuma re tanta dissensio. (De Natura Deorum, I, §14)

¹³ Quod cum saepe alias tum maxime animadverti cum apud C. Cottam familiarem meum accurate sane et diligenter de dis immortalibus disputatumst. Nam cum feriis Latinis ad eum ipsius rogatu arcessituque venissem, offendi eum sedentem in exedra et cum C. Velleio senatore disputantem, ad quem tum Epicurei primas ex nostris hominibus deferebant. Aderat etiam Q. Lucilius Balbus, qui tantos progressus habebat in Stoicis, ut cum excellentibus in eo genere Graecis compararetur. (De Natura Deorum, I, §15)

Nesse contexto, Cícero nada mais é do que um estudante e admirador das doutrinas, não sendo exposto até o momento nenhuma evidência que mostre claramente a real postura de Cícero sobre a natureza dos deuses. Apesar da diferença entre o momento histórico e o momento da narrativa, fica a indagação sobre a construção dessa obra somente na parte final de sua vida, em 45 a.C., pois neste mesmo ano Cícero sofre o que para ele fora um dos piores golpes de sua vida, a morte de sua filha Túlia, chamada por ele de *Tulliola*. Segundo Bassetto (2016), em suas cartas à Quinto, Cícero sempre a ressaltou como sendo ela o retrato de seu rosto, do seu modo de pensar e falar. Cabe aqui a reflexão sobre a influência desse fato na redação da obra, ou seja, se a morte da filha influenciou de alguma forma a elaboração de uma obra que contemplasse os deuses ou se isso foi fruto somente de suas indagações filosóficas

2.1.1 A crítica epicurista a Platão e aos estoicos e a refutação das escolas existentes.

A partir do parágrafo dezoito, segundo a tradução de Rackham (2005), há uma intensa crítica feita por Veleio à teologia e cosmologia de Platão e dos estoicos, além de uma refutação das teologias de outras escolas desde Tales de Mileto. A datar desse ponto é iniciada a exposição de cada uma das doutrinas dos filósofos antigos e a refutação de cada uma delas, todavia a opinião de Cícero não é claramente identificada, exceto no confronto constante de Cota, o acadêmico, com o que é postulado pelo epicurista.

‘Escutai proposições não frívolas nem mentirosas, nem o deus autor e construtor do mundo do *Timeu* de Platão, nem a *Pronoea*, a velha profética dos estoicos, que em latim se pode dizer Providência, nem realmente o próprio mundo previamente dotado de espírito e de sentidos, um deus redondo, ardente e volúvel, prodígios e milagres de filósofos que não argumentam, mas sonham.¹⁴ (CICERO, 2016, p. 31)

Segundo Platão, a *pronoia* seria responsável por uma provisão sábia para todas as necessidades designadas por deus, significando, literalmente, uma forma de conhecimento prévio. Esta fora de fundamental importância para a religião antiga e pregava que há um plano e um propósito para toda a criação. Ademais, o universo auxilia todo aquele que está de acordo com a vontade de deus, que seria o criador do universo. Todavia, Veleio indaga aos

¹⁴“Audite” inquit “non futilis commenticiasque sententias, non opificem aedificatoremque mundi Platonis de Timaeo deum, nec anum fatidicam Stoicorum Pronoeam, quam Latine licet Providentiam dicere, neque vero mundum ipsum animo et sensibus praeditum rutundum ardentem volubilem deum, portenta et miracula non disserentium philosophorum sed somniantium. (De Natura Deorum, I, §18)

presentes “por que os edificadores do mundo apareceram de repente e por que dormiram durante inumeráveis séculos; não, contudo, se não havia mundo nenhum, também não existiam séculos.”¹⁵ (CICERO, 2016, p. 33). Com isso, já que construíram o universo e tudo era regido por eles, como era possível medir o tempo sem analisar o movimento circular do mundo. Desse modo, se não havia o tempo, seria impossível imaginar a existência de um ser sempiterno, já que antes da criação do mundo não havia tempo algum.

Por isso, pergunto, Balbo, por que vossa *Pronoea* ficou parada durante esse tão imenso intervalo. Por acaso fugia do trabalho? Mas esse não atinge o deus, nem havia trabalho algum, uma vez que todos os elementos da natureza, o céu, o fogo, as terras e os mares obedeciam à vontade divina. Mas o que havia, para que o deus desejasse enfeitar o mundo com constelações e luminárias como se fossem edis?¹⁶ (CICERO, 2016, p. 35)

O epicurista ainda continua afirmando que se a *pronoea* realmente faz parte do mundo, não há justificativa para a sua ausência entre os seres humanos. Assim sendo, seriam esses deuses incapazes de conviver em unidade com os seres terrenos em virtude do que Aristóteles afirma com o primeiro motor, ou seja, que seria impossível colocar o perfeito no imperfeito. O que poderia ser uma forma de interpretar a ausência divina dentre os seres mortais, pois não haveria como colocar aquele ser sublime e imortal dentro de um mundo corruptível.

Há ainda aqueles que afirmam não existir uma forma mais bela do que a das formas geométricas, o que coloca em dúvida os que classificam os deuses como seres perfeitos. Veleio continua afirmando que a admiração deve ser dada àqueles que possuem sabedoria intelectual para distinguir o que é belo. Outrossim, se a natureza é bela e a natureza é Deus, é preciso compreender que as partes frias e geladas do mundo também fazem parte de Deus, o que mostra que ele não é só felicidade.

Admirarei a lreza intelectual daqueles que queiram seja ele um ente vivo e imortal e mesmo um feliz redondo, porque Platão nega haver alguma outra forma mais bela que essa: Para mim, porém, parece mais formosa a do cilindro ou do quadrado ou do cone ou da pirâmide. [...] E o que seria desagradável em nosso corpo, mesmo se for percebido na menor parte, por que isso não seria, da mesma forma, considerado desagradável a deus? Pois a terra é certamente parte também do deus, já que é parte

¹⁵ Ab utroque autem seiscitor cur mundi aedificatores repente exstiterint, innumerabilia saecla dormierint; non enim, si mundus nullus erat saecla non erant. (De Natura Deorum, I, §21)

¹⁶ isto igitur tam inmenso spatio quaero Balbe cur Pronoea vestra cessaverit. Laboremne fugiebat? At iste nec attingit deum nec erat ullus, cum omnes naturae numini divino, caelum ignes terrae maria, parerent. Quid autem erat quod concupisceret deus mundum signis et luminibus tamquam aedilis ornare? (De Natura Deorum, I, §22)

do mundo; e vemos imensas regiões da terra inabitáveis e incultas, porque parte delas se abrasou pelo ataque do sol, parte endureceu pela neve e pela geada, devidas ao afastamento muito distante do sol. Essas devem ser consideradas como membros do deus, em parte ardentes e em parte geladas, uma vez que elas são partes do mundo e se o mundo é deus.¹⁷(CICERO, 2016, p. 37)

Após a crítica inicial, o epicurista continua direcionando as suas palavras àqueles que postularam os primeiros pensamentos filosóficos, como Tales e Anaxímenes de Mileto. Chamado por Aristóteles de “o fundador da filosofia”, segundo Bornheim (1977, p.22) Tales argumentou que “a água é o elemento primordial de todas as coisas, e que a terra flutua sobre a água” Ademais, “todas as coisas estão cheias de deuses” e, portanto, deus é aquele que tudo faz da água.

Pois Tales de Mileto, que por primeiro investigou tais assuntos, afirmou ser a água o princípio das coisas, mas que o deus foi aquela mente que teria criado da água cada uma das coisas: se porventura os deuses podem existir sem a faculdade de apreciação; e por que juntou a mente à água, se a mesma mente pode subsistir não tendo corpo?¹⁸ (CICERO, 2016, p. 37)

Posteriormente, a água, princípio das coisas para Tales, e o super elemento, o qual Anaximandro acreditava que regia todo o universo, foram substituídos pela teoria de Anaxímenes. Desse modo, o elemento primordial passou a ser o ar que, assim como a água de Tales de Mileto e o super elemento de Anaximandro, estão na natureza. Todavia, Anaxímenes afirmou que o ar está sujeito a dois fenômenos mecânicos: a rarefação e a condensação: “Anaxímenes relacionou deus aos ares e que ele foi gerado, é imenso e infinito e está sempre em movimento: ou que deus possa existir sem qualquer forma como o ar...”¹⁹ (CICERO, 2016, p. 39). Todavia, segundo Crescenzo (2005, p.43) “o fogo é o ar em estado particularmente rarefeito; as nuvens, a água, a lama, a terra e até as pedras são ar que foi se tornando cada vez mais condensado.”, o que a física moderna mostrou estar errado.

¹⁷ Admirabor eorum tarditatem qui animantem inmortalem et eundem beatum rutundum esse velint, quod ea forma neget ullam esse pulchriorem Plato: at mihi vel cylindri vel quadrati vel conii vel pyramidis videtur esse formosior. [...] Quodque in nostro corpore si minima ex parte significetur molestum sit, cur hoc idem non habeatur molestum in deo? Terra enim profecto, quoniam mundi pars est, pars est etiam dei; atqui terrae maximas regiones inhabitabilis atque incultas videmus, quod pars earum adpulsu solis exarserit, pars obriguerit nive pruinaque longinquo solis abscessu; quae, si mundus est deus, quoniam mundi partes sunt, dei membra partim ardentia partim refrigerata ducenda sunt. (De Natura Deorum, I, §24)

¹⁸ Thales enim Milesius, qui primus de talibus rebus quaesivit, aquam dixit esse initium rerum, deum autem eam mentem quae ex aqua cuncta fingeret: si dei possunt esse sine sensu; et mentem cur aquae adiunxit, si ipsa mens constare potest vacans corpore? (De Natura Deorum, I, §25)

¹⁹ Post Anaximenes aera deum statuit, eumque gigni esseque inensum et infinitum et semper in motu: quasi aut aer sine ulla forma deus esse possit[...] (De Natura Deorum, I, §26)

Por outro lado, Parmênides associa a existência do ser-absoluto a um ser onipresente e a negação de sua existência resultaria em um não ser. Segundo Reale (2012, p.109), “o ser não tem, pois, um passado e nem um futuro, mas é presente eterno sem início e nem fim”. Parmênides afirma que o ser é ingênito e incorruptível, além disso ele é puro, imutável e também esférico. Portanto, o ser de Parmênides é o ser do cosmo, e é chamado de um “círculo semelhante a uma coroa, que se preserva dos ardores da luz, circunscreve o céu e a que dá o nome de deus; nele ninguém pode sequer suspeitar de uma figura divina ou de uma capacidade de julgamento.”²⁰ (CICERO, 2016, p. 41)

No que concerne à Platão e Aristóteles, Veleio critica a mudança sobre o fato de nomear ou não deus, pois no excerto ele afirma que “já seria longo falar sobre a variabilidade de Platão, o qual negaria, no *Timeu*, poder dar nome ao pai deste mundo[...]²¹ (CICERO, 2016, p. 45), ademais no *Timeu* e nas *Leis* ele afirma que “o mundo é deus, também o céu, os astros, a terra e os espíritos e os que recebemos pelas instituições dos antepassados.”²² (CICERO, 2016, p. 45) E essas afirmações são contraditórias sob a perspectiva de Veleio e, portanto, falsas, pois um deus assim não pode ser compreendido. Outrossim, Aristóteles causa um desarranjo por não conseguir, de maneira eficaz, explicar o que ou quem seria deus, podendo ser ele o mundo, em determinado instante, e o céu em outro, o que causa confusão, já que o céu faz parte do mundo.

Também Aristóteles, no terceiro livro sobre filosofia, ao divergir de seu mestre Platão, confunde muitas coisas; pois, ora atribui à mente toda a divindade, ora afirma que o mundo é o próprio deus, ora coloca à frente do mundo certo ente e lhe atribui esses papéis, para que reja e proteja o movimento do mundo por meio de determinada revolução celeste; em outro momento, diz que o resplendor do céu é deus, não compreendendo que o céu é uma parte do mundo, mundo que em outro lugar ele mesmo havia designado como deus.²³ (CICERO, 2016, p. 47)

²⁰ [...]coronae similem efficit continentem ardorem lucis orbem, qui cingit caelum, quem appellat deum; in quo neque figuram divinam neque sensum quisquam suspicari potest. (De Natura Deorum, I, §28)

²¹ Iam de Platonis inconstantia longum est dicere, qui in Timaeo patrem huius mundi nominari neget posse[...] (De Natura Deorum, I, §30)

²² Iam de Platonis inconstantia longum est dicere, qui in Timaeo patrem huius mundi nominari neget posse[...] (De Natura Deorum, I, §30)

²³ Aristotelesque in tertio de philosophia libro multa turbat a magistro suo Platone dissentiens; modo enim menti tribuit omnem divinitatem, modo mundum ipsum deum dicit esse, modo alium quendam praeficit mundo eique eas partis tribuit ut replicatione quadam mundi motum regat atque tueatur, tum caeli ardorem deum dicit esse non intellegens caelum mundi esse partem, quem alio loco ipse designavit deum. (De Natura Deorum, I, §33)

O mesmo ocorre com Xenofonte, ao “afirmar que tanto o sol como o espírito são o deus e ora há um só, ora há mais deuses”²⁴ (CICERO, 2016, p. 51), o que, para Veleio, é usado para justificar a inexistência dos deuses tendo em vista quão insignificantes são as justificativas utilizadas até então. Posteriormente, Veleio expõe Xenócrates, discípulo de Platão, o qual não descreve nenhuma forma divina, mas afirma que há oito deuses: “cinco que são denominados nas estrelas errantes; um, que deve ser considerado um deus simples, embora constante de todos os astros afixados no céu, como membros dispersos; e acrescenta o sol como o sétimo e a lua como o oitavo”²⁵ (CICERO, 2016, p. 55). Já quanto a Teofrasto, discípulo de Aristóteles, Veleio afirma que deve ser deixado a parte, pois este atribui “a primazia divina à mente, ora ao céu, em seguida aos fenômenos e aos astros do céu”²⁶ (CICERO, 2016, p. 49), logo não há uma constante em seus postulados.

Por outro lado, Zenão diz que os altos céus são deus: “caso se possa entender que deus nada sinta e que ele nunca venha ao nosso encontro nem nas preces, nem nos desejos, nem nos votos.”²⁷ (CICERO, 2016, p. 51) o que caracteriza deus como um ser vivo, diferente daquilo que é postulado pelos epicuristas, já que nomes como Juno e Jupiter são atribuídos às criaturas inanimadas e não aos deuses, como era postulado. Também Aristão e Cleante expõem de forma equivocada a natureza dos deuses, tendo o primeiro afirmado que “não se pode entender sequer a forma de deus”²⁸ (CICERO, 2016, p. 55) e o segundo que “o próprio mundo é deus, ora atribui esse nome à mente e ao espírito de toda a natureza, ora considera como deus seguríssimo o resplendor profundo e altíssimo, rodeado por todos os lados e extremo”²⁹ (CICERO, 2016, p. 53). Além desses, Perseu, também discípulo de Zenão, afirmou que a existência do divino só se faz verdadeira se houver uma “grande utilidade para

²⁴ [...] eundemque et solem et animum deum dicere, et modo unum tum autem plures deos; [...] (De Natura Deorum, I, §33)

²⁵ [...]quinque eos qui in stellis vagis nominantur, unum qui ex omnibus sideribus quae infixae caelo sint ex dispersis quasi membris simplex sit putandus deus, septimum solem adiungit octavamque lunam; qui quo sensu beati esse possint intellegi non potest. [...] (De Natura Deorum, I, §34)

²⁶ [...]modo enim menti divinum tribuit principatum modo caelo, tum autem signis sideribusque caelestibus[...] (De Natura Deorum, I, §35)

²⁷ si intellegi potest nihil sentiens deus, qui numquam nobis occurrit neque in precibus neque in optatis neque in votis. (De Natura Deorum, I, §36)

²⁸ [...]qui neque formam dei intellegi posse censeat neque in dis sensum esse dicat dubitetque omnino deus animans necne sit. (De Natura Deorum, I, §39)

²⁹ [...] tum ipsum mundum deum dicit esse, tum totius naturae menti atque animo tribuit hoc nomen, tum ultimum et altissimum atque undique circumfusum et extremum omnia cingentem atque complexum ardorem, qui aether nominetur, certissimum deum iudicat[...] (De Natura Deorum, I, §37)

o cultivo da vida”³⁰ (CICERO, 2016, p. 53). Houve ainda Crisipo, um dos responsáveis pela continuação da doutrina estoica, cuja exposição de ideias, segundo Veleio, atingiu o máximo do sonho estoico, pois afirmou existir tantos deuses que era impossível nomeá-los:

[...] a força divina está posta na razão, no espírito e na mente da natureza universal, e diz que o próprio mundo é deus e difusão total de seu espírito; ora o comando do mesmo, que reside na mente e na razão e abrangendo toda a natureza comum dos objetos e de tudo, ora a sombra profética e a inevitabilidade das coisas futuras, o fogo, além ainda do que mencionei acima, o éter; ora aquilo que flui e goteja, como a água e a terra e os ares, o sol, a lua, os astros e a totalidade das coisas, onde tudo está contido, como também aqueles homens que tiverem alcançado a imortalidade.³¹ (CICERO, 2016, p. 55)

Outrossim, Crisipo reitera que o éter, influenciado por Aristóteles, nada mais é do que aquele denominado Júpiter e, coexistente a isso, haveria o ar, como sendo Netuno e a terra Ceres, continuando, assim como Zenão, a classificar os seres celestiais a partir de formas terrestres. Por fim, Veleio encerra afirmando que os deuses são fruto de ensaios delirantes, espalhados pelos poetas que instigaram as pessoas a aceitar como verídicas as atividades divinas, ou seja, o que era defendido pelos estoicos era, na verdade, fruto de alucinações.

[...]os poetas introduziram deuses tanto inflamados pela ira como furiosos pela concupiscência e fizeram com que víssemos suas guerras, batalhas, lutas e golpes, seus ódios, além das separações, das discórdias, dos nascimentos, das mortes, das dissensões, dos prantos, devassidões mergulhadas em completa intemperança, adultérios, grilhões, concubinatos com o gênero humano, e mortais procriados por imortal.³² (CICERO, 2016, p. 57)

Além do exposto, Veleio acrescenta aquilo que era postulado pelos egípcios e outros poetas também como delírios já que, inconsequentemente, acreditavam que determinados assuntos são reais. Contudo, aquele que deve ser admirado em virtude da sua real opinião sobre os deuses é Epicuro, pois “só ele viu por primeiro existirem deuses, porque a própria

³⁰ At Persaeus eiusdem Zenonis auditor eos esse habitos deos a quibus aliqua magna utilitas ad vitae cultum esset inventa, [...] (De Natura Deorum, §37)

³¹ Ait enim vim divinam in ratione esse positam et in universae naturae animo atque mente, ipsumque mundum deum dicit esse et eius animi fusionem universam, tum eius ipsius principatum qui in mente et ratione versetur, communemque rerum naturam universam atque omnia continentem, tum fatalem umbra et necessitatem rerum futurarum, (De Natura Deorum, I, §39)

³² sunt ea quae poetarum vocibus fusa ipsa suavitate nocuerunt, qui et ira inflammatos et libidine furentis induxerunt deos feceruntque ut eorum bella proelia pugnas vulnera videremus, odia praeterea discidia discordias, ortus interitus, querellas lamentationes, effusas in omni intemperantia libidines, adulteria vincula, cum humano genere concubitus mortalisque ex immortalis procreatos. (De Natura Deorum, I, §42)

natureza teria imprimido a noção deles nos espíritos de todos.”³³ (CICERO, 2016, p. 59). E este afirma que todos os povos já são concebidos com uma noção dos deuses “que Epicuro denomina *prólepsin*, isto é, uma informação de algo pré-recebida pelo espírito, sem a qual coisa alguma pode ser compreendida, procurada ou discutida.”³⁴(CICERO, 2016, p. 59). Portanto, a noção dos deuses não precisa ser acrescentada as concepções dos indivíduos.

2.1.2- A existência dos deuses felizes

A partir do parágrafo quarenta e três, Veleio continua afirmando que, mesmo não existindo uma concordância de ideias, uma tradição ou lei que provem efetivamente a existência dos deuses e que estes participam da vida mortal, é preciso admitir a existência deles. Todavia, essa existência não deve, de fato, ser entendida como a de um ser participante do mundo terrestre e que se preocupa com as atividades humanas.

[...]é necessário entender-se que haja deuses, porque deles temos noções implantadas ou, antes, inatas; ora, em relação a que a natureza de todos está de acordo, é necessário que isso seja verdadeiro. Deve-se, portanto, reconhecer que existem deuses. Porque aquilo que consta não só entre quase todos os não filósofos, mas também entre os incultos, nós igualmente proclamamos que existe, que temos ou essa antecipação, como afirmei anteriormente, ou um conhecimento antecipado dos deuses. ³⁵(CICERO, 2016, p. 59)

Desse modo, não se pode afirmar que os epicuristas fossem ateus, mas estudiosos que rejeitavam os mitos e que expunham os deuses como objetos. Segundo Brun (1959), os epicuristas de fato acreditavam na existência dos deuses, mas diferente daquele deus imaginado por grande parte da população, ou seja, o deus objeto que, na verdade, é fruto de fantasias. Ainda segundo Brun (1959, p.90), “daí vem a crença de que os deuses punem os maus com os piores malefícios e recompensam os bons com os maiores.”.

³³ 43 Solus enim vidit primum esse deos, quod in omnium animis eorum notionem inpressisset ipsa natura. (De Natura Deorum, I, §43)

³⁴ quam appellat Epicurus id est anteceptam animo rei quandam informationem, sine qua nec intellegi quicquam nec quaeri nec disputari potest. (De Natura Deorum, I, §43)

³⁵ [...] intellegi necesse est esse deos, quoniam insitas eorum vel potius innatas cognitiones habemus; de quo autem omnium natura consentit, id verum esse necesse est; esse igitur deos confitendum est. Quod quoniam fere constat inter omnis non philosophos solum sed etiam indoctos, fatemur constare illud etiam, hanc nos habere sive anticipationem, ut ante dixi, sive praenotionem deorum. (De Natura Deorum, I, §44)

Temos, portanto, esse conhecimento antecipado, de modo que julguemos os deuses felizes e imortais. Na verdade, a natureza nos deu essa informação dos mesmos deuses e no-la gravou nas mentes, para que os consideremos eternos e felizes. Se assim for, e realmente é essa a doutrina de Epicuro, que seja feliz e eterno aquele que não tenha mesmo nenhuma preocupação nem que provar nada a outrem, e por isso não estar sujeito à ira nem à graça, porque tudo, que tivesse essa natureza, seria muito frágil. ³⁶ (CICERO, 2016, p. 59)

Segundo Brun (1959) os deuses são parecidos com os humanos, entretanto não é possível identificá-los em virtude do que é chamado de simulacros, os quais são tão simples que não permitem que sejam vistos. Além disso, os deuses são criaturas que estabelecem laços familiares, comem, bebem, falam e conhecem a felicidade total, são seres indestrutíveis e felizes, e, usufruindo da mais profunda felicidade, não se preocupam em nada com os seres humanos. Segundo Brun (1959), ao citar Diógenes,

É incontestável que os deuses, pela sua própria natureza, usufruem da imortalidade no meio da paz mais profunda, estranhos aos nossos assuntos, de que estão completamente alheados. Isenta de toda a dor, isenta de todo perigo, forte por si mesma e em virtude dos seus próprios recursos, não tendo qualquer necessidade da nossa ajuda, a sua natureza nem é vinculada pelos benefícios, nem tocada pela cólera. (BRUN, 1959, p.92)

Assim sendo, a figura divina está sempre associada ao homem, “não temos, pela natureza, nenhuma outra figura dos deuses a não ser a humana; de fato essa outra forma ocorreu alguma vez a alguém acordado ou dormindo?” ³⁷(CICERO, 2016, p. 61). Logo, a figura dos deuses é falseada pelas opiniões da massa e não são frutos da experiência, mas consequências de dados impostos durante gerações, o que Epicuro tenta desvencilhar. Segundo Brun (1959, p.91-92) “se quisermos encontrar uma origem para a concepção universal dos deuses, devemos procurá-las nas imagens dos seres belos e poderosos que invadem os nossos sonhos e que não passam de simulacro dos deuses.”

Donde, se a figura do homem supera a forma de todos os viventes, e deus é vivente, seguramente essa figura é a mais bela de todas. E como consta que os deuses são extremamente felizes, mas ninguém pode ser feliz sem a virtude, nem

³⁶ hanc igitur habemus, ut deos beatos et imortales putemus. Quae enim nobis natura informationem ipsorum deorum dedit, eadem insculpsit in mentibus ut eos aeternos et beatos haberemus. Quod si ita est, vere exposita illa sententia est ab Epicuro, quod beatum aeternumque sit id nec habere ipsum negotii quicquam nec exhibere alteri, itaque neque ira neque gratia teneri, quod quae talia essent inbecilla essent omnia. (De Natura Deorum, I, §43)

³⁷ Nam a natura habemus omnes omnium gentium speciem nullam aliam nisi humanam deorum; quae enim forma alia occurrit umquam aut vigilantibus cuiquam aut dormientibus? (De Natura Deorum, I, §46)

a virtude existir sem a razão, nem a razão de algum modo encontrar-se a não ser na figura do homem, é preciso reconhecer que os deuses são da aparência do homem.³⁸ (CICERO, 2016, p. 63)

Já em relação à figura, segundo Duvernoy (1993), tudo que existe é corpóreo, desse modo o conhecimento que vem dos deuses é, na verdade, fruto das percepções. Segundo o autor, Filodemo diz que a constituição dos seres divinos só é possível através da semelhança com a natureza humana, com isso o divino passa a ser uma entidade viva e repleta de beatitude.

Entretanto, essa aparência não é um corpo, mas como que um corpo, também não tem sangue, mas algo parecido com sangue. Embora essas considerações tenham sido expostas com mais acuidade e mais sutilmente expressas por Epicuro do que como possa apreendê-las seja quem for, mesmo assim, confiado em vossa inteligência, exporei mais concisamente do que a questão exigiria. Pois Epicuro, que não apenas vê pelo espírito as coisas ocultas e as totalmente secretas, mas também as trata assim como que com a mão, ensina que a força e a natureza dos deuses são tais que são antes percebidas não pelos sentidos, mas pela mente[...]³⁹ (CICERO, 2016, p. 63)

Outrossim, segundo Duvernoy (1993), os deuses, para Epicuro, não são responsáveis por presentear ou amaldiçoar os seres humanos tendo como base as suas ações. Desse modo, eles não estão preocupados com as aflições humanas, como pode ser visto no parágrafo 51, mas ao contrário. O autor afirma que o papel desses seres é servir de referência intelectual e ética para a determinação do que é a sabedoria feliz. Eles não são, então, responsáveis pelo destino dos seres terrestres, mas somente de si mesmos.

É evidente ser aquela vida da qual nada de mais feliz, nada com mais abundância de todos os bens se possa pensar. Pois deus de nada se ocupa, não está obrigado a nenhum cuidado, não executa nenhum trabalho com dificuldade, regozija-se com

³⁸ quod si omnium animantium formam vincit hominis figura, deus autem animans est, ea figura profecto est quae pulcherrimast omnium. Quoniamque deos beatissimos esse constat, beatus autem esse sine virtute nemo potest nec virtus sine ratione constare nec ratio usquam inesse nisi in hominis figura, hominis esse specie deos confitendum est. (De Natura Deorum, I, §48)

³⁹ Nec tamen ea species corpus est sed quasi corpus, nec habet sanguinem sed quasi sanguinem. Haec quamquam et inventa sunt acutius et dicta subtilius ab Epicuro quam ut quivis ea possit agnoscere, tamen fretus intellegentia vestra dissero brevius quam causa desiderat. Epicurus autem, qui res occultas et penitus abditas non modo videat animo sed etiam sic tractet ut manu, docet eam esse vim et naturam deorum, ut primum non sensu sed mente cernatur, nec soliditate quadam nec ad numerum[...] (De Natura Deorum, I, §49)

a própria sabedoria e força, tem como assegurado que estará sempre com os maiores e eternos prazeres.⁴⁰ (CICERO, 2016, p. 65)

Por outro lado, se o deus epicurista é o deus feliz, o deus estoico é o deus ocupado, uma vez que é “razão, é logos, o ordenador das coisas natureza e o autor do universo e o destino, necessidade suprema” (BRUN, 1959 p.58) e, por isso infeliz. Por serem os deuses responsáveis por todos os desígnios humanos, seria impossível encontrar a felicidade em meio a tantas preocupações, além de não haver tempo suficiente para solucionar os problemas e aproveitar os benefícios da vida.

Qualificaríamos esse deus religiosamente como feliz, o vosso, porém, como ocupadíssimo. Pois, ou se o próprio mundo é deus, o que pode ser menos quieto do que girar em torno do eixo do céu com velocidade admirável, sem a pausa de nenhum instante de tempo: mas a não ser em descanso, nada é feliz; ou se algum deus está inserido no próprio mundo, que reja, que governe, que mantenha os cursos dos astros, as mudanças das estações, as alternativas e as ordens das coisas; que, observando as terras e os mares, proteja o bem-estar e as vidas dos homens, certamente está ele envolvido em atividades desagradáveis e pesadas.⁴¹ (CICERO, 2016, p. 65)

Ademais, como não temer um deus tão grandioso e que tudo rege e que é “minucioso e cheio de atividade que tudo prevê, pensa e observa e que julga tudo ser de sua propriedade”⁴² (CICERO, 2016, p. 67). Portanto, Veleio finaliza falando que somente após a chegada de Epicuro foi possível se livrar do temor à deus através da natureza, pois houve a reflexão sobre a inexistência de provas concretas da influência deles na vida dos homens.

Liberados desses horrores por Epicuro e restituídos à liberdade, não tememos aqueles que entendemos não imaginar nenhuma coisa desagradável nem exigir isso de outrem, e cultuamos a natureza excelente e poderosa de modo pio e escrupuloso. Levado, porém, pelo entusiasmo, receio ter sido prolixo demais. Realmente era

⁴⁰ Ea videlicet qua nihil beatius nihil omnibus bonis affluentius cogitari potest. Nihil enim agit, nullis occupationibus est implicatus, nulla opera molitur, sua sapientia et virtute gaudet, habet exploratum fore se semper cum in maximis tum in aeternis voluptatibus. (De Natura Deorum, I, §51)

⁴¹ Hunc deum rite beatum dixerimus, vestrum vero laboriosissimum. Sive enim ipse mundus deus est quid potest esse minus quietum quam nullo puncto temporis intermisso versari circum axem caeli admirabili celeritate: nisi quietum autem nihil beatum est; sive in ipso mundo deus inest aliquis, qui regat qui gubernet qui cursus astrorum mutationes temporum rerum vicissitudines ordinesque conservet, terras et maria contemplans hominum commoda vitasque tueatur, ne ille est implicatus molestis negotiis et operosis. (De Natura Deorum, I, §52)

⁴² Quis enim non timeat omnia providentem et cogitantem et animadvertentem et omnia ad se pertinere putantem curiosum et plenum negotii deum? (De Natura Deorum, I, §54)

difícil abandonar assunto tão importante e tão notável, uma vez começado, ainda que eu tivesse a intenção mais de ouvir que de falar.⁴³ (CICERO, 2016, p. 67)

Portanto, o epicurismo considera inconcebível a existência de um deus onipresente e que ora abençoam e ora castigam as atitudes humanas. Contudo, para eles há deuses, mas a sua preocupação consiste em fazer parte do universo e buscar a felicidade em meio a criação, ou seja, a natureza e não somente se ocupar com as aflições humanas. Esse é o ponto de maior divergência entre as duas doutrinas.

2.1.3 - A crítica ao deus de Epicuro.

A partir do parágrafo cinquenta e sete, Cota, o membro acadêmico da discussão, inicia sua fala criticando aquilo que fora exposto por Veleio. Todavia, o acadêmico afirma que se questionado sobre a existência ou não dos deuses, pode ser que não obtenha nenhuma resposta, uma vez que antes de abordar tal assunto, é preciso falar do próprio Veleio.

Pergunta-me qual seja a natureza dos deuses e direi: Talvez nada responderei; interrogues se eu julgo ser daquela natureza qual há pouco foi expressa por ti: direi que não me parece menos em nada. Antes, porém, que aborde os assuntos desenvolvidos por ti, expressarei o que penso a respeito de ti mesmo. ⁴⁴ (CICERO, 2016, p. 69)

Tudo isso em virtude de uma forma formidável com a qual o epicurista abordou esse assunto tão obscuro e que levanta tantas discussões que é a natureza dos deuses. Apesar do singelo elogio, Cota lamenta que Veleio “[...]tenha caído em afirmações tão frívolas, para não dizer, tão tolas”⁴⁵ (CICERO, 2016, p. 69). Desse modo, mesmo após inúmeras reflexões, o acadêmico acredita que a natureza dos deuses continua tão obscura quanto antes. No entanto, apesar de não acreditar fielmente na natureza dos deuses, é preciso que sejam “resguardadas

⁴³ His terroribus ab Epicuro soluti et in libertatem vindicati nec metuimus eos quos intellegimus nec sibi fingere ullam molestiam nec alteri quaerere, et pie sancteque colimus naturam excellentem atque praestantem. (De Natura Deorum, I, §56)

⁴⁴ Roges me, qualem naturam deorum esse dicam: nihil fortasse respondeam; quaeras, putemne talem esse qualis modo a te sit exposita: nihil dicam mihi videri minus. Sed ante quam adgrediar ad ea quae a te disputata sunt de te ipso dicam quid sentiam. (De Natura Deorum, I, §57)

⁴⁵ [...] in tam levesne dicam in tam ineptas sententias incidisse. (De Natura Deorum, I, §59)

as cerimônias e as práticas religiosas públicas com toda sacralidade”⁴⁶ (CICERO, 2016, p. 71), pois é difícil levar essa negação às assembleias públicas e reuniões familiares, porém essas afirmações frívolas não são capazes de mudar a opinião de Cota. E este afirma que não entrará em detalhes já que agrada a muitos a existência dos deuses, mas é preciso ressaltar que muitos não evidenciaram a sua opinião em virtude da represália pública, como aconteceu com Protágoras.

Pois, de fato Protágoras de Abdera, do qual fizeste menção há pouco, talvez o maior sofista naqueles tempos, porque teria grafado no começo do livro o seguinte: ‘Dos deuses não tenho como dizer se existem ou não existem’ – foi expulso da cidade e dos campos por ordem dos atenienses e os livros dele foram queimados em assembleia pública; evidentemente, daí avalio que, para proclamar publicamente essa sentença, muitos se fizeram mais vagarosos, certamente porque nem sequer a dúvida teria podido escapar da punição.⁴⁷ (CICERO, 2016, p. 73)

O acadêmico continua a sua exposição afirmando que se ele próprio conceber a existência dos deuses, é preciso saber as suas origens, se possuem corpo e espírito, sendo necessário concretizar a existência destes. Contudo, ao chegar ao solo, é possível ver que somente aquilo que é feito de átomo, pode, de fato, existir, o que remete ao pensamento de Demócrito, já explicitado anteriormente quando fora falado sobre as doutrinas.

De fato, essas ignomínias de Demócrito, ou anteriormente também de Leucipo, de que existem certos corpúsculos lisos, outros ásperos, outros ainda redondos, mas em parte angulosos e pontudos com ganchos, alguns recurvos e como que aduncos, dos quais foram feitos o céu e a terra, sem nenhuma intervenção da natureza e sim por certa convergência ocasional⁴⁸ (CICERO, 2016, p. 75)

Pois, então, se é investigada a natureza dos deuses e estes são partes feitas a partir dos átomos, isso significa que não são imortais. Desse modo, se Epicuro afirmava que os átomos eram direcionados ao inferior como consequência de seu peso, e este “nasceu em algum momento; se houve nascimento, não havia deus algum antes dele; e caso tenha havido

⁴⁶ qui caerimonias religionesque publicas sanctissime tuendas arbitrator (De Natura Deorum, I, §61)

⁴⁷ Nam Abderites quidem Protagoras, cuius a te modo mentio facta est, sophistes temporibus illis vel maximus, cum in principio libri sic posuisset "De divis neque ut sint neque ut non sint habeo dicere", Atheniensium iussu urbe atque agro est exterminatus librique eius in contione combusti; ex quo equidem existimo tardioris ad hanc sententiam profitendam multos esse factos, quippe cum poenam ne dubitatio quidem effugere potuisset. (De Natura Deorum, I, § 63)

⁴⁸ Ista enim flagitia Democriti sive etiam ante Leucippi esse corpuscula quaedam levia alia aspera, rutunda alia, partim autem angulata et hamata, curvata quaedam et quasi adunca, ex iis effectum esse caelum atque terram nulla cogente natura sed concursu quodam fortuito. (De Natura Deorum, I, §66)

nascimento dos deuses, é necessário haver a morte”.⁴⁹ (CICERO, 2016, p. 77)

Quanto a natureza dos deuses, era dito que apesar dos átomos estarem relacionados a existência dos deuses, e estes serem semelhantes aos seres humanos, os seres sublimes não seriam capazes de sucumbir a destruição e corrupção. Desse modo, há a negação do corpo e sangue mortal aos deuses, sendo eles possuidores de algo semelhante: “não é um corpo, mas um como que corpo’: isso eu compreenderia, qual seria sua natureza, se fosse plasmado em figuras de cera ou de barro. Em deus, não posso compreender o que seja um como que corpo ou um como que sangue.”⁵⁰ (CICERO, 2016, p. 79). Portanto, se deus era, de fato, feito de corpo e sangue, seria impossível a sua concepção como um ser imortal.

Cota continua a crítica a Veleio, afirmando que apesar de Epicuro ter assegurado que não possuía mestre, este utilizava as ideias de outros, como os átomos, ideia original de Demócrito, para justificar a existência dos deuses. Ademais, a existência das coisas no deus de Epicuro nada mais é do que uma semelhança com diversas outras, ou seja, são reflexos do mundo real.

Vejo que defendes isso: que exista uma determinada figura dos deuses, que não tenha nada de concreto, nada de sólido, nada de modelado e nada de eminente e que seja pura, leve e translúcida. Diremos, portanto, o mesmo que os tecidos transparentes em Vênus: aquilo não é um corpo, mas algo semelhante a um corpo, nem é sangue aquela vermelhidão difuso e mesclado de brancura, mas certa semelhança com sangue; desse modo, no deus de Epicuro não existe coisa, mas semelhanças com coisas. Faze que eu me convença disso, que não pode nem mesmo ser entendido. Mostra-me as feições e as formas desses deuses fictícios.⁵¹ (CICERO, 2016, p. 85)

Cota continua a crítica ao falar que compreender o que é corpo e sangue se mostra aceitável, entretanto conceber o corpo como uma forma e não uma coisa, torna impossível a assimilação de algo. Além do mais, se a figura divina só pode ser perfeita em sua plenitude e deve exceder todas as outras, resta a indagação acerca da figura humana que não é perfeita,

⁴⁹ id natum aliquandost; si natum, nulli dei ante quam nati; et si ortus est deorum, interitus sit necesse est (De Natura Deorum, I, §68)

⁵⁰ "Non est corpus, sed quasi corpus": hoc intellegerem quale esset, si in cereis fingeretur aut fictilibus figuris; in deo quid sit quasi corpus aut quid sit quasi sanguis intellegere non possum. (De Natura Deorum, I, § 71)

⁵¹ Illud video pugnare te, species ut quaedam sit deorum, quae nihil concreti habeat nihil solidi nihil expressi nihil eminentis, sitque pura levis perlucida. Dicemus igitur idem quod in Venere Coa: corpus illud non est sed simile corporis, nec ille fusus et candore mixtus rubor sanguis est sed quaedam sanguinis similitudo; sic in Epicureo deo non rem sed similitudines esse rerum. Fac id quod ne intellegi quidem potest mihi esse persuasum; cedo mihi istorum adumbratorum deorum liniamenta atque formas. (De Natura Deorum, I, §75)

mas possui a mesma forma que os seres sublimes. Desse modo, não há forma mais bela que a divina, todavia ela é a mesma que a forma humana, a qual não é perfeita.

O acadêmico afirma que um ser só irá admirar outro ser se este for seu semelhante: “Porventura julgas que exista na terra e no mar alguma fera, que não se encante com outra de sua espécie?”⁵² (CICERO, 2016, p. 89). E isso se justifica tendo como pressuposto o fato de que um touro não se sente atraído por uma égua, portanto a sintonia existente entre deuses e homens só poderia ser fruto de sua semelhança. Ainda como forma de justificar a similitude dos dois, Cota reitera que o homem só “quer ser semelhante a não ser ao próprio homem”⁵³ (CICERO, 2016, p. 89), o que mostra que nada é mais sublime do que as criaturas semelhantes em forma, mas exímias em determinadas fontes. Após essa exposição é dada continuação a exposição da temática da existência dos deuses, todavia nesse momento Cota indaga se todos os defeitos humanos são corrigidos nos deuses, afirmando que para estes estarem acima dos mortais, seria pertinente que não houvesse defeitos, sejam eles físicos ou psicológicos.

Pois se há muitas, [formas] é necessário que uma seja mais bela que a outra; portanto, não será alguém o deus mais belo. Caso haja uma só face para todos, é necessário que uma Academia floresça no céu: se de fato não há nenhuma diferença entre um deus e outro, junto aos deuses não existem nenhum conhecimento e nenhuma percepção. [...]. Pois desde pequenos conhecemos Júpiter, Juno, Minerva, Netuno, Vulcano, Apolo e os demais deuses com aquela aparência, que os pintores e os escultores fixaram e não apenas da face, mas também do ornamento, da idade e da vestimenta.⁵⁴ (CICERO, 2016, p. 91/93)

Essa não obrigatoriedade da perfeição dos deuses e a semelhança com os seres humanos pode ser justificada na figura de Vulcano, também chamado de Hefesto, deus relacionado à metalurgia. Este, segundo Hesíodo (1995, p.151), fora criado sem ser fruto de amor, pois “Hera por raiva e por desafio a seu esposo não unida em amor gerou o ínclito Hefesto nas artes brilho à parte de toda a raça do céu”. Entretanto não há somente um Vulcano, assim como não há somente uma Atena ou Apolo.

⁵² *quid censes, si ratio esset in beluis non suo quasque generi plurimum tributuras fuisse?* (De Natura Deorum, I, §78)

⁵³ [...]est enim vis tanta naturae, ut homo nemo velit nisi hominis similis esse [...] (De Natura Deorum, I, §78)

⁵⁴ *Nam si plures, aliam esse alia pulchriorem necesse est, igitur aliquis non pulcherrimus deus; si una omnium facies est, florere in caelo Academiam necesse est: si enim nihil inter deum et deum differt, nulla est apud deos cognitio, nulla perceptio. [...] a parvis enim Iovem Iunonem Minervam Neptunum Vulcanum Apollinem reliquos deos ea facie novimus qua pictores fectoresque voluerunt, neque solum facie sed etiam ornatu aetate vestitu.* (De Natura Deorum, I, §80/81)

E até exaltamos que exista em Atenas aquele Vulcano, moldado por Alcámenes, no qual, estando em pé e levemente vestido, aparece uma claudicação não deformante: teremos, portanto, um deus manco, uma vez que assim fomos informados a respeito de Vulcano.”⁵⁵(CICERO, 2016, p. 95)

Segundo Walsh (2008), nesse excerto Cota usa os quatro argumentos acadêmicos, os quais afirmavam que nada pode ser estabelecido com total certeza, mesmo conhecendo a sua forma desde a mais tenra idade. Portanto, mesmo conhecendo desde os primórdios tanto os aspectos psicológicos quanto físicos do deus, não é possível que isso seja verdadeiro considerando somente a proximidade entre deuses e homens, o que é justificado com a premissa de que há várias denominações para um determinado deus.

Mesmo tendo exposto seus argumentos, Cota continua sem compreender o fato dos epicuristas ainda acreditarem na existência divina. Além disso, seria incompreensível acreditar naquilo que não pode ser visto, sendo que alguns povos não veem como verdadeiro aquilo que eles nunca viram, como é o caso dos mediterrâneos, os quais não creem na existência do mar, por nunca o terem visto ou os povos da ilha de Serifo, ao ouvirem as descrições de animais como leões e panteras: “Por que ainda não viste o próprio deus? Em vista disso, por que crês que ele exista? Assim, suspendamos tudo o que a história ou um argumento novo nos apresentem. Desse modo, acontece que os mediterrâneos não creiam que o mar exista.”⁵⁶ (CICERO, 2016, p. 99). Ademais, o curso dos astros só é definido pois eles podem ser vistos claramente pelo homem: “O sol realiza os cursos anuais, definindo o movimento pelas duas últimas partes de uma órbita única; a lua completa o mesmo percurso dele, iluminada por seus raios de luz, no espaço de um mês.”⁵⁷ (CICERO, 2016, p. 99)

Ao final do primeiro livro, Cota tenta finalizar a sua teoria da não existência dos deuses de uma forma repetitiva, já que percebe que, até o momento, suas proposições, apesar de possuírem coerência, não mudaram a opinião dos ouvintes. O narrador nesse momento tenta retomar o que já fora falado sobre a questão dos deuses felizes, além de falar sobre as semelhanças entre a fisionomia humana e a divina e a questão dos átomos defendida por

⁵⁵. Et quidem laudamus esse Athenis Vulcanum eum quem fecit Alcámenes, in quo stante atque vestito leviter apparet claudicatio non deformis: claudum igitur habebimus deum, quoniam de Vulcano sic accepimus. Age et his vocabulis esse deos facimus quibus a nobis nominantur? (De Natura Deorum, I, §83)

⁵⁶ Quid deum ipsum numne vidisti? Cur igitur credis esse? Omnia tollamus ergo quae aut historia nobis aut ratio nova adfert. Ita fit ut mediterranei mare esse non credant. (De Natura Deorum, I, §88)

⁵⁷ Sol duabus unius orbis ultimis partibus definiens motum cursus annuos conficit; huius hanc lustrationem eiusdem incensa radii menstruo spatio luna complet;[...] (De Natura Deorum, I, §87)

Epicuro em relação à teoria de Demócrito. Salvo as repetições, Cota termina falando que, apesar de terem sido ridicularizados, os povos egípcios não deram atribuições divinas a seres que não possuíam uma utilidade evidente, segundo ele é possível falar da utilidade de diversos símbolos egípcios, mas não há como provar a necessidade de Atena ou Apolo.

Posso falar dos ratos do Egito, dos crocodilos, dos felinos, mas não quero ser prolixo. Assim concluirei, portanto, que os animais foram sacralizados pelos estrangeiros por sua utilidade, dos vossos deuses não só não provém nenhum benefício, mas também absolutamente nenhuma realização.⁵⁸ (CÍCERO, 2016, p. 113)

Portanto, aqueles chamados de deuses do Egito só receberam essa designação em função da sua importância para esse povo, enquanto os deuses gregos receberam atribuições aleatórias, ou seja, independentes da sua real necessidade para a população. Desse modo, atribuir à Atena a sabedoria e a Ares a responsabilidade pelo sucesso ou não da guerra era algo totalmente sem fundamento. Logo, a existência dos deuses e o culto a eles só faria sentido quando as suas atribuições modificassem para melhor a vida humana.

⁵⁸ Possum de ichneumonum utilitate de crocodilorum de faelium dicere, sed nolo esse longus. Ita concludam, tamen beluas a barbaris propter beneficium consecratas, vestrorum deorum non modo beneficium nullum extare, sed ne factum quidem omnino. (De Natura Deorum, I, §101)

2.2 - Livro II – A exposição da doutrina estoica em quatro partes.

Há um argumento geral de que o segundo livro do *De Natura Deorum* possui a sua estrutura dividida em quatro argumentos principais que possuem uma única fonte. Isto é afirmado não só na introdução da tradução de Walsh (2008), mas também na de Rackham (2005). Isso se justifica pois no decorrer do texto Cícero cita Cleantes como o responsável pelos quatro argumentos e, posteriormente, Crisipo, sendo estes, após Zenão, os principais expoentes do estoicismo, tema central do segundo livro.

Durante o livro dois há uma intensa defesa da real existência dos deuses pautada na filosofia estoica. Busca-se explicar a existência dos deuses, mas não são deixadas as concepções da doutrina epicurista, usadas como forma de confrontar as ideias. Posteriormente é feita uma exposição da natureza divina, além de uma explicação da necessidade de um governo providencial do mundo, o que culmina com a preocupação acerca da providência, buscando uma forma de mostrar o alinhamento do mundo em benefício da humanidade. Apesar da extensa abordagem, nessa análise foram levadas em consideração somente os excertos que abordam a questão divina e os deuses.

Segundo Novak (1999) o estoicismo considera o deus único, imortal e feliz o qual é identificado como a natureza. Tudo que ocorre na vida humana se deve ao destino e a necessidade e o homem deve ser submetido a isso. Nessa doutrina, o homem deve se submeter às situações cotidianas sem questionar os desígnios divinos, aceitando todos os infortúnios que porventura surjam. Ao confrontar as duas correntes filosóficas, epicurismo, abordado no livro I, e o estoicismo é possível constatar que este último possui uma forma de explicar os fenômenos ocorridos através de concepções sobre os deuses. Já o primeiro atenta-se em explicar fisicamente o que acontece em sua volta, sem a ajuda de elementos divinos.

São ambos, estoicismo e epicurismo, doutrinas de reconciliação do homem com a natureza. Tentam explicar o homem e o mundo por meio de sistemas que compreendem uma lógica e uma física que levam a uma ética. Ensinam critérios de certeza e regras de vida. Assim, têm objetivos morais: definição do conceito de sábio e felicidade individual; e implicam ambos uma atitude religiosa. (NOVAK, 1999, p.259)

O livro II, narrado quase que inteiramente por Balbo, o estoico, inicia, então, afirmando a necessidade da divisão das questões sobre os deuses imortais em quatro partes,

pois “em primeiro lugar, ensinam que os deuses existem; depois, qual é sua natureza; em seguida, que o mundo é administrado por eles; por fim, que eles cuidam das coisas humanas”⁵⁹ (CICERO, 2016, p. 141). Desse modo a análise do segundo livro será dividida em:

- a) A prova da existência divina;
- b) A exposição da natureza divina;
- c) O governo provincial do mundo;
- d) O cuidado da providência.

2.2.1 – A prova da existência divina

Lucílio Balbo inicia a sua exposição afirmando que não há nada a não ser deuses a reger todo o universo, portanto seria desnecessário explicar o primeiro argumento: a existência dos deuses, uma vez que “pode ser tão patente e tão transparente, quando observamos o céu e contemplamos os corpos celestes, quanto existir algum poder divino de mente poderosíssima”⁶⁰ (CICERO, 2016, p. 141). Ademais, o estoico afirma que duvidar da existência de um ser superior seria o mesmo que duvidar que o sol existe, pois como poderia algo tão perfeito, como a natureza, não ter sido criada por um ser sublime. Além disso, Balbo afirma que seria impossível conceber uma ideia de um ser superior sem que este tenha, em algum momento, existido. É inimaginável que tantas figuras e mitos relacionados aos deuses perduraram por tanto séculos. Isso se justifica pois o tempo, geralmente, apaga aquilo que não é verdadeiro e só continua aquilo que de fato existiu, portanto o estoico fala que “tanto em nosso povo como nos demais, o culto dos deuses e sacralidade das religiões persistem para maiores e melhores dias.”⁶¹ (CICERO, 2016, p. 143)

Outro ponto levantado por Balbo é que tanto os presságios, quanto as maravilhas narradas em grandes feitos não poderiam ser fruto simplesmente da imaginação humana. Estas

⁵⁹ Primum docent esse deos, deinde quales sint, tum mundum ab his administrari, postremo consulere eos rebus humanis. (De Natura Deorum, II, §3)

⁶⁰ Quid enim potest esse tam apertum tamque perspicuum, cum caelum suspeximus caelestiaque contemplati sumus, quam esse aliquod numen praestantissimae mentis quo haec regantur? (De Natura Deorum, II, §4)

⁶¹ Itaque et in nostro populo et in ceteris deorum cultus religionumque sanctitates existunt in dies maiores atque meliores [...](De Natura Deorum, II, §5)

seriam advindas de experiências passadas que ainda influenciam a sociedade, pois “se crermos ter sido tudo isso imaginado pela liberdade excessiva das fábulas, como as de Mopso, Tirésias, Anfiarau, Calcante e Heleno[...] não comprovaremos a divindade dos deuses, nem mesmo ensinados pelos exemplos domésticos?”⁶² (CICERO, 2016, p. 147). E os célebres adivinhos da antiguidade, como citado anteriormente, não teriam alcançado tamanha fama. Ademais, aqueles que respeitam a religião possuem mais chance de sucesso, pois “pode-se compreender que a república foi engrandecida sob o comando daqueles que respeitaram a religião”⁶³ (CICERO, 2016, p. 149), enquanto outros que a desprezaram foram a ruína. Segundo Balbo, a força da religião era inquestionada uma vez que até os mais importantes “comandantes se consagraram a si mesmos aos deuses imortais, com a cabeça coberta e com palavras adequadas, em benefício da república.”⁶⁴ (CICERO, 2016, p. 151)

A inevitabilidade da existência de intérpretes que fossem capazes de explicar os desígnios divinos mostra, também, a existência dos deuses. Todavia, as falhas com a morte de algum ente querido ou a não realização de um presságio não mostram a inexistência dos deuses, mas sim a incapacidade humana de interpretar determinar a ação divina.

De outro lado, porém, os que são seus intérpretes, sem dúvida alguma é necessário que os mesmos existam; pois são intérpretes dos deuses; reconheçamos, portanto, que os deuses existem. Por outra parte, talvez não aconteça tudo quanto foi predito. Nem mesmo porque os doentes não melhoram, por esse motivo a medicina deixa de ser uma arte. Indícios dos acontecimentos futuros são mostrados pelos deuses; se alguns erraram na interpretação deles, não falhou a natureza dos deuses, mas a conjectura dos homens.⁶⁵ (CICERO, 2016, p. 153)

Quanto a existência dos seres imortais, Balbo afirma que pouco ainda deve ser duvidado, no entanto, no que concerne a natureza deles, há ainda muito desacordo. Mas, de acordo com Cleantes, o qual Brun (1986) afirma ter sido o sucessor de Zenão, fundador do

⁶² Quod si ea ficta credimus licentia fabularum, Mopsum Tiresiam Amphiarauum Calchantem Helenum [...], ne domesticis quidem exemplis docti numen deorum conprobabimus? (De Natura Deorum, II, §7)

⁶³ Quorum exitio intellegi potest eorum imperiis rem publicam amplificatam qui religionibus paruissent. (De Natura Deorum, II, §8)

⁶⁴ At vero apud maiores tanta religionis vis fuit, ut quidam imperatores etiam se ipsos dis immortalibus capite velato verbis certis pro re publica devoverent. (De Natura Deorum, II, §10)

⁶⁵ Quorum enim interpretes sunt, eos ipsos esse certe necesse est; deorum autem interpretes sunt; deos igitur esse fateamur. At fortasse non omnia eveniunt quae praedicta sunt. Ne aegri quidem quia non omnes convalescunt idcirco ars nulla medicina est. Signa ostenduntur a dis rerum futurarum; in his si qui erraverunt, non deorum natura sed hominum coniectura peccavit. (De Natura Deorum, II, §12)

estoicismo, em virtude da fidelidade com a qual transmitia os ensinamentos do mestre, havia noções dos deuses difundidas entre os homens, tendo este dado quatro razões que as justificam.

[...] como primeira colocou aquela, que há pouco enunciei, nascida da ideia inata das coisas futuras; como segunda, aquela que teríamos recebido através da grandeza dos benefícios advindos da organização do céu, da fecundidade das terras e da abundância de outros muitos benefícios. Como terceira, a que amedronta os espíritos com os raios, as tempestades, as nuvens carregadas, com as nevascas, os granizos, as devastações, com as pestes, os terremotos e os frequentes rugidos do mar, e com as chuvas de pedra e gotas de chuva como de sangue[...] 14. Como quarta razão, que há a mesma e máxima proporção do movimento e a revolução absolutamente constante do firmamento, do sol, da lua e o caráter distintivo, a utilidade, a beleza e a ordem de todos os astros; a própria aparência de todas essas coisas indica suficientemente que não são fortuitas[...] ⁶⁶ (CICERO, 2016, p. 155-157)

Segundo Brun (1986, p. 57), a existência de Deus nada mais é do que uma “noção comum”, ou seja, são as “opiniões naturais com sentido comum a todos os homens”. Essas noções são concebidas na mais tenra idade a partir da representação do sensível e um raciocínio natural do indivíduo. Já aqueles que não creem na existência de um ser sublime, segundo o autor, devem ser denominados insensatos, pois o dever do homem, principalmente o estoico, é procurar as causas de onde são retiradas as noções dos deuses e Cleantes distinguia quatro, como o próprio Balbo defende. As quatro razões poderiam ser explicadas separadamente, como Brun (1986) fez no excerto a seguir, sendo estas divididas em conhecimento do futuro, existência de um ser capaz de dosar as riquezas e dividi-las de forma harmoniosa, a força da natureza, incapaz de ser controlada pelos homens e, por fim, o movimento dos astros celestes.

Em primeiro lugar, a que nasce do conhecimento antecipado do futuro, o que implica, para que a adivinhação seja possível, que existam deuses que não nos escondam inteiramente os seus desígnios. Depois, todos os bens que nos vêm da terra implicam a existência de um dispensador destas riquezas. Em seguida, do espanto que lhes causam a fâsca, a tempestade, as nuvens, etc., os homens concluem que existe uma força celeste que os ultrapassa. Finalmente, a ordem do mundo, o movimento regular do céu, do Sol, da Lua e dos astros, mostram-nos que tudo implica a existência de um plano rigoroso. (BRUN, 1986, p.57)

⁶⁶ Primam posuit eam de qua modo dixi, quae orta esset ex praesensione rerum futurarum; alteram quam ceperimus ex magnitudine commodorum, quae percipiuntur caeli temperatione fecunditate terrarum aliarumque commoditatum complurium copia; tertiam quae terreret animos fulminibus tempestatibus nimbis nivibus grandinibus vastitate pestilentia terrae motibus et saepe fremitibus lapideisque imbribus et guttis imbrium quasi cruentis, [...] quartam causam esse eamque vel maximam aequabilitatem motus constantissimamque conversionem caeli, solis lunae siderumque omnium distinctionem utilitatem pulchritudinem ordinem, quarum rerum aspectus ipse satis indicaret non esse ea fortuita. (De Natura Deorum, II, §13/14/15)

Essas quatro causas ou razões mostram que há sempre algo ou alguém que tudo rege, pois aquilo que a mente humana não é capaz de compreender só pode advir de algo superior e perfeito “‘Pois se existe’ – diz ele – ‘algo na natureza das coisas, que a mente do homem, a razão, a força ou o poder humano não possam realizar, certamente aquilo que o realiza é melhor que o homem.’”⁶⁷ (CICERO, 2016, p. 157). Além disso, só um ser excepcional pode construir algo tão magnífico quanto o mundo, pois não se pode esperar que um ser comum seja capaz de construir algo sublime, assim como um jovem carpinteiro ainda não é capaz de construir uma casa perfeita.

[...] por conseguinte, se considerares o magnífico ornamento do mundo, a imensa variedade e a beleza dos objetos celestes, a força tamanha do mar e das terras como o teu domicílio e não como o dos deuses imortais, não parecerás totalmente fora de teu perfeito juízo? Será que nem ao menos compreendemos que todas as coisas celestes são as melhores, mas que a terra está bem mais abaixo, totalmente envolvida pelo ar muito denso: por essa mesma razão, vemos isso acontecer também em algumas regiões e cidades.⁶⁸ (CICERO, 2016, p. 159)

Segundo Brun (1986, p.57), o homem não é capaz de ocupar um cargo superior, pois não é capaz de ser totalmente perfeito, “só Deus pode ocupar este lugar supremo que o homem não poderá pretender ocupar”, o que complementa o pensamento de Balbo, ao dizer que “então, a partir da própria sagacidade dos homens, devemos pensar que existe determinada mente e essa realmente seja mais penetrante e divina.”⁶⁹ (CICERO, 2016, p. 159). Outrossim, tudo precisa de um impulso, as plantas precisam do sol e da chuva para crescer, os animais precisam dos alimentos e o mesmo ocorre ao imaginar o mundo como um todo, pois este não existiria da forma como existe sem algo ou um ser capaz de impulsioná-lo.

⁶⁷ “Si enim” inquit “est aliquid in rerum natura quod hominis mens quod ratio quod vis quod potestas humana efficere non possit, est certe id quod illud efficit homine melius; atqui res caelestes omnesque eae quarum est ordo sempiternus ab homine confici non possunt; est igitur id quo illa conficiuntur homine melius. (De Natura Deorum, II, §16)

⁶⁸ An vero, si domum magnam pulchramque videris, non possis adduci ut, etiam si dominum non videas, muribus illam et mustelis aedificatam putes □: tantum ergo ornatum mundi, tantam varietatem pulchritudinemque rerum caelestium, tantam vim et magnitudinem maris atque terrarum si tuum ac non deorum immortalium domicilium putes, nonne plane desipere videare? An ne hoc quidem intellegimus, omnia supera esse meliora, terram autem esse infimam, quam crassissimus circumfundat aer: ut ob eam ipsam causam, quod etiam quibusdam regionibus atque urbibus contingere videmus, hebetiora ut sint hominum ingenia propter caeli plenioram naturam, hoc idem generi humano evenerit, quod in terra hoc est in crassissima regione mundi conlocati sint.

⁶⁹ Et tamen ex ipsa hominum sollertia esse aliquam mentem et eam quidem acriorem et divinam existimare debemus (De Natura Deorum, II, §18)

“Realmente, assim é a realidade, que tudo quanto se alimente e cresça, apresente em si a força do calor, sem a qual não poderiam alimentar-se nem crescer; pois, tudo quanto é quente e ígneo se move e age por impulso próprio; o que se alimenta e cresce, porém, se vale de impulso certo e uniforme.”⁷⁰ (CICERO, 2016, p. 163)

Esse calor inerente a todos, capaz de dosar com precisão quando algo será ou não desenvolvido e se crescerá ou não de forma harmoniosa não depende de aspectos externo. De acordo com Balbo, “também a própria fluidez e a difusão da água revelam que foi acrescentado um calor inicial à água, que não se avoluma com as friagens, nem se condensa com a neve e com a geada, a não ser que a mesma, derretida e liquefeita, se difunda com o calor recebido.”⁷¹ (CICERO, 2016, p. 167). Portanto, esse calor inicial que faz com que não ocorra mudança, independente da sua exposição, só pode ser fruto da algo que não pode ser concebido por mortais, o que justifica a existência dos deuses.

Ainda sobre a natureza, seria inconcebível imaginá-la isolada, pois da mesma maneira que o homem precisa da mente que o controle e os animais necessitam dos instintos para que sobrevivam, assim ocorre com a natureza. Esta precisa, de acordo com Balbo, de algo “onde se originem as tendências das coisas.”⁷² (CICERO, 2016, p. 169), o que só poderia ser compreendido se chegarem à natureza dos deuses, uma vez que isto é a natureza primitiva de todas as coisas: os deuses.

E também se quisermos percorrer desde as primitivas e iniciais naturezas até as últimas e perfeitas, é necessário que cheguemos à natureza dos deuses. De fato, percebermos que são sustentadas pela natureza primitiva aquilo que é produzido da terra, a que a natureza nada concedeu a mais a não ser o que o mantivesse pela alimentação e pelo crescimento.⁷³ (CICERO, 2016, p. 173)

Por fim, Balbo encerra, no parágrafo quarenta e quatro, o primeiro argumento afirmando que todos aqueles que porventura ainda não acreditam na existência dos deuses

⁷⁰ Sic enim res se habet, ut omnia quae alantur et quae crescant contineant in se vim caloris, sine qua neque ali possent nec crescere. Nam omne quod est calidum et igneum cietur et agitur motu suo; quod autem alitur et crescit motu quodam utitur certo et aequabili; qui quam diu remanet in nobis tam diu sensus et vita remanet, refrigerato autem et extincto calore occidimus ipsi et extinguimur. (De Natura Deorum, II, §23)

⁷¹ Atque aquae etiam admixtum esse calorem primum ipse liquor aquae declarat et fusio, quae neque congelaret frigoribus neque nive pruinaque concreceret, nisi eadem se admixto calore liquefacta et dilapsa diffunderet (De Natura Deorum, II, §26)

⁷² [...] unde oriantur rerum adpetitus [...] (De Natura Deorum, II, §29)

⁷³ Atque etiam si a primis incohatisque naturis ad ultimas perfectasque volumus procedere, ad deorum naturam perveniamus necesse est. Prima enim animadvertimus a natura sustineri ea quae gignantur e terra, quibus natura nihil tribuit amplius quam ut ea alendo atque augendo tueretur. (De Natura Deorum, II, §33)

só podem ser concebidos como possuidores de uma mente não sã. Isso se justifica em virtude dos inúmeros argumentos utilizados até aqui durante a obra, além dos ímpios não serem capazes de responder de forma eficiente o que seria responsável pelo movimento dos astros.

2.2.2 – A exposição da natureza divina

Balbo inicia o parágrafo quarenta afirmando que em virtude das concepções adquiridas com o passar dos anos a única imagem formada na mente sobre os deuses está relacionada ao aspecto humano. Porém, esse pensamento pode estar equivocado quando se pondera que somente algo superior em todos os aspectos seria capaz de criar e reger toda a natureza. Portanto, para ser superior é incompreensível a similaridade entre humanos e deuses.

Entretanto, quando intuimos, através de certa noção do espírito, que deus é de tal natureza, primeiramente que seja um ser vivo; depois, que nada seja superior a ele em qualquer outra natureza, nada vejo de melhor para eu adaptar a essa nossa ideia inata e conceito, do que eu julgue que, primeiramente, este mesmo mundo, em relação ao qual nada de mais excelente pode ser feito, seja um ser vivo e seja deus.⁷⁴ (CICERO, 2016, p. 183)

Segundo Brun (1986, p.57), para os estoicos “é, pois, necessário dizer que existe um princípio diretor das partes que constituem o mundo e que é a causa primeira do seu movimento”. Essa causa primeira seria os deuses que não necessariamente se preocupam como possuir uma forma humana, ao contrário do que postulam os epicuristas. Ao citar Epicuro, Balbo afirma que, para esse, deus é um ser vivo que não é melhor ou está acima deste mundo. Brun (1986) os classifica como seres corpóreos que possuem forma humana, mas que não podem ser identificados pois os seus simulacros são tênues.

Pois, é de seu agrado que os deuses existam, porque é necessário que exista uma natureza excelente, em relação à qual nada seja melhor. Sem dúvida, porém, nada existe melhor que o mundo; também não há dúvida de que seja um ser vivo e tenha

⁷⁴ Sed cum talem esse deum certa notione animi praesentiamus, primum ut sit animans, deinde ut in omni natura nihil eo sit praestantius, ad hanc praesensionem notionemque nostram nihil video quod potius accommodem quam ut primum hunc ipsum mundum, quo nihil excellentius fieri potest, animantem esse et deum iudicem. (De Natura Deorum, II, §45)

capacidade de sentir, razão e mente; e isso seja melhor que aquilo que delas não disponha.⁷⁵ (CICERO, 2016, p. 183)

Para os epicuristas, portanto, o mundo é um ser vivo e os deuses existem, mas não são objetos de mitos, eles possuem a sua própria vida e seus próprios problemas. A estes não pode ser atribuída a criação do mundo, não há providência, nem destino, ou seja, as coisas são frutos do acaso e o mundo, na verdade, nasceu do encontro dos átomos, como dizia Demócrito. Não obstante, para os estoicos “Deus circula através do universo e através da matéria como o mel nos favos [...]. Deus é como um espírito que penetra em tudo no mundo mudando de nome e de apelido através de toda a matéria onde penetra por passagem de uma coisa à outra” (BRUN, 1986, p.59). Diferente do deus epicurista, o deus estoico seria, então, um ser racional e imortal, o qual, ignorando a maldade, faz reinar a sua providência sobre o mundo. Este pode ser chamado de arquiteto e pai e pode ser confundido com diversas formas, ou seja, não possui uma única forma como é, geralmente, associado à forma humana.

Zenão considera a natureza como a própria artífice do mundo e ela possui todos os movimentos voluntários, impulsos e tendências. De acordo com Balbo, “o mundo pratica as ações correspondentes do mesmo modo como nós mesmos, que nos movimentamos pelo espírito e pelos sentidos”⁷⁶ (CICERO, 2016, p. 197). Isso mostra que a providência é a responsável por manter tudo em perfeita ordem, desse modo não faltaria nada para manter a magnífica beleza do mundo. Portanto, enquanto o deus estoico está em tudo e mantém a natureza em perfeito funcionamento, o deus epicurista é inativo, como o próprio Balbo o classifica.

Epicuro considerou os deuses sombras lineares e totalmente inativos. Eles, porém, por serem dotados de belíssima forma e situados em região puríssima do céu, os cursos são conduzidos e dirigidos de tal modo que pareçam ter decidido unanimemente manter e proteger todas as coisas.⁷⁷ (CICERO, 2016, p. 199)

⁷⁵ Placet enim illi esse deos, quia necesse sit praestantem esse aliquam naturam qua nihil sit melius. Mundo autem certe nihil est melius; nec dubium quin quod animans sit habeatque sensum et rationem et mentem id sit melius quam id quod is careat. (De Natura Deorum, II, §46)

⁷⁶ [...] et is consentaneas actiones sic adhibet ut nosmet ipsi qui animis movemur et sensibus. (De Natura Deorum, II, §58)

⁷⁷ [...] quae verens Epicurus monogrammos deos et nihil agentes commentus est. Illi autem pulcherruma forma praediti purissimaque in regione caeli collocati ita feruntur moderanturque cursus, ut ad omnia conservanda et tuenda consensisse videantur. (De Natura Deorum, II, §59)

Além de protegerem as coisas humanas, muitas outras qualidades foram atribuídas aos deuses, tendo como pressuposto os seus grandes feitos, pois “[...] tudo quanto trouxesse grande proveito ao gênero humano, consideravam que tal não aconteceria aos homens sem a bondade divina.”⁷⁸ (CICERO, 2016, p. 199). Ademais, aqueles que proporcionaram momentos bons também se tornaram deuses, sendo homens comuns elevados ao céu em virtude de seus atos, dentre estes há os grandes mitos de homens como Hércules, Cástor e Pólux, os quais foram considerados deuses em virtude de seus atos considerados tão sublimes quanto os atos dos deuses.

Contudo, a vida dos homens e a tradição comum consentiram em elevar homens ao céu, por benefícios exímios, pela voz do povo e por benevolência; de um lado Hércules e Cástor e Pólux, de outro, Esculápio [...]. Uma vez que os espíritos deles permanecem e desfrutam da eternidade, religiosamente são considerados deuses, porque são excelentes e eternos.⁷⁹ (CICERO, 2016, p. 199)

Todos esses mitos e lendas possibilitaram aos poetas inúmeras fontes para as histórias que perpetuaram até a contemporaneidade. No entanto, essas encheram a vida dos homens de medo e superstição, já que estes possuíam o receio de desafiar o sublime. Isso fora mostrado em grandes obras épicas, como a narração do surgimento dos deuses, os quais, segundo Hesíodo, foram originados de Júpiter, pai de todos os deuses, o qual desafiou seu pai, Saturno, e o prendeu no tártaro: “Céu teria sido recortado pelo filho Saturno, mas o próprio Saturno teria sido amarrado pelo filho Júpiter.”⁸⁰ (CICERO, 2016, p.205)

Balbo finaliza a sua exposição, afirmando que “a razão foi arrastada por fatos naturais, bem e objetivamente observados, para estabelecer deuses recomendados e imaginários.”⁸¹(CICERO, 2016, p.217) e isso só gerou doutrinas errôneas e superstições herdadas dos antigos. A partir disso foram conhecidos os minuciosos detalhes da vida dos deuses, além de terem sido aproximados à sentimentos humanos.

⁷⁸ Quicquid enim magnam utilitatem generi adferret humano, id non sine divina bonitate erga homines fieri arbitrabantur.”[...] (De Natura Deorum, II, §60)

⁷⁹ Suscepit autem vita hominum consuetudoque communis ut beneficiis excellentis viros in caelum fama ac voluntate tollerent. Hinc Hercules hinc Castor et Pollux hinc Aesculapius [...]. Quorum cum remanerent animi atque aeternitate fruerentur, rite di sunt habiti, cum et optimi essent et aeterni. (De Natura Deorum, II, §62)

⁸⁰ [...] esse exsectum Caelum a filio Saturno, vinctum autem Saturnum ipsum a filio Iove [...](De Natura Deorum, II, §63)

⁸¹ Videtisne igitur ut a physicis rebus bene atque utiliter inventis tracta ratio sit ad commenticios et fictos deos. (De Natura Deorum, II, §70)

Essa situação produziu falsas doutrinas, desvios tempestuosos e superstições à maneira das velhas. E a nós são conhecidas as formas dos deuses, suas idades, suas vestes e seus enfeites, além de seus gêneros, uniões conjugais e pensamentos, tudo transferido para a semelhança com a fraqueza humana.⁸² (CICERO, 2016, p. 217)

Apesar do desprezo às lendas, uma certa concepção se mostra correta no que concerne à existência dos deuses. Cada uma destas entidades é relacionada a natureza, como Netuno sendo deus dos mares e Ceres da terra e muitos outros relacionados de forma indireta a elementos naturais. Balbo finaliza que apesar disso “a esses deuses devemos respeitar e cultuar, pois o culto dos deuses é muito bom, sacratíssimo, muito santo e repleto de piedade, de modo que sempre os veneremos com mente e com palavra puras, honestas e incorruptíveis”⁸³ (CICERO, 2016, p. 217). Isso é baseado naqueles considerados doutos, os quais só sabiam reconhecer a sua existência tendo como pressuposto o sublime.

2.2.3 – O governo providencial do mundo

Ao abordar a providência, Balbo afirma que esta é a responsável por administrar e zelar por todo mundo. Sendo essa administração dividida em três partes:

- a) Argumentos que comprovam a existência dos deuses;
- b) Todas as coisas estão sujeitas à natureza;
- c) Admiração das coisas do céu e da terra.

Portanto, há duas opções e a primeira é negar a existência dos deuses e a segunda reconhecer a sua existência e que de fato são sublimes e regem todo o universo.

Afirmo então que o mundo e todas suas partes foram, no início, constituídos pela providência dos deuses e são por ela administrados em todo o tempo. Os nossos quase sempre dividem esta discussão em três partes, a primeira das quais é aquela conduzida pelo argumento que comprova existirem os deuses. Admitido esse, é

⁸² Quae res genuit falsas opiniones erroresque turbulentos et superstitiones paene aniles. Et formae enim nobis deorum et aetates et vestitus ornatusque noti sunt, genera praeterea coniugia cognationes, omniaque traducta ad similitudinem inbecillitatis humanae. (De Natura Deorum, II, §70)

⁸³ Quos deos et venerari et colere debemus. Cultus autem deorum est optumus idemque castissimus atque sanctissimus plenissimusque pietatis, ut eos semper pura integra incorrupta et mente et voce veneremur. (De Natura Deorum, II, §71)

preciso reconhecer que o mundo é administrado pela assembleia dos deuses. A segunda, porém, é a que ensina estarem todas as coisas sujeitas à natureza com capacidade de sentir e que por ela tudo é belissimamente gerenciado; isso posto, segue-se que ela foi gerada por princípios viventes. O terceiro tópico é o deduzido através da admiração das coisas do céu e da terra.⁸⁴ (CICERO, 2016, p. 223)

Admitir a existências dos deuses é reconhecer que não há nada mais sublime e mais poderoso que eles, portanto só estes estão aptos a cuidar do universo. Caso houvesse alguém que não aceitasse esse fato, seria preciso que este entendesse que “seria necessário haver algo melhor e dotado de força maior que deus, qualquer que seja sua natureza, seja uma natureza inanimada, seja uma necessidade impelida por grande força, realizando essas belíssimas obras que contemplamos.”⁸⁵ (CICERO, 2016, p. 223). Ademais, não haveria a existência dos deuses caso estes fossem sujeitos à necessidade da natureza, entretanto os imortais não estão sujeitos a nada, desse modo eles regem tudo, como disse Balbo, “deus não obedece ou está sujeito a nenhuma natureza; logo, ele mesmo governa a natureza inteira. Contudo, se concedemos que os deuses são inteligentes, concedemos também que sejam providentes mesmo das maiores coisas.”⁸⁶ (CICERO, 2016, p. 223)

Se fosse ainda considerado que há nos deuses a mesma razão humana, em virtude da sua similaridade, como já foi posto por Epicuro, esta deve estar acima dos deuses e ser completamente superior a qualquer aspecto imaginado pelos mortais, como pode ser visto no excerto a seguir, “E como existem em nós a capacidade de deliberação, a razão e a prudência, é necessário que os deuses as tenham em maior grau e não só as tenham, mas também as usem nas maiores e nas melhores oportunidades.”⁸⁷ (CICERO, 2016, p. 225). No que concerne à natureza e tudo o que a gerencia, segundo Brun (1986), há aqueles que “julgam ser a natureza uma determinada força sem inteligência, provocando os movimentos necessários nos

⁸⁴ Dico igitur providentia deorum mundum et omnes mundi partes et initio constitutas esse et omni tempore administrari. Eamque disputationem tris in partes nostri fere dividunt. Quarum prima pars est quae ducitur ab ea ratione quae docet esse deos; quo concessio confitendum est eorum consilio mundum administrari. Secunda est autem quae docet omnes res subiectas esse naturae sentienti ab eaque omnia pulcherrime geri; quo constituto sequitur ab animantibus principiis eam esse generatam. Tertius est locus qui ducitur ex admiratione rerum caelestium atque terrestrium. (De Natura Deorum, II, §75)

⁸⁵ [...] aliquid profecto sit necesse est melius et maiore vi praeditum quam deus, quale id cumque est, sive inanima natura sive necessitas vi magna incitata haec pulcherrima opera efficiens quae videmus; [...] (De Natura Deorum, II, §76)

⁸⁶ Etenim si concedimus intellegentes esse deos, concedimus etiam providentes et rerum quidem maxumarum. (De Natura Deorum, II, §77)

⁸⁷ [...] cumque sint in nobis consilium ratio prudentia, necesse est deos haec ipsa habere maiora, nec habere solum sed etiam his uti in maxumis et optimis rebus. (De Natura Deorum, II, §79)

corpos”⁸⁸ (CICERO, 2016, p. 227), os quais, segundo Walsh (2008) propõem um universo mecânico. Por outro lado, ainda segundo o mesmo autor, há os estoicos com a noção de um mundo inteligente, como é afirmado no texto.

[...] outros, porém, que seja uma força participante da inteligência e da ordem, avançando e declarando, como um caminho, o que a causa de cada coisa realiza, o que se siga, cuja habilidade arte alguma, mão alguma e nenhum artífice possam alcançar por imitação.⁸⁹ (CICERO, 2016, p. 227)

Porém se houver algum questionamento sobre a criação de uma natureza tão perfeita e rica em detalhes ou do por que os deuses trabalharam tanto em seres irracionais e incapazes de falar, Balbo diz que isso fora feito “por causa daqueles seres vivos que usam a razão; esses são os deuses e os homens, em relação aos quais certamente nada existe de melhor, pois a razão é a que excede a todas as coisas.”⁹⁰ (CICERO, 2016, p. 289).

Após essa exposição, Balbo mostra uma série de exemplos acerca da perfeição humana, dando ênfase à superioridade do homem sobre as demais criaturas. Mas, como esses aspectos não são relevantes para esta pesquisa, eles não serão abordados. Depois dessas considerações sobre o nível de perfeição humana, há a indagação sobre a incapacidade do homem em chegar a deus, mesmo esse tendo sido capaz, pelo gênero humano, de definir vários elementos primordiais para o desenvolvimento de diversos campos de conhecimento, como a definição dos dias, meses, anos, previsão de eclipses, entre outros.

Por fim, constata-se que devido a capacidade do homem de fazer tantas atividades racionais, o espírito humano fica próximo ao conhecimento dos deuses. Portanto, a única diferença entre os dois é o aspecto corpóreo, ou seja, a imortalidade.

Considerando tudo isso, o espírito chega ao conhecimento dos deuses, do qual se origina a reverência, à qual se juntam a justiça e as outras virtudes; e delas resulta a vida feliz conveniente e semelhante à dos deuses, em nada cedendo aos seres

⁸⁸ Namque alii naturam esse censent vim quandam sine ratione cientem motus in corporibus necessario; [...] (De Natura Deorum, II, §81)

⁸⁹ [...] alii autem vim participem rationis atque ordinis tamquam via progredientem declarantemque quid cuiusque rei causa efficiat quid sequatur, cuius sollertiam nulla ars nulla manus nemo opifex consequi possit imitando; [...] (De Natura Deorum, II, §81)

⁹⁰ Eorum scilicet animantium, quae ratione utuntur; hi sunt di et homines; quibus profecto nihil est melius; ratio est enim quae praestet omnibus [...] (De Natura Deorum, II, §133)

celestes a não ser na imortalidade, que nada tem a ver com o viver bem.⁹¹ (CICERO, 2016, p. 225)

2.2.4 – O cuidado da providência em benefício da humanidade.

Na parte final do livro dois, Balbo ressalta que falta ainda falar daquelas coisas que foram feitas para usufruto do homem. O estoico exemplifica que Atenas e Esparta foram criadas por causa de seus respectivos povos e, por isso, tudo que lá existe é atribuído a eles. Outrossim, ele acredita que o mesmo acontece com o mundo, uma vez que este só fora feito por causa não só dos homens, mas também dos deuses, o que justifica tamanha perfeição do mundo.

No princípio, o próprio mundo foi feito por causa dos deuses e dos homens e tudo o que nele existe foi criado e preparado para usufruto dos homens. Pois o mundo é como que a casa comum dos deuses e dos homens ou a cidade deles ambos, pois só eles, deuses e homens, pelo uso da razão, vivem sob o direito e a lei.⁹² (CICERO, 2016, p. 225)

Tudo que habita o mundo, inclusive os animais foram criados para o homem. Isso se fundamenta pois sempre poderão ser aproveitados alguns elementos da natureza para a satisfação pessoal. A carne dará alimento, assim como as frutas e verduras, ademais a água extinguirá a sede e o calor do fogo esquentará o corpo nos dias de inverno.

Então se deve reconhecer que essa quantidade de coisas foi reunida por causa dos homens. Senão, tamanha abundância e variedade de frutos e seu não só gosto agradável, mas também seu perfume e aspecto talvez tragam a dúvida, se a natureza deu tudo isso apenas aos homens. E falta apenas, para que isso tenha sido destinado também aos animais, que consideremos os mesmos animais terem sido criados por causa dos homens. Pois, que outra coisa as ovelhas produzem a não ser seu pelame, com que, elaborado e transformado em tecido, os homens se vistam;⁹³ (CICERO, 2016, p. 317)

⁹¹ Quae contuens animus accedit ad cognitionem deorum, e qua oritur pietas, cui coniuncta iustitia est reliquaeque virtutes, e quibus vita beata existit par et similis deorum, nulla alia re nisi immortalitate, quae nihil ad bene vivendum pertinet, cedens caelestibus. (De Natura Deorum, II, §153)

⁹² Principio ipse mundus deorum hominumque causa factus est, quaeque in eo sunt ea parata ad fructum hominum er inventa sunt. Est enim mundus quasi communis deorum atque hominum domus aut urbs utrorumque; soli enim ratione utentes iure ac lege vivunt. (De Natura Deorum, II, §154)

⁹³ [...] hominum igitur causa eas rerum copias comparatas fatendum est. Nisi forte tanta ubertas varietasque pomorum eorumque iucundus non gustatus solum sed odoratus etiam et aspectus dubitationem adfert quin hominibus solis ea natura donaverit. Tantumque abest ut haec bestiarum etiam causa parata sint, ut ipsas bestias

Balbo afirma que além de promover o sustento, a natureza faz com que sejam feitas previsões que serão capazes tanto de afastar, quanto de aproximar os perigos. Todavia, o estoico ressalta que já aguarda a crítica de Cota e Veleio quanto às previsões, pois era comum entre os epicuristas ridiculariza-las. Mas os estoicos acreditavam que esta capacidade de conhecer os eventos futuros foi algo dado pelos deuses.

Realmente, aquela posição, que qualquer um vós dois, Cota e Veleio, talvez venha a assumir para refutar, porque Carnéades gostava de investir contra os estoicos, uma vez que Epicuro nada ridicularizava mais que a predição dos eventos futuros, parece-me mesmo confirmar perfeitamente que a providência dos deuses vela pelas coisas humanas. Pois existe em verdade a arte de prever o futuro, que aparece em muitos locais, coisas e tempos, tanto em assuntos privados como principalmente nos públicos. (p.162, p.321)⁹⁴

Isso mostra que cada pessoa é cuidada pelos deuses, uma vez que oráculos fazem previsões específicas para o gênero humano como um todo, ou seja, não há distinção das capacidades de cada um. Para explicar tal fato, Balbo fala que os deuses estão zelando pela vida de todos, independente de onde possam estar.

Pois se pensamos que os deuses cuidam de todos os homens que estão por todos os lugares, em qualquer extremo e parte das terras deste planeta, que nós habitamos, pela série ininterrupta dos que vão se distanciando, pelas razões que apontamos acima, os deuses cuidam também desses homens, que habitam conosco essas terras desde o oriente até ao ocidente. (p.164)⁹⁵

Portanto, se os deuses cuidam do homem sem distinção, este só se tornará grande se houver uma intervenção divina, todavia os deuses não se preocupam com os pequenos detalhes, mas com os grandes, tendo sempre como princípio maior a vida dos homens. Logo, os deuses só se inquietam com os problemas gerais do universo, e não com as peculiaridades de cada indivíduo.

hominum gratia generatas esse videamus. Quid enim oves aliud adferunt nisi ut earum villis confectis atque contextis homines vestiantur; [...] (De Natura Deorum, II, §158)

⁹⁴ Illud vero, quod uterque vestrum arripit fortasse ad reprendendum, Cotta quia Carneades lubenter in Stoicos invehebatur, Velleius quia nihil tam inridet Epicurus quam praedictionem rerum futurarum, mihi videtur vel maxime confirmare deorum prudentia consuli rebus humanis. Est enim profecto divinatio, quae multis locis rebus temporibus apparet cum in privatis rebus tum maxime in publicis. [...] (De Natura Deorum, II, §162)

⁹⁵ Nam si omnibus hominibus, qui ubique sunt quacumque in ora ac parte terrarum ab huiusce terrae quam nos incolimus continuatione distantium, deos consulere censemus ob has causas quas ante diximus, his quoque hominibus consulunt qui has nobiscum terras ab oriente ad occidentem colunt. (De Natura Deorum, II, §164)

Em consequência, ninguém se tornou, alguma vez, um grande homem sem algum sopro divino. Então, não se deve repelir assim como mentira, se o mau tempo vier a prejudicar as searas ou os vinhedos de alguém, ou se o acaso tirar algo das comodidades da vida, que venhamos a julgar aquele, a quem algo disso tenha acontecido, seja odioso ao deus ou por ele negligenciado. Os deuses se preocupam com as coisas grandes e negligenciam as pequenas. Entretanto, tudo é sempre favorável aos grandes homens, pois muito bem foi dito pelos nossos e por Sócrates, o príncipe da filosofia, sobre as vantagens e a prodigalidade da virtude.⁹⁶ (CICERO, 2016, p. 325)

⁹⁶ Nemo igitur vir magnus sine aliquo adflatu divino umquam fuit. Nec vero ita refellendum est ut, si segetibus aut vinetis cuiuspiam tempestas nocuerit, aut si quid e vitae commodis casus abstulerit, eum cui quid horum acciderit aut invisum deo aut neglectum a deo iudicemus. Magna di curant, parva neglegunt. (De Natura Deorum, II, §167)

2.3 Livro III: A crítica de Cota a doutrina estoica.

Logo após finalizar a sua exposição sobre a existência dos deuses com base em quatro explicações, Cota, o representante acadêmico dentre os três expositores, afirma que deve se defender para poder entender o que fora dito além de procurar compreender melhor aquilo que não fora assimilado com clareza. Veleio, o epicurista, também aguarda a sua argumentação, uma vez que foi prazeroso para Balbo ouvir as argumentações contra os estoicos.

‘Ignoras com quanta expectativa, Cota, estou para te ouvir. Pois, tua exposição contra Epicuro foi agradável ao nosso Balbo; por isso, mostrar-me-ei a ti, em compensação, um ouvinte atento contra os estoicos. Espero então que tenhas vindo bem preparado, como é de teu hábito.’⁹⁷ (CICERO, 2016, p. 327)

Contudo, Cota afirma não haver uma argumentação similar contra as duas escolas helenísticas, uma vez que não havia muito a falar de Epicuro, pois ele não abordou com tanta ênfase a temática dos deuses, ao contrário de Zenão, o estoico. Desse modo, enquanto a exposição e a crítica ao epicurismo foram feitas todos no primeiro livro, aos estoicos coube a exposição e crítica, respectivamente, no segundo e terceiro livros.

Em sequência, exclamou Cota: ‘Nessa perspectiva, Veleio, por Hércules!, de fato, não tenho argumentação semelhante a de Lucílio, do mesmo modo que não a tive em relação à tua.’

‘Em que afinal?’ – pergunta aquele.

‘Porque me parece que vosso Epicuro não se empenhou muito a respeito dos deuses imortais: tão pouco ousa negar haver deuses, para não enfrentar hostilidade ou acusação.’⁹⁸ (CICERO, 2016, p. 327)

⁹⁷ Hic Velleius "Nescis" inquit "quanta cum expectatione Cotta sim te auditorus. Iucundus enim Balbo nostro sermo tuus contra Epicurum fuit; praebebo igitur ego me tibi vicissim attentum contra Stoicos auditorem. (De Natura Deorum, III, §2)

⁹⁸ Tum Cotta "Sic mehercule" inquit "Vellei; neque enim mihi par ratio cum Lucilio est ac tecum fuit".

"Qui tandem?" inquit ille.

"Quia mihi videtur Epicurus vester de dis immortalibus non magnopere pugnare: tantummodo negare deos esse non audet, ne quid invidiae subeat aut criminis; cum vero deos nihil agere nihil curare confirmat membrisque humanis esse praeditos sed eorum membrorum usum nullum habere, ludere videtur satisque putare si dixerit esse quandam beatam naruram et aeternam." (De Natura Deorum, III, §3)

Desse modo, Cota convida Veleio a observar quantas exposições foram feitas por Balbo sobre a temática dos deuses, mesmo sendo algumas falsas ou inapropriadas. Destarte, o acadêmico afirma não ter a intenção de refutar a escola, mas esclarecer aquilo que não foi compreendido de antemão. Por isso, Cota pede que Balbo “prefiras responder sobre cada uma das ideias a mim, que te questiono sobre aquilo de que pouco captei, em vez de ouvir toda minha exposição.”⁹⁹ (CICERO, 2016, p. 329). Entretanto, o estoico afirma que não sente incomodado caso o acadêmico decida também refutar o que fora exposto. Então Cota afirma que, apesar das suas divergências com sábios e incultos, este não deixou a parte a educação que recebera no que se refere ao culto aos deuses. Todavia, o acadêmico afirma que ao se falar de religião, somente pontífices máximos seriam capazes de abordar com clareza a temática, mas não Zenão, Cleantes ou Crisipo.

Posto isso, Balbo indaga que se é desconsiderada a abordagem estoica, o que pode-se esperar que seja argumentado e quais dúvidas serão retiradas no que concerne aos deuses? Cota responde que o que os pontífices falaram já fora esclarecido, falta agora a ele compreender as palavras estoicas. Portanto, da mesma forma como o estoico fez a divisão da sua apresentação, Balbo irá segui-la para expor as suas dúvidas enquanto faz a refutação do postulado pela escola.

Balbo então disse: ‘Numa palavra, que tipo de argumento, Cota, esperas de mim?’

E o outro respondeu: ‘Tua divisão foi em quatro partes: primeiramente, que queiras mostrar existirem os deuses; depois, qual a natureza deles; em seguida, que o mundo é regido por eles; e, por fim, que eles cuidam dos assuntos humanos. Essa foi a divisão, se bem me lembro.’

Diz Balbo: ‘Perfeitamente; aguardo, porém, o que irás perguntar.’¹⁰⁰ (CICERO, 2016, p. 333)

2.3.1 – Ataque à prova da existência divina.

⁹⁹ Quare Balbe tibi permitto, responderene mihi malis de singulis rebus quaerenti ex te ea quae parum accepi an universam audire orationem meam." (De Natura Deorum, III, §4)

¹⁰⁰ Tum Balbus "Quam igitur a me rationem" inquit "Cott, desideras?"

Et ille "Quadripertita" inquit "fuit divisio tua, primum ut velles docere deos esse, deinde quales essent, tum ab is mundum regi, postremo consulere eos rebus humanis. Haec, si recte memini, partitio fuit."

"Rectissime" inquit Balbus; "sed expecto quid requiras." (De Natura Deorum, III, §6)

A partir do parágrafo sete, Cota afirma que apesar de acreditar que tudo o que fora exposto é controverso, este fará a exposição por meio de perguntas feitas como se fosse um leigo no assunto: “[...]entro nesta controvérsia como se nunca tivesse ouvido nem pensado nada sobre os deuses imortais; aceita-me qual discípulo rude e intato, e explique aquilo que eu perguntar. ”¹⁰¹(p.7, p.333). Portanto, com base nas quatro questões, Cota inicia indagação sobre a existência dos deuses, o primeiro item.

O acadêmico retoma a fala de Balbo, na qual este afirmava veementemente que não havia a necessidade de explicar sobre os deuses haja vista que a existência desses é evidente. Contudo, para Cota isso gera um conflito de raciocínio, pois o estoico apresenta vários argumentos e o primeiro, dos quais o acadêmico assegura ter memorizado todos, é que basta observar o céu para compreender que tudo isso só pode existir pois há uma divindade que tudo rege.

Apesar de Cota afirmar desde o início que irá somente tirar dúvidas daquilo que fora exposto, é possível notar o seu tom de desaprovação e até deboche em alguns excertos. O acadêmico permite que Balbo exponha a sua opinião, mas no desenvolvimento do diálogo, Cota passa a não deixar que o estoico se defenda de forma clara e objetiva, como seria de se esperar ao questionar outra pessoa. Isso culmina com o estoico assegurando que retirar as dúvidas não era a real intenção do interlocutor, mas sim expor a sua opinião enquanto confronta a doutrina estoica.

Apresentas todos esses argumentos, por que os deuses existam; e de forma alguma tornas duvidoso, pela argumentação, o cerne de minha exposição. Realmente, gravei na memória não só número, mas também a sequência de teus argumentos. O primeiro foi: assim que tivéssemos observado o céu, imediatamente nós compreenderíamos haver alguma divindade, pela qual isso é regido. Depois desse, também aquele ‘Repara nesse sublime sol, a quem todos invocam como Júpiter’.¹⁰² (CICERO, 2016, p. 337)

Cota afirma que os dilemas são confrontados, mas que o estoico prefere crer da mesma forma que os antigos poetas e filósofos que aceitaram a existência divina. Neste momento, o

¹⁰¹ "Quia sic adgredior" inquit "ad hanc disputationem, quasi nihil umquam audierim de dis immortalibus nihil cogitaverim; rudem me et integrum discipulum accipe et ea quae requiro doce." (De Natura Deorum, III, §7)

¹⁰² Adfers haec omnia argumenta cur dii sint, remque mea sententia minime dubiam argumentando dubiam facis; mandavi enim memoriae non numerum solum sed etiam ordinem argumentorum tuorum. Primum fuit, cum caelum suspexissemus statim nos intellegere esse aliquod numen quo haec regantur. Ex hoc illud etiam: 'Aspice hoc sublime candens, quem invocant omnes Iovem'. (De Natura Deorum, III, §10)

acadêmico nega a imortalidade da alma defendida por Platão, pois, segundo Walsh (2008), aqui o ele fala como um sacerdote romano e considera que Balbo tenha argumentado que certas personagens, como Hércules e Romulo, foram considerados deuses que gozam a vida. Logo em seguida, Balbo questiona se para Cota toda história não é nada além de boatos e que a existência divina não passa de algo imaginado.

Segundo Walsh (2008), o final da exposição de Balbo fora perdido, mas pode-se julgar que o acadêmico, provavelmente, teria desafiado as afirmações do estoico. Outra interpretação possível é que os argumentos de Balbo foram ignorados pelo próprio autor por não serem capazes de justificar a existência dos deuses. Cícero era um acadêmico por formação, tendo seguido a doutrina desde a juventude. Pode-se inferir, portanto, que o autor achou desnecessária a exposição de Balbo nesse excerto pois isso em nada mudaria a concepção dos deuses. Mas não há nada que efetivamente confirme essa afirmação.

Disse então Lucílio: ‘Será que te parecem lendas? Porventura não vês, no fórum, o templo dedicado a Cástor e Polux por A. Postúmio, nem consideras o *senatus consultum* sobre Vatínio? De fato, a respeito do Sagra dos gregos existe um dito popular, em que se afirma ser mais correto aquilo que ali se diz, do que o acontecido perto do Sagra. Não deverias então ser convencido por esses fundadores?’ ‘Balbo, disse então Cota, tu me desafia com boatos; mas eu exijo argumentos (...).¹⁰³ (CICERO, 2016, p. 341)

Quanto ao destino, Balbo afirma que seria necessário consultar aquilo que é futuro com o intuito de conhecer qual é a vontade dos deuses. Entretanto, Cota argumenta que se há algo que rege toda a existência e o destino de cada indivíduo já está traçado e realmente nada pode ser feito, é desnecessário e angustiante conhecer aquilo que não será capaz de mudar. Vale aqui relembrar a história de Édipo Rei, uma das tragédias gregas escrita por Sófocles e que faz parte da intitulada Trilogia Tebana, o qual após inúmeras tentativas de confrontar aquilo que fora dito pelo oráculo, acabou de fato enfrentando o destino.

Muitas vezes, porém, nem sequer é útil saber qual seja o futuro; pois é infelicitante angustiar-se por nada nem ter ao menos o último, ainda que comum, consolo, principalmente porque vós dizeis ainda que tudo acontece pelo destino, mas que, sempre e desde toda a eternidade, tenha sido verdade existir o destino: portanto, em

¹⁰³ Tum Lucilius "An tibi" inquit "fabellae videntur? Nonne ab A. Postumio aedem Castori et Polluci in foro dedicatam, nonne senatus consultum de Vatínio vides? Nam de Sagra Graecorum etiam est volgare proverbium, qui quae adfirmant certiora esse dicunt quam illa quae apud Sagram. His igitur auctoribus nonne debes moveri?"

Tum Cotta "Rumoribus" inquit "mecum pugnas Balbe, ego autem a te rationes requiro ** (De Natura Deorum, III, §13)

que ajuda ou o que acrescenta conhecer algo futuro, uma vez que isso certamente acontecerá?¹⁰⁴ (CICERO, 2016, p. 345)

Segundo Reale (2015, p.60) os estoicos compreendiam a questão do destino “como a série irreversível de causas, a ordem natural e necessária de todas as coisas, o indissolúvel nó que liga todos os seres, o *logos* segundo o qual as coisas passadas aconteceram, as presentes acontecem e as futuras acontecerão”. Tendo o destino como pressuposto, segundo Cota, Cleantes julgava que os homens possuíam várias noções inatas sobre os deuses, sendo elas “pressentimento das coisas futuras; outra, das perturbações das intempéries e demais convulsões; a terceira, das facilidades e da abundância das coisas; a quarta, da ordem e a constância dos astros.”¹⁰⁵ (CICERO, 2016, p. 345). Entretanto, apesar de várias intempéries serem fruto da intervenção divina, nada poderia ser dito sobre as perturbações marítimas ou celestes.

Apesar de ter exposto isso, o acadêmico afirma que não irá prolongar a exposição quanto aos benefícios recebidos dos deuses, a ordem das estações ou a constância dos céus, pois isso será argumentado quando forem abordadas a questão da providência dos deuses. Também será posposto, por enquanto, aquilo que Balbo afirmou poder ser realizado somente por uma entidade divina, “que não poderia ser realizado pelo homem e que existiria algo melhor que o homem”¹⁰⁶(CICERO, 2016, p. 345).

Cota finaliza questionando o estoico: “com que argumentos te persuadistes de que os deuses existem?”¹⁰⁷ (CICERO, 2016, p.347). O que Balbo afirma ser feito de modo equivocado, uma vez que assuntos tão explorados pelos estoicos foram debatidos de forma simples pelo acadêmico, sem dar a oportunidade de resposta e contra argumentação. Ademais, muitas temáticas foram deixadas a parte, o que Balbo pede para que não ocorra quando forem

¹⁰⁴ Secuntur quae futura sunt; effugere enim nemo id potest quod futurum est. Saepe autem ne utile quidem est scire quid futurum sit; miserum est enim nihil proficientem angere nec habere ne spei quidem extremum et tamen commune solacium; praesertim cum vos idem fato fieri dicatis omnia, quod autem semper ex omni aeternitate verum fuerit id esse fatum: quid igitur iuvat aut quid adfert ad cavendum scire aliquid futurum, cum id certe futurum sit? (De Natura Deorum, III, §14)

¹⁰⁵ Unus is modus est de quo satis dixi, qui est susceptus ex praesensione rerum futurarum; alter ex perturbationibus tempestatum et reliquis motibus; tertius ex commoditate rerum quas percipimus et copia; quartus ex astrorum ordine caelique constantia. (De Natura Deorum, III, §16)

¹⁰⁶[...] quod ab homine effici non posset, esse aliquid homine melius [...] (De Natura Deorum, III, §18)

¹⁰⁷ A te autem idem illud etiam atque etiam quaeram, quibus rationibus tibi persuadeas deos esse." (De Natura Deorum [...] III, §19)

expostos assuntos tão significativos para a doutrina em questão. Pode-se inferir, portanto, que os assuntos não eram tão significativos para os acadêmicos, como eram para os estoicos.

Por isso, muitos assuntos capitais foram deixados de lado – sobre a adivinhação, sobre o destino – sobre os quais os nossos costumam dizer muitas coisas, mas de fato tu o fazes apenas resumidamente; são, porém, distinguidas desta questão em relação àquela que agora temos a mão. Por isso, caso lhe pareça bem, não ajas de modo confuso, para que expliquemos o que se procura com esta discussão'.¹⁰⁸ (CICERO, 2016, p. 347)

2.3.2 – Ataque à exposição da natureza divina.

Após ter abordado a primeira das quatro partes e Balbo ter argumentado que muitos assuntos necessários foram deixados à parte, Cota considera prudente iniciar a segunda. Nesta o acadêmico considera que, ao invés de mostrar a existência dos deuses, irá mostrar a sua inexistência. Cota justifica isso dizendo que a figura divina é aproximada da figura humana, desse modo afirmar que existe um ser superior que é capaz de fazer tudo com mais destreza que o homem entra em contradição com o que fora falado na primeira parte, pois um ser tão superior não poderia ser mentalmente e nem fisicamente similar ao homem.

Dizias ser muito difícil deduzir o espírito pelo uso dos olhos; contudo, uma vez que não existiria nada mais excelente que deus, não tinhas dúvida de que o mundo fosse deus, em relação ao qual nada é melhor na natureza das coisas: poderíamos pensá-lo apenas como um ser vivo ou, de preferência, divisar esse aspecto pelo espírito, como as demais coisas pelos olhos.¹⁰⁹ (CICERO, 2016, p. 349)

Segundo Zenão, citado por Cota, “o que usa a razão é melhor do que o que não a usa; mas nada é melhor que o mundo; logo, o mundo usa a razão.”¹¹⁰ (CICERO, 2016, p. 349), a afirmação anterior é contraditória, se for analisado que o homem, assim como os deuses, usa a razão. Se a este foi dada a capacidade de usar a razão e seguir o seu caminho, afirmar que o

¹⁰⁸ Tum Balbus: "Equidem attulisse rationes mihi videor, sed eas tu ita refellis, ut, cum me interrogaturus esse videare et ego me ad respondendum compararim, repente avertas orationem nec des respondendi locum. Itaque maximae res tacitae praeterierunt, de divinatione de fato, quibus de quaestionibus tu quidem strictim nostri autem multa solent dicere, sed ab hac ea quaestione quae nunc in manibus est separantur; quare si videtur noli agere confuse, ut hoc explicemus, hac disputatione quod quaeritur." (De Natura Deorum, III, §19)

¹⁰⁹ A consuetudine oculorum animum abducere difficillimum dicebas, sed, cum deo nihil praestantius esset, non dubitabas quin mundus esset deus, quo nihil in rerum natura melius esset. (De Natura Deorum, III, §20)

¹¹⁰ "Quod ratione utitur id melius est quam id quod ratione non utitur; nihil autem mundo melius; ratione igitur mundus utitur." (De Natura Deorum, III, §22)

mundo também usa a razão está na verdade colocando-os em igualdade, pois para haver deuses, o nível de razão destes ou da própria natureza deveria ser superior a razão humana. Contudo, o estoicismo os coloca em um patamar de igualdade, expondo que a própria doutrina mostra a inexistência dos deuses

Zenão, portanto, aproxima a ideia de deus e natureza, como mostrado anteriormente, e que os deuses são dotados de razão tanto quanto os seres humanos. Entretanto, se deus é natureza, esta deveria ser capaz de realizar, por exemplo, atividades tais como leitura. Para tal ele usa a figura de um escritor como forma de justificar a superioridade da natureza e, conseqüentemente, do mundo, assim sendo há um ser capaz de escrever e um ser não capaz de escrever e se o primeiro for superior ao segundo, isso pressupõe que a natureza é superior ao primeiro. Desse modo, ela deve ser capaz de elocução e raciocínios matemáticos e filosóficos, o que pela experiência é possível saber que não ocorre.

Se isso aprouver, já conseguirás que o mundo se assemelhe excelentemente à leitura de um livro; pois, pelas indicações de Zenão, poderás concluir o raciocínio do seguinte modo: ‘O que é escritor, é melhor que o não escritor; nada, porém, é melhor que o mundo; portanto, o mundo é escritor’ – desse modo o mundo será também eloquente e certamente matemático, músico, depois conhecedor de toda ciência e, finalmente, filósofo. Muitas vezes disseste que nada acontece sem deus e que não há na natureza nenhuma força, que possa produzir coisas diferentes de si mesmas; concederei não só que o mundo seja um ser vivo e sábio, como também tocador de lira e de flauta, porque dele são gerados homens também dessas artes? Portanto, esse pai dos estoicos nada apresenta, pelo que pensemos que o mundo usa de inteligência e sequer seja um ser vivo. Logo, o mundo não é deus; contudo, nada é melhor do que ele, seguramente nada é mais belo, nada mais saudável para nós, nada mais encantador pelo aspecto e mais constante nos movimentos. ¹¹¹ (CICERO, 2016, p. 351)

Como a natureza não pode corroborar isso, ou seja, ela não é capaz de provar a existência pela razão, o deus dos estoicos não é um deus verdadeiro. Mas a concepção de um mundo belo e de que nada irá superá-lo em aspectos de encantadora beleza, não deve ser deixada a parte. Portanto, se a natureza não é deus, também não podem ser os astros celestes, pois isso mostra que seus cursos constantes nada possuem de semelhança com os desígnios

¹¹¹ Hoc si placet, iam efficies ut mundus optime librum legere videatur; Zenonis enim vestigiis hoc modo rationem poteris concludere: “Quod litteratum est id est melius quam quod non est litteratum; nihil autem mundo melius; litteratus igitur est mundus” --isto modo etiam disertus et quidem mathematicus musicus, omni denique doctrina eruditus, postremo philosophus. Saepe dixisti nihil fieri sine deo, nec ullam vim esse naturae ut sui dissimilia posset effingere: concedam non modo animantem et sapientem esse mundum sed fidicinem etiam et tubicinem, quoniam earum quoque artium homines ex eo procreantur? Nihil igitur adfert pater iste Stoicorum quare mundum ratione uti putemus, nec cur animantem quidem esse. Non est igitur mundus deus; et tamen nihil est eo melius: nihil est enim eo pulchrius nihil salutaris nobis, nihil ornatius aspectu motuque constantius. (De Natura Deorum, III, §23)

celestes: “Quanto a isso, se o mundo universo não é deus, não o são nem mesmo as estrelas, que, inumeráveis, colocavas no número dos deuses. Os cursos delas, uniformes e eternos, te deleitavam [...] de fato são de admirável e incrível constância.”¹¹² (CICERO, 2016, p. 351)

Apesar da inexistência da superioridade da natureza frente ao homem, seria extremamente rude imaginar que o ser humano está acima dela. A partir disso, Cota indaga “[...] de onde tiraríamos a fala, de onde os números e de onde os cantos; realmente a não ser que pensemos o sol conversar com a lua, quando chegasse perto, o mundo cantar para a harmonia dos sons [...]”¹¹³ (CICERO, 2016, p. 355). Por exemplo, a natureza continua sendo superior ao homem, pois sem ela pouco haveria da existência atual deste, já que ela é a responsável por fazer do ser humano quem ele é, e a única ressalva aqui feita é que apesar da sua grandeza ela não pode ser considerada um ser sublime.

Além da questão da inexistência de um ser superior ao mundo e que tudo rege, Cota também expõe que nenhum corpo pode ser imortal e indivisível já que todo ser tem em sua natureza a sensibilidade a dor. Portanto, as figuras divinas são semelhantes aos humanos em corpo e sentimento e, por isso, seres vivos, não poderiam livrar-se do caráter mortal peculiar à existência humana.

[...] todo ser vivo tem uma natureza susceptível de sofrer, dentre eles não há nenhum que escape de receber algo de fora, isto é, certa necessidade de suportar e de sofrer; e se todo ser vivo é dessa natureza, nenhum é imortal. Portanto, da mesma forma, se todo ser vivo pode ser cortado e dividido, nenhum deles é indivisível, nenhum é eterno; ainda, todo ser vivo foi preparado para receber e aguentar uma força externa. Logo, é necessário que todo ser vivo seja mortal, dissolúvel e divisível.¹¹⁴ (CICERO, 2016, p. 357)

¹¹² Quod si mundus universus non est deus, ne stellae quidem, quas tu innumerabilis in deorum numero repones. Quarum te cursus aequabiles aeternique delectabant, nec mehercule iniuria, sunt enim admirabili incredibili constantia. (De Natura Deorum, III, §23)

¹¹³ At enim quaerit apud Xenophontem Socrates unde animum arripuerimus si nullus fuerit in mundo. Et ego quaero unde orationem unde numeros unde cantus; nisi vero loqui solem cum Iuna putamus cum propius accesserit, aut ad harmoniam canere mundum ut Pythagoras existimat. Naturae ista sunt Balbe, naturae non artificiose ambulantis ut ait Zeno, quod quidem quale sit iam videbimus, sed omnia cientis et agitantis motibus et mutationibus suis. (De Natura Deorum, III, §27)

¹¹⁴ Illa autem, quae Carneades adferebat, quem ad modum dissolvitis: si nullum corpus immortale sit, nullum esse corpus sempiternum: corpus autem immortale nullum esse, ne individuum quidem nec quod dirimi distrahi non possit; cumque omne animal patibilem naturam habeat, nullum est eorum quod effugiat accipiendi aliquid extrinsecus id est quasi ferendi et patiendi necessitatem, et si omne animal tale est immortale nullum est. Ergo itidem, si omne animal secari ac dividi potest, nullum est eorum individuum nullum aeternum; atqui omne animal ad accipiendam vim externam et ferendam paratum est; mortale igitur omne animal et dissolubile et dividuum sit necesse est. (De Natura Deorum, III, §29)

Outrossim, caso exista um ser incapaz de receber uma força externa que culmine com sofrimento, este não pode ser considerado um ser vivo. De fato, há várias coisas que não têm a faculdade de sentir e não perecem em contato com frio, calor, prazer, dor - todavia todo ser vivo possui a capacidade de sentir, por isso nenhum ser vivo é eterno, todo ser vivo irá um dia perecer.

[...] o que é ser vivo, necessariamente deve senti-los e, porque os sente, não pode ser eterno; e todo ser vivo sente: portanto, nenhum ser vivo é eterno. Além disso, não pode existir nenhum ser vivo, no qual não haja o desejo e a aversão naturais. Mas se desejam as coisas que se afiguram segundo a natureza, afastam as contrárias [...] ¹¹⁵ (CICERO, 2016, p. 333)

Além dos aspectos físicos, Cota afirma que os estoicos não possuem uma coerência quanto a escolha dos deuses, pois caso esses existam, seria prudente também considerar que criaturas mitológicas, como Ninfas, Pãs, Caronte, Cérbero, entre outros, dotadas de poderes sublimes, também fossem considerados deuses: “Caso os deuses existam, as Ninfas também seriam deusas? Se as Ninfas o forem, o são também os pequenos Pãs e os Sátiros; esses, porém, não o são e, portanto, nem mesmo as Ninfas [...]”¹¹⁶ (CICERO, 2016, p. 373). Além do mais, resta as incógnitas, por que Júpiter é considerado deus, enquanto seu pai, Saturno, não o é? Por que Apolo, Vulcano, Mercúrio, filhos de Júpiter, são considerados deuses, enquanto Hércules não o é?

Diversas dúvidas surgem da escolha dos deuses, e Cota continua uma extensa lista de homens considerados divinos, mas que não são considerados deuses. Ademais, enquanto alguns deuses são cultuados em determinadas regiões, mortais dotados de talento formidável, como Aquiles, são considerados imortais e venerados como deuses em outras.

E, em muitas comunidades, pode-se compreender que a memória de homens destacados seja consagrada com a honra dos deuses imortais, no intuito de realçar a coragem com que algum prócere tenha assumido o perigo com mais disposição em benefício do bem comum. Em verdade, por essa mesma razão, Erecteu e suas filhas, em Atenas, constam no número dos deuses; da mesma forma, há um santuário em Atenas, que se denomina Leocórion. Os alabandenses realmente veneram com mais fervor a Alabando, pelo qual aquela cidade foi fundada, do que qualquer um dos

¹¹⁵ [...] sin autem quod animal est, id illa necesse est sentiat, et quod ea sentiat non potest esse aeternum; et omne animal sentit; nullum igitur animal aeternum est. Praeterea nullum potest esse animal in quo non et appetitio sit et declinatio naturalis. (De Natura Deorum, III, §33)

¹¹⁶ Si Nymphae, Panisci etiam et Satyri; hi autem non sunt; ne Nymphae quidem igitur. At earum templa sunt publice vota et dedicata. (De Natura Deorum, III, §43)

nobres deuses; entre eles, Estratonico, de modo não deselegante como em muitas ocasiões, quando alguém desagradável lhe afirmou que Alabando era um deus e negou que Hércules o fosse, disse: ‘Então, que Alabando fique furioso comigo e Hércules contigo.’¹¹⁷ (CICERO, 2016, p. 387)

Além disso, Cota argumenta que se alguns astros são considerados deuses, como Diana e Apolo sendo, respectivamente, Sol e Lua, também outros astros devem ser, pois pouca relevância pode ter uma teoria que afirme que alguns são deuses enquanto outros não os são: “pois se a lua é deusa, também Vênus e os outros astros errantes alcançarão o número dos deuses; logo, também os fixos”¹¹⁸ (CICERO, 2016, p. 387). Outrossim, como argumentar a existência de três Júpiteres, como pode ser visto a seguir.

[...] os que se denominam teólogos enumeram três Júpiteres, o primeiro e o segundo deles nascidos na Arcádia, um do pai Éter, do qual declaram terem nascido também Prosérpina e Líber; e o outro, do pai Céu, do qual se afirma ter gerado Minerva, que relatam ser inventora e condutora da guerra. O terceiro, de Creta, filho de Saturno, cujo sepulcro é mostrado naquela ilha.¹¹⁹ (CICERO, 2016, p. 389)

Ou o fato de que são cultuados cerca de quatro Vulcanos.

Também há muitos Vulcanos: o primeiro, nascido do Céu, do qual e de Minerva nasceu aquele Apolo, sob cuja proteção os antigos historiadores queriam que Atenas estivesse; o segundo, Opas, como os egípcios o chamam, nasceu do deus Nilo, ao qual consideram o protetor do Egito; o terceiro, filho de Júpiter e de Juno, do qual se afirma ter presidido a forja de Lemnos; o quarto, nascido de Memálio, que se apropriou das ilhas ao longo da Sicília, por isso chamadas Vulcânias.¹²⁰ (CICERO, 2016, p. 391)

¹¹⁷ Atque in plerisque civitatibus intellegi potest augendae virtutis gratia, quo libentius rei publicae causa periculum adiret optimus quisque, virorum fortium memoriam honore deorum immortalium consecratam. Ob eam enim ipsam causam Erectheus Athenis filiaeque eius in numero deorum sunt, itemque Leonaticum est delubrum Athenis quod $\square\square\omega\square\square\pi\square\square\square\square$ nominatur. Alabandenses quidem sanctius Alabandum colunt, a quo est urbs illa condita, quam quemquam nobilium deorum; apud quos non inurbane Stratonicus ut multa, cum quidam ei molestus Alabandum deum esse confirmaret, Herculem negaret, “ergo” inquit “mihí Alabandus tibi Hercules sit iratus”. (De Natura Deorum, III, §50)

¹¹⁸ Quod si luna dea est, ergo etiam Lucifer ceteraeque errantes numerum deorum optinebunt; igitur etiam inerrantes. (De Natura Deorum, III, §51)

¹¹⁹ Principio Ioves tres numerant i qui theologi nominantur, ex quibus primum et secundum natos in Arcadia, alterum patre Aethere, ex quo etiam Proserpinam natam ferunt et Liberum, alterum patre Caelo, qui genuisse Minervam dicitur, quam principem et inventricem belli ferunt; tertium Cretensem Saturni filium, cuius in illa insula sepulcrum ostenditur. (De Natura Deorum, III, §53)

¹²⁰ Volcani item complures: primus Caelo natus ex quo et Minerva Apollinem eum cuius in tutela Athenas antiqui historici esse voluerunt, secundus in Nilo natus Opas ut Aegyptii appellant, quem custodem esse Aegypti volunt, tertius ex tertio Iove et Iunone, qui Lemni fabricae traditur praefuisse, quartus Maemalio natus, qui tenuit insulas propter Siciliam quae Volcaniae nominabantur. (De Natura Deorum, III, §55)

Além de várias Dianas e Dionisos.

Da mesma forma há muitas Dianas: a primeira, filha de Júpiter e Prosérpina, da qual se diz ter gerado o Cupido alado; a segunda, mais conhecida, que nos chegou como nascida de Júpiter terceiro e Latona; a terceira é referida como a do pai Úpis e da mãe Glauce: os gregos muitas vezes a chamam pelo nome do pai Úpis. – Temos muitos Dionisos: o primeiro, nascido de Júpiter e Prosérpina; o segundo, do deus Nilo, do qual se diz ter matado a Nisa; o terceiro, do pai Cabiro, de quem dizem ter governado como rei da Ásia, e em cuja homenagem foram instituídas as sabázias; o quarto, de Júpiter e da Lua, em homenagem a quem se jura serem realizados os sagrados ritos órficos; o quinto, nascido de Niso e de Tione, em honra ao qual se considera terem sido estabelecidas as trietérides.¹²¹ (CICERO, 2016, p. 395)

Por fim, Cota afirma que as divergências entre as lendas causaram problemas para os estoicos, pois várias foram as histórias criadas para justificar o surgimento dos deuses. Portanto, “todo esse tão grande erro deve ser corrigido pela filosofia, de modo que falemos coisas dignas dos deuses imortais, sempre que discutirmos a respeito deles”¹²² (CICERO, 2016, p. 401). Em vista disso, é necessário procurar em outro lugar sobre a natureza dos deuses, uma vez que aquilo que é exposto pelos estoicos possui muitas incoerências.

2.3.3 – Ataque à noção de governo providencial do mundo

Segundo as edições de Rackham e de Walsh, a terceira parte do livro três deveria abordar o ataque à noção do governo providencial do mundo, contudo quase toda essa parte foi perdida. Segundo Walsh (2008), nesta terceira parte provavelmente seriam discutidos:

- a) Se o universo é realmente governado por uma providência divina;
- b) A ordem das estações e a regularidade do céu;
- c) Os argumentos de Crisipo, comparando o universo a uma bela casa e a harmonia do universo;
- d) Os silogismos de Zenão;

¹²¹ Dianae item plures, prima Iovis et Proserpinae, quae pinnatum Cupidinem genuisse dicitur, secunda notior quam Iove tertio et Latona natam accepimus; tertiae pater Upis traditur Glauce mater: eam saepe Graeci Upim paterno nomine appellant. Dionysos multos habemus, primum Iove et Proserpina natum, secundum Nilo, qui Nysam dicitur interemisse; tertium Cabiro patre, eumque regem Asiae praefuisse dicunt, cui Sabazia sunt instituta, quartum Iove et Luna, cui sacra Orphica putantur confici, quintum Nyso natum et Thyone, a quo trieterides constitutae putantur. (De Natura Deorum, III, §58)

¹²² Omnis igitur talis a philosophia pellatur error, ut, cum de dis immortalibus disputemus, dicamus digna dis immortalibus. (De Natura Deorum, III, §64)

- e) Os impulsos do calor e do fogo;
- f) Se o universo, sol, lua e estrelas possuem inteligência;
- g) A necessidade das estrelas em nutrir;
- h) O universo não foi construído, mas moldado pela natureza.

Segundo Rackham (2005), só foi possível essa dedução em virtude das obras de *Lucio Célio Firmiano Lactâncio*, o qual foi o primeiro conselheiro do imperador cristão, Constantino I. Na sua obra *De Divinis Institutionibus*¹²³, escrita provavelmente em 311 d.C., o autor procurou mostrar as crenças pagãs como forma de justificar os preceitos cristãos. No excerto em questão, Cícero buscava mostrar, provavelmente através de Cota, que os objetos de veneração eram falsos, todavia isso não deveria ser discutido em público para não destruir as crenças religiosas do estado naquela época.

2.3.4 – Ataque ao cuidado da providência em benefício da humanidade.

Na última parte da argumentação de Cota, na qual é abordada a questão da providência, o acadêmico inicia a sua exposição fazendo uma alusão ao fato de ter sido dada a faculdade da razão ao gênero humano. O acadêmico argumenta aqui que alguns utilizam bem a capacidade da razão, mas outros não, o que dificulta as relações humanas uma vez que os prejuízos podem superar os benefícios, pois muitos, mesmo dotados de razão, não são capazes de distinguir o certo e o errado, o que traz grandes malefícios à saúde.

Desse modo, não sei se não teria sido melhor para o gênero humano não lhe terem sido dados de forma alguma – em vez de se lhe darem tão generosa e amplamente – este veloz movimento do pensamento, a acuidade e a sagacidade, que chamamos razão, porque é desastrosa para muitos e salutar para muito poucos.¹²⁴ (CICERO, 2016, p. 409)

Outrossim, se for seguido o que foi dito anteriormente e a capacidade de argumentar com base na razão fora dada aos seres humanos pelos deuses, com o intuito de ajudá-lo, mas

¹²³ Essa exposição está no livro dois da obra *De Divinis Institutionibus*. Não são transcritas as falas de Cícero, mas é feita a exposição do pensamento geral.

¹²⁴ sic haud scio an melius fuerit humano generi motum istum celerem cogitationis acumen sollertiam, quam rationem vocamus, quoniam pestifera sit multis admodum paucis salutaris, non dari omnino quam tam munifice et tam large dari. (De Natura Deorum, III, §69)

somente alguns foram agraciados com o bom uso da razão, isso mostra que os deuses não se preocuparam com ninguém. Cota argumenta isso ao dizer que “[...] ainda que muitos usem a dádiva de modo perverso; muitos também usam mal as heranças, nem por isso deixam de ter o benefício da parte dos pais.”¹²⁵ (p.70, p.411). Isso comprova que não é a herança deixada pelos pais que são as responsáveis pelo filho realizar tarefas boas ou ruins, pois quantos foram os filhos mal-intencionados que acabaram ajudando o próximo, quando na verdade tinham a intenção de prejudicá-lo. Sendo assim, foi dada a razão aos homens, mas não foi determinada a forma como esta deveria ser usada, foi dado o livre arbítrio como forma de escolha, restando ao homem a prudência para escolher usá-la da maneira boa ou ruim.

Pois, esse desejo, essa avareza e esse crime ou são assumidos por determinação aceita, ou se tornam realidade sem movimento do espírito e do pensamento, isto é, da razão. De fato, qualquer conjetura é razão; e realmente razão boa, se for verdadeira, todavia má se for falsa. De deus, porém, temos apenas a razão, se agora a temos, mas termos razão boa ou má depende de nós. Pois não nos foi legada como um patrimônio; pura e simplesmente a razão foi dada em benefício ao homem pelos deuses. Por que motivo os deuses a teriam dado antes aos homens, caso quisessem prejudicá-los? Contudo, que fossem sementes da injustiça, da intemperança e da timidez, se a razão não estiver oculta nesses vícios?¹²⁶ (CICERO, 2016, p. 413)

Cota julga que se os deuses deram ao homem a razão, e intrínseca a ela há o bem e o mal. Com base nisso, os deuses também seriam os responsáveis pelos malefícios, pois “[...] inumeráveis [...] são os que a usam desonestamente, de modo que esse presente divino da razão e do discernimento parece ter sido outorgado aos homens para a fraude, não para o bem.”¹²⁷ (CICERO, 2016, p. 421). Portanto, o que valeria acrescentar ao gênero humano tamanha capacidade se essa é usada de forma equivocada e em prejuízo ao próximo.

Entretanto, não cabe aos deuses a culpa, pois a razão fora dada com um propósito benéfico, e estes nunca imaginariam que o homem poderia corromper algo sublime. Destarte, “[...] essa vossa Providência merece censura por ter dado a razão a quem ela sabia que a

¹²⁵ quod multi eorum beneficio perverse uterentur; etiam patrimoniis multos male uti, nec ob eam causam eos beneficium a patribus nullum habere. (De Natura Deorum, III, §70)

¹²⁶ Quae enim libido quae avaritia quod facinus aut suscipitur nisi consilio capto aut sine animi motu et cogitatione id est ratione perficitur; nam omnis opinio ratio est, et quidem bona ratio si vera, mala autem si falsa est opinio. Sed a deo tantum rationem habemus, si modo habemus, bonam autem rationem aut non bonam a nobis. Non enim ut patrimonium relinquatur sic ratio est homini beneficio deorum data; quid enim potius hominibus dii dedissent si is nocere voluissent, iniustitiae autem intemperantiae timiditatis quae semina essent si is vitiis ratio non subesset? (De Natura Deorum, III, §71)

¹²⁷ innumerabiles autem improbe utuntur, ut donum hoc divinum rationis et consilii ad fraudem hominibus non ad bonitatem impertitum esse videatur. (De Natura Deorum, III, §75)

usaria de modo perverso e desonesto. A não ser, talvez, digais que ela não tinha conhecimento disso.”¹²⁸ (CICERO, 2016, p. 425), entretanto se os deuses desconheciam a capacidade humana de corrupção, em nada eles devem ser prejudicados, nesse sentido a culpa poderia ser considerada divina.

As inúmeras intempéries geradas pelo advento da razão mostram que pouca importância é dada pelos deuses ao gênero humano. Pois como justificar “os bons aos quais tudo aconteceu de mal, e não menos tempo caso eu recordasse como aos desonestos tudo ocorreu otimamente”¹²⁹ (CICERO, 2016, p. 431), já que muitos foram os perversos que faleceram na velhice e muitos os clementes que pereceram na juventude. Segundo Cota, “os deuses descuidam das coisas menores, não acompanham do começo ao fim os pequenos campos nem as videiras pequenas, também não, caso a mangra ou granizo prejudicaram a alguém, isso foi para ser notado por Júpiter.”¹³⁰ (CICERO, 2016, p. 439). Desse modo, pouco importa aos deuses quais serão as atitudes tomadas pelos humanos através da razão, já que o livre-arbítrio permite a utilização da forma como os mortais preferirem. Logo, pouco importa aqueles que morreram cedo, mesmo tendo seguido boas premissas.

Cota exemplifica, então, as inúmeras vezes nas quais a explicação não está em deus, mas no homem. Pois como justificar os atos de Páris, os quais levaram Troia à ruína, ou atribuiu a evolução da medicina a Esculápio, deus da medicina e da cura, ao invés de dá-la à Hipócrates, responsável por diagnosticar diversas epidemias associadas a fatores climáticos. Também deve ser dada a Licurgo a responsabilidade pela ascensão espartana, em virtude de suas leis que determinaram a educação dos jovens, e não a Apolo.

Também não buscamos uma causa em deus, quando vemos a luxúria de Egisto ou de Páris, sempre que ouvimos uma voz semelhante à de culpa; eu considero que a saúde de muitos enfermos foi dada antes por Esculápio do que por Hipócrates. Diria que a disciplina dos espartanos nunca foi dada por Apolo em Esparta, mas por Licurgo.¹³¹ (CICERO, 2016, p. 445)

¹²⁸ sic vestra ista Providentia reprehendenda, quae rationem dederit is quos scierit ea perverse et inprobe usuros. Nisi forte dicitis eam nescisse. Utinam quidem; sed non audebitis, non enim ignoro quanti eius nomen putetis. (De Natura Deorum, III, §78)

¹²⁹ Dies deficiat si velim enumerare quibus bonis male evenerit, nec minus si commemorem quibus improbis optime. (De Natura Deorum, III, §81)

¹³⁰ At enim minora di neglegunt, neque agellos singulorum nec viticulas persequuntur, nec, si uredo aut grandio cuipiam nocuit, id Iovi animadvertendum fuit; ne in regnis quidem reges omnia minima curant[...] (De Natura Deorum, III, §86)

¹³¹ Neque enim quem Hipponactis iambus laeserat aut qui erat Archilochi versu volneratus a deo inmissum dolorem, non conceptum a se ipso continebat, nec cum Aegisthi libidinem aut cum Paridis videmus a deo causam requirimus, cum culpae paene vocem audiamus, nec ego multorum aegrorum salutem non ab Hippocrate potius

Portanto, se os deuses estão ocupados com as atitudes humanas, eles poderiam ter vindo em auxílio àqueles que necessitavam, pois “[...] vós mesmos costumais dizer que nada existe que deus não possa fazer e seguramente sem esforço algum [...]”¹³² (CICERO, 2016, p.447). Todavia, essa inatividade dos seres sublimes só ressalta que não há cuidados com os mortais ou não há uma concordância sobre o que é melhor para os homens.

Contudo, a modeladora e a moderadora de toda ela é a divina providência; dessa forma, para onde quer que se oriente, pode ela realizar tudo quanto queira. Em vista disso, ou não conhece o que pode, ou descuida dos assuntos humanos ou não alcança julgar o que seria o melhor possível. 93. ‘Não cuida de cada um dos homens.’ Nada de admirável: nem mesmo das sociedades; nem destas sequer: nações e raças. Porque, se a essas também menospreza, não é de admirar que todo o gênero humano seja menosprezado por ela? ¹³³ (CICERO, 2016, p. 445/447)

A obra é finalizada sem que seja feita um fechamento conclusivo sobre a existência ou não dos deuses. Balbo encerra afirmando que o que fora dito por Cota é pertinente e abordado com respeito, uma vez que se trata de assuntos delicados para a sociedade vigente. Entretanto, há ainda muito a ser debatido sobre as contendas expostas, mas o encerrar do dia faz com que seja necessário encerrar também o debate, retornando a ele em outro momento.

‘Cota, tu investiste mesmo contra aquele argumento dos estoicos, estabelecido por eles, com o máximo respeito e prudência, sobre a providência dos deuses. Entretanto, uma vez que anoitece, nos darás algum dia, para que possamos argumentar contra esse posicionamento. Pois, há entre mim e ti uma contenda relativa aos altares e aos lares, aos templos e santuários dos deuses, às muralhas da cidade, que vós, pontífices, dizeis serem sagradas e cercais a cidade mais cuidadosamente com a religião do que com as próprias muralhas; considero sacrílego abandonar tudo isso, enquanto eu realmente puder respirar.’¹³⁴ (CICERO, 2016, p. 451)

quam ab Aesculapio datam iudico, nec Lacedaemoniorum disciplinam dicam umquam ab Apolline potius Spartae quam a Lycurgo datam (De Natura Deorum, III, §91)

¹³² [...] vos enim ipsi dicere soletis nihil esse quod deus efficere non possit[...] (De Natura Deorum, III, §92)

¹³³ [...] ut nihil sit quod non ex ea quamvis subito fingi convertique possit, eius autem universae fictricem et moderatricem divinam esse providentiam; haec igitur quocumque se moveat, efficere posse quicquid velit. Itaque aut nescit quid possit, aut negligit res humanas, aut quid sit optimum non potest iudicare. “Non curat singulos homines.” Non mirum: ne civitates quidem; non eas: ne nationes quidem et gentis. Quod si has etiam contemnet, quid mirum est omne ab ea genus humanum esse contemptum? (De Natura Deorum, III, §92-93)

¹³⁴ "Vehementius" inquit "Cotta tu quidem invectus es in eam Stoicorum rationem quae de providentia deorum ab illis sanctissime et prudentissime constituta est. Sed quoniam advesperascit, dabis nobis diem aliquem ut contra ista dicamus. Est enim mihi tecum pro aris et focus certamen et pro deorum templis atque delubris proque urbis muris, quos vos pontífices sanctos esse dicitis diligentiusque urbem religione quam ipsis moenibus cingitis; quae deseri a me, dum quidem spirare potero, nefas iudico." (De Natura Deorum, III, §94)

Cota afirma, então, que gostaria de ser questionado sobre suas concepções expostas e aguardará isso sabendo que suas afirmações poderão ser postas a parte com base na doutrina estoica: ““Eu de fato também desejo ser refutado, Balbo, e no que argumentei, preferi dissertar a julgar; e com certeza sei que posso ser facilmente vencido por ti.””¹³⁵ (CICERO, 2016, p. 451).

Portanto, apesar da obrar iniciar com a voz de Cícero, esta não é finalizada da mesma forma. Sendo somente no último excerto, “Depois que essas coisas foram ditas, separamo-nos de tal modo que a Veleio a argumentação de Cota pareceu mais verdadeira; a de Balbo me pareceu ser mais próxima à semelhança da verdade.”¹³⁶ (CICERO, 2016, p. 451), que não pode ser identificada claramente a voz dos três teóricos. Todavia o uso da segunda pessoa do plural mostra haver um consenso entre eles, com o intuito de assegurar que ainda há muito a ser discutido no que concerne a natureza dos deuses.

¹³⁵ "Ego vero et opto redargui me Balbe, et ea quae disputavi disserere malui quam iudicare, et facile me a te vinci posse certo scio." (De Natura Deorum, III, §95)

¹³⁶ Haec cum essent dicta, ita discessimus, ut Velleio Cottae disputatio verior, mihi Balbi ad veritatis similitudinem videretur esse propensior. (De Natura Deorum, III, §95)

CONCLUSÃO

Este trabalho teve o intuito de expor e discutir a construção dos deuses no *De Natura Deorum* de Marco Tulio Cícero, tendo como pressuposto as doutrinas epicurista, estoica e o ceticismo proveniente da nova academia. O trabalho foi dividido em dois capítulos, sendo o primeiro responsável por situar as doutrinas, com o intuito de informar o leitor sobre cada uma delas de forma simples e prepara-lo para o que será lido no capítulo seguinte. No segundo capítulo foi feita a análise dos três livros, tendo como pressuposto aquilo que foi lido no primeiro capítulo, mas deixando que a identificação de suas peculiaridades fosse constatada no decorrer da análise.

Cícero tentou aproximar conceitos gregos ao cotidiano do povo romano através de diálogos que se assemelhavam a situações rotineiras do dia a dia de Roma. Ademais, o autor confrontou ideias que faziam parte das concepções da época, mas que pouco a pouco eram deixadas a parte pela maioria das pessoas. Todavia, faltava, então, o esclarecimento daqueles que não possuíam o contato constante com os pressupostos gregos, os quais Cícero acreditavam que seriam tão inigualáveis em Latim, quanto em Grego.

Portanto, o conhecimento de Cícero e tudo o que este havia estudado era de grande valia e deveria ser repassado. Em um período de grandes mudanças, como o Helenismo, além das atribuições vivenciadas por ele tanto na vida pessoal quanto política, Cícero se retira para redigir grandes obras que seriam responsáveis por transmitir, até a contemporaneidade, vários preceitos da época, como as *Tusculanae Disputationis*, *De Divinatione*, *De fato* e o próprio *De Natura Deorum*, todavia ele retorna à vida política aos o assassinato de César.

A grandiosidade do autor se mostra viva até hoje, sendo Cícero considerado o modelo da tradição clássica em Latim. Além disso, dentre os autores em língua latina, Marco Túlio Cícero deixou um número incomparável de obras que serviram de modelo para a continuação dos estudos da língua. O que culminou com a admiração de outros grandes teóricos posteriores, como Santo Agostinho, mas principalmente a retomada dos clássicos no Renascimento.

No *De Natura Deorum* Cícero mostrou mais uma vez a sua capacidade de retórica, eloquência e erudição ao construir um texto que mostrasse dúvidas pertinentes do período em que vivia, mas sem deixar claro qual era a sua posição frente às doutrinas expostas. Portanto,

para analisar a obra fora necessário abstrair de conceitos contemporâneos para só então compreender quais eram os problemas enfrentados naquela época.

As doutrinas helenísticas já vinham perdendo força e Cícero escreve como se este ainda fosse jovem, todavia, no momento real da escrita, o autor já tinha por volta de sessenta anos. Isso mostra um momento histórico no qual as doutrinas ainda eram fortes e o povo temia com fervor os castigos que poderiam ser impostos pelos deuses.

A construção dos deuses é feita tendo como base doutrinas escritas cerca de trezentos anos antes, ou seja, a partir dos diálogos são retomadas teorias desde o início da filosofia. Cícero faz, então, no livro I a exposição de diversos filósofos que postularam diversas teorias acerca do cosmo e dos deuses, os quais muitos não deixaram escritos para a contemporaneidade. Oscilando entre as visões estoica e epicurista, o autor prepara o leitor-ouvinte para aquilo que será o ápice da sua teoria sobre os deuses. Enquanto há pouco a ser falado sobre o deus epicurista, são dedicados os Livros II e III inteiramente à exposição e refutação da doutrina estoica. Através de diálogos que retomam aquilo que provavelmente era feito na época, Cícero expõe a concepção estoica, sob a visão de Balbo, e a confronta com a voz de Cota.

Por fim, como já fora dito, Cícero não expõe a sua voz no texto, mas o acadêmico Cota, o qual possui, claramente, a maior autonomia dentro da obra se assemelha aos pressupostos ciceronianos. Tudo que fora apresentado por Caio Veleio e Lucílio Balbo é refutado por ele, sem que nenhum dos dois faça o mesmo com o ceticismo da nova academia. Portanto, os três livros se resumem a uma crítica às duas escolas, enquanto uma se torna a acusadora e, subentendida como a correta.

Desse modo, aquela que não é refutada pode-se considerar que seja a corrente defendida pelo autor, uma vez que não seriam expostos argumentos contra aquilo que faz parte da crença deste. Ademais, ao final do livro III, Cota afirma que gostaria de obter de Balbo argumentos que fossem contrários ao que fora escrito neste livro, todavia, como o cair da noite seria impossível continuar com o debate, o que é uma desculpa providencial para adiar ou não tratar da discussão sugerida.

Vale dizer ainda, que outras obras, como o *De divinatione*, poderiam complementar esse estudo, ao afirmarem a posição de Cícero como acadêmico, todavia essas não entraram nesta pesquisa em função do tempo destinado a elaboração de uma dissertação. Mas pode-se afirmar que mesmo enfrentando diversas atribulações na vida particular e política, Marco

Túlio Cícero não deixou a parte o que fora postulado por ele durante toda a sua vida. Desse modo, o autor não buscava uma forma de atacar os deuses em virtude de seus problemas, mas informar os cidadãos romanos que a figura divina, tal como era exposta pela sociedade, não passava de informações sem sentido, com várias acepções errôneas as quais aprisionavam os indivíduos a destinos que não deveriam ser questionados e situações as quais deveriam ser aceitas de bom grado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUN, Jean. **O Epicurismo**. Tradução: Rui Pacheco. Lisboa: Edições 70, 1959.
- BRUN, Jean. **O Estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1959.
- CAPELLE, Wilhelm. **Historia de la Filosofía Griega**. Editorial Gredos S.A. 1981.
- BURNS, Edward McNall. **História da Civilização Ocidental**. Tradução de Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado e Leonel Vallandro – Porto Alegre: Editora Globo, 1968.
- CHAUI, Marilena. **Introdução à história da filosofia: As escolas helenísticas**, volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Cicero. **De Natura Deorum**. O. Plasberg. Leipzig. Teubner, 1917.
- _____. **De Natura Deorum et Academica**. Translated by H. Rackham, M.A. Michigan: Harvard University Press, 2005.
- _____. **The Nature of the Gods**. Translated with an Introduction and Notes by P.G. Walsh. New York: Oxford University Press. 2008.
- _____. **De Natura Deorum**. Tradução de Bruno Bassetto. Uberlândia: Edufu, 2016.
- CRESCENZO, Luciano. **História Da Filosofia Grega**. Tradução de Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- DUVERNOY, Jean-François. **O Epicurismo e sua tradição antiga**. Trad, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- FOTT, David. **The Politico-Philosophical Character of Cicero's Verdict in The Natura Deorum**. In Cicero's Philosophy. Notre Dame: University of Notre Dame, 2012.
- GLUCKER, J. **Cicero's philosophical affiliations**. IN: DILLON, J. M. & LONG, A. A. (Eds.) The Question of "eclecticism": Studies in Later Greek Philosophy. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 34-69.
- HESÍODO. **Teogonia: A Origem dos Deuses**. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- LUCE, John Victor. **Curso de filosofia grega: do século VI a.C. ao século III d.C.** Tradução de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

MAY, James M. **Brill's companion to Cicero – Oratory and Rhetoric**. Leiden, Boston, Köln: Brill, 2002.

NOVAK, Maria da Gloria. **Estoicismo e Epicurismo em Roma**. Letras Clássicas, n. 3, p. 257- 273, 1999.

PEASE, Arthur Stanley: **The Conclusion of Cicero's De Natura Deorum**. In: Transactions and Proceedings of the American Philological Association. 1913.

REALE, Giovanni. **Estoicismo, Ceticismo e Ecletismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **Pré-socráticos e Orfismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Savian FILHO, Juvenal. **O Epicurismo e a Ética: uma ética do prazer e da prudência**. Bioetikos- Centro Universitário São Camilo - São Camilo, 2009.

SOARES, Willy Paredes. **Abordagem Retórico-Filosófica in De Natura Deorum, Liber Primus de Cícero**. 2008. Dissertação (Mestre em Letras), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

VENDEMIATTI, Leandro Abel. **Sobre a Natureza dos Deuses de Cícero**. 2003. Dissertação (Mestre em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

BIBLIOGRAFIA

Algra, Keimpe. **Stoic Theology**. In: The Cambridge Companion to the Stoics. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 153-178.
<https://doi.org/10.1017/CCOL052177005X.007>

BARNES, Jonathan. **The Presocratic Philosophers**. London: Routledge & Kegan Paul, 1979. 1v.

Frede, Michael. **Stoic Epistemology**. In: The Cambridge History of Hellenistic Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 295-322.

Furley, David. **Cosmology** In: The Cambridge History of Hellenistic Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 412-451.

MARTIN, Thomas. **Ancient Greece: from prehistoric to Hellenistics times**. New Haven & London: Yale University Press, 2000.

MORFORD, Mark. **The Roman philosophers**: from the time of Cato the Censor to the death of Marcus Aurelius. London, Routledge, 2002.

SCHOFIELD, Malcolm. **Academic Epistemology**. In: The Cambridge History of Hellenistic Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 232-250.

WHITE, Michael. Stoic **Natural Philosophy** (Physics and Cosmology). In: The Cambridge Companion to the Stoics. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 125-152.